VIRGÍNIA DE CASTRO E ALMEIDA

A História de Dona Redonda e da Sua Gente

Volume 1

A HISTÓRIA DA DONA REDONDA

E DA SUA GENTE

Volume 1

VIRGÍNIA DE CASTRO E ALMEIDA

Ilustrações de D. Thomaz de Melo

A presente obra respeita as regras

do Novo Acordo Ortográfico

A presente obra encontra-se sob domínio público ao abrigo do art.º 31 do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (70 anos após a morte do autor) e é distribuída de modo a proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da sua leitura. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. Foi a generosidade que motivou a sua distribuição e, sob o mesmo princípio, é livre para a difundir.

Para encontrar outras obras de domínio público em formato digital, visite-nos em: http://www.luso-livros.net/

PREFÁCIO

Em trinta e tantos anos escrevi dois livros para crianças: Céu Aberto e Em Pleno azul, que tiveram um êxito excecional. Ainda agora se estão fazendo reedições dos dois volumes; e vejo que os pequenos de hoje os leem com o mesmo prazer com que os seus pais os leram.

Esses livros não envelheceram porque são humanos e — sem eu dar por tal quando os escrevi — fantasiosos.

As minhas ideias eram então muito diferentes das que tenho hoje. Deixara-me arrastar pela vaga de materialismo e de positivismo na qual os homens do século XIX se afogaram: orgulhosas certezas nas conquistas das ciências experimentais, fé absurda e exclusiva na infantibilidade dos imperfeitíssimos sentidos humanos.

Escrevi então com patético dogmatismo no prefácio do Céu Aberto:

“Não contes nem deixes contar ao teu filho histórias inverosímeis. Divertir as crianças não é povoar-lhes a imaginação com fantasias mentirosas.”

E agora escrevi na introdução ao meu Itinéraire historique du Portugal "...et bien pauvre est celui qui se promène par le monde, riche ceulement des valeurs que ses sens lui offrent. Il n'y a de pire criminel que le tueur de rèves car, en dehors des rèves, il reste en ce monde bien peu de vérités."

Parece haver um abismo entre estas duas asserções. Mas não há, porque, se a minha atitude mental é diferente nos dois casos, o espírito é o mesmo. Por exemplo: quando descrevi aos pequenos leitores do “Céu Aberto” o Moisés de Miguel Ângelo, dei a esta estátua uma vida intensa e terrível que a pedra não tem; e nas imaginações infantis o maravilhoso surgia aí tão convincente como o que agora envolve o simbólico dragão da Dona Redonda. Num e noutro caso o maravilhoso, o sonho, a fantasia, o génio, fundem-se e animam a matéria. A diferença está em que no “Céu Aberto”, enquanto eu julgava só falar de coisas acessíveis aos sentidos, o maravilhoso (esse inverosímil

estigmatizado por mim no prefácio) surgia irresistivelmente do meu espírito adormecido; e na História da Dona Redonda o meu espírito, agora consciente, proclama a indivisível qualidade terrestre dos mundos visível e invisível, dois mundos distintos num só mundo verdadeiro.

Este segredo — cofre sagrado encerrando tantas coisas preciosas que cegamente os homens procuram fora dele — , este segredo que devemos descobrir durante a nossa passagem na terra, foi-se-me revelando a pouco e pouco através de muitos e muitos anos de vida intensamente e duramente vivida. Prolongados contactos espirituais com muitas e desvairadas gentes por esse mundo fora; tempestades e calmarias, lutas, sonhos, tristeza, alegrias, trabalho, muito trabalho. Enfim, experiências sem conta em meios e circunstâncias diferentes, entre raças, classes, e costumes diversos. E sei hoje afinal o que não sabia há trinta e tantos anos; sei que não sei nada, mas que há: "more things in heaven and earth, Horatio, than are dreamt of in your philosophy".

Há setenta e tantos anos um inglês chamado Charles Dodgson publicou, sob o pseudónimo de Lewis Carroll, um

livro para crianças: Alice's adventures in Wonderland. A este volume seguiu-se outro: Through the looking glass. Há talvez ingleses que não tenham lido a obra de Shakespeare, mas é bem difícil encontrar um só que desconheça as aventuras de Alice e cujos olhos se não iluminem ao ouvirem falar da obra de Carroll.

Esta obra tornou-se a leitura clássica dos pequenos anglo-saxões há já três gerações; e nenhum de eles esquece pela vida fora os episódios de estas fantásticas e embrulhadas aventuras onde os mundos visíveis e invisíveis aparecem estreitamente ligados pelo mais subtil "sense of humour" — essa tábua de salvação ou válvula de segurança do convencionalismo inglês.

Nós, os latinos, tão hábeis na piada ou no “jeu de mots”, entendemos dificilmente o humor, essa varinha de condão que toca nas almas simples e robustas e provoca o lindo fogo de artifício do riso sem malícia.

Alice in Wonderland e Through the looking glass, são a Apocalipse dos pequenos, cuja recordação acompanha o andar pela vida além, cuja significação mais tarde e a pouco e pouco vai surgindo. São duas torres encantadas,

como a torre encantada da própria Vida, onde janelas novas se vão abrindo por magia, dissipando sombras, revelando segredos, à medida que a gente sobe.

Talvez me acusem de pretender neste livro imitar Carroll. Imitar, não; graças a Deus nunca imitei ninguém. Mas confesso a minha aspiração de criar uma obra que tenha sobre os pequenos portugueses o efeito e a influência que Alice in Wonderland teve e tem sobre aqueles para quem foi escrito.

A História de Dona Redonda é um ensaio de humor ao alcance das crianças latinas; é também um ensaio de princípios tónicos, estimulantes e duros, adaptados aos tempos modernos nos quais a Vida toma imprevista feição e as lutas são já diferentes das que se pelejavam há pouco; princípios que arvoro em contraposição à moral adocicada, a goody-goodyness dessorada e sem efeitos construtivos, mas que ordinariamente envolve e domina ainda a nossa literatura infantil.

Quinta da Marinha — Cascais. Fevereiro de 1941.

Virgínia de Castro e Almeida.

CAPÍTULO 1

OS TRÊS RAPAZES E A ZIPRITI

Era uma vez um pinhal.

Um pinhal de pinheiros mansos e bravos. Também havia cedros; e havia acácias que se cobriam de flores amarelas e cheiravam bem.

O pinhal era muito grande. Ninguém sabia onde ele acabava; ia por ali fora, por ali fora, pela beira do mar. Os pinheiros avançavam o mais que podiam para o mar, e iam até muito pertinho dele, até à barreira de rochedos e de praias onde nenhuma árvore podia crescer.

Havia muitas estradas dentro do pinhal. Iam para um lado e para outro, muito cheias de sombra, e não se lhes via o fim.

Havia também casas; casitas pequenas, uma aqui outra acolá. Mas o pinhal era tão grande que uma pessoa podia

andar léguas dentro dele sem ver nenhuma casa e sem encontrar vivalma.

À roda das casas não havia galinheiros nem hortas, nem jardins; só mato e pinhal por todos os lados.

As casas eram todas muito branquinhas mas tinham as portas e as janelas verdes, outras encarnadas, outras azuis; e os telhados eram cor-de-rosa. Estavam quase sempre fechadas.

Era muito raro ouvir-se vozes ou ver-se gente no pinhal.

Um dia, de manhãzinha, um rapaz ia de bicicleta por uma daquelas estradas fora. Era um bonito rapaz dos seus doze anos. Delgado, rijo, bem feito de corpo, com os olhos castanhos muito lindos e cabelo preto encaracolado.

Via-se que andava sempre ao tempo; tinha a pele tisnada do sol e do vento. Ia descuidado e contente da sua vida, de nariz no ar, e pensava de si para si:

Se essa floresta fosse em África, podia muito bem saltar-me do mato, de repente, um leão. Já se vê se fosse em África, eu levava uma carabina. Apontava-a logo ao leão,

ali, muito certinho entre os dois olhos e... Pam! Pam!... era uma vez um leão!

Aqui nunca acontece nada. Só há coelhos, raposas, algum gatito bravo." Nisto reparou que lá muito adiante, muito longe, na encruzilhada das estradas, uma coluna de fumo delgada e azul, subia para o céu; e subia muito direitinha porque não havia vento nenhum.

— Olá! — disse ele consigo. — Isto é novidade. Quem estará ali na encruzilhada a fazer uma fogueira?

Começou a pedalar mais depressa.

Quando chegou perto, viu dois rapazes a assar pinhas para lhes tirarem os pinhões.

— Bons-dias, disse o rapaz da bicicleta.

— Bons-dias, responderam os outros. E um deles, que tinha o cabelo muito louro e os olhos muito azuis, acrescentou logo com muito bom modo:

— Queres pinhões?

Falavam português, mas o rapaz da bicicleta percebeu que eram estrangeiros. Encostou a bicicleta a uma árvore, sentou-se no chão ao pé deles e começou logo a ajudá-los

no trabalho de abrir as pinhas. O rapaz pôs-se a conversar com ele.

— Os pinhões aqui são bons.

— É uma fartura.

— Também há murtinhos.

— Mas isso não é tão bom.

— Como te chamas? perguntou o da bicicleta ao rapaz louro.

— Sou Franz. E tu?

— Chico. E aquele?

— Aquele é o Dick.

Chico — porque não fala ele com a gente?

Franz — Porque não te conhece.

Chico desatou a rir e Dick corou até às orelhas.

Chico — Essa agora! Eu também te não conheço e estou a falar contigo.

Franz — São costumes lá da terra dele. Ensinaram-no assim.

Chico — De que terra é ele?

Franz — É inglês. Não vês como tem os cabelos ruivos e sardas na cara?

Chico — O que ele tem é muita lã. Mas há de perdê-la: com duas lamparinas, cai logo.

Franz — Deixa lá. Não faças caso. Tem aqueles preceitos mas é bom rapaz.

Chico, começando a zangar-se — Qual bom rapaz nem qual carapuça! Pensa que é mais do que eu? A gente a conversar e aquele espantalho ali sem dar confiança, nem que fosse um surdo-mudo!

Dick levantou-se, encarnado que nem um pimentão e afastou-se sem dizer palavra. Mas o Chico foi logo atrás dele e deitou-lhe a mão a um braço.

Chico — Onde vais tu assim todo lampeiro, meu figurão das dúzias? Se pensas que me hás de tratar por cima do ombro, estás muito enganado.

Dick voltou-se e, sem dizer palavra nem mudar de cara, desfechou um murro ao Chico que o atirou ao chão. Era alto e forte, mais alto e mais forte que o Chico.

Franz, acudindo — Isso não vale, Dick. Ele é mais pequeno do que tu.

Chico — Não quero saber. Porque se meteu comigo?

Chico levantara-se, furioso. Com uma rapidez extraordinária e antes que o outro o pressentisse, atirou-lhe duas grandessíssimas bofetadas que estalaram como foguetes.

O Dick não se alterou. Curvou as pernas, inclinou-se para a frente de punhos fechados em posição de box e atacou. Mas o Chico, leve que nem uma pena, deu uma pirueta no ar evitando o murro do Dick e ferrou-lhe um pontapé no sim — senhor. O Dick desfechou-lhe um terceiro murro com toda a força; o Chico deu um salto para o lado e o Dick estatelou-se no chão.

— Bom, disse o Franz, agora já basta. O Dick ao cair esfolara um joelho. O Chico ajoelhou e tirando o lenço do bolso atou-lhe à ferida com muito jeito.

— Muito obrigado, disse o Dick estendendo-lhe a mão.

Chico — Ah! Agora já me conheces, hein?

Franz — Está bom. Não se fala mais nisso.

Dick, batendo no ombro do Chico — Amigos?

Chico — Amigos. Mas não tornes a tratar-me de alto.

Dick — Não é tratar de alto. São costumes da minha terra.

Franz — Cada terra com o seu uso. E esta terra tem os seus.

Chico — E tu, Franz, também tens costumes da tua terra? Qual é a tua terra?

Franz — Sou alemão.

Chico — Como é que vocês vieram aqui parar?

Dick — É por causa da guerra.

Chico — Da guerra? Espera lá. Tu és inglês e o Franz é alemão. Então vocês são inimigos.

Franz — Isso é lá com as pessoas crescidas.

Dick — Nós somos amigos. Quantos anos tens?

Chico — Doze. E tu?

Dick — Onze e meio. E o Franz tem onze.

Chico — Olha um coelho! Ali! Ali!

Desataram a correr pelo mato dentro. Eram todos três rijos e leves. O sol coado pelo arvoredo dava ora nos cabelos ruivos do Dick, ora nos louros do Franz, ora nos negros do Chico. Correria doida. Salto aqui por cima de um pedregulho, além para galgar uma moita alta de tojo bravio.

Já se vê, o coelho fugiu, desapareceu. Pararam afinal os três, suados, afogueados, com as pernas arranhadas pelo mato.

Chico — Passou-me tão pertinho, o mariola, que por pouco lhe não deitei a unha.

Franz — Pensei que lhe tinha acertado com uma pedra mas o espertalhão sumiu-se naquela moita.

Dick — Ainda lhe toquei de raspão com este pau.

Nisto ouviram uma vozita esganiçada a gritar:

— Ai! Ai! Ai! Aqui d’el-rei! Zipriti medo. Ai! Ai!

Os rapazes, espantados, olharam uns para os outros.

— O que é isto?

— Vamos ver, depressa.

— Por aqui, por aqui...

Começaram a procurar. A voz ora parecia mais perto, ora mais longe.

— Ai! Ai! Ai! Medo! Aqui d’el-rei! Zipriti medo. Quem acode!

Os rapazes espreitavam entre as moitas altas e os pedregulhos, por detrás das árvores. Nada.

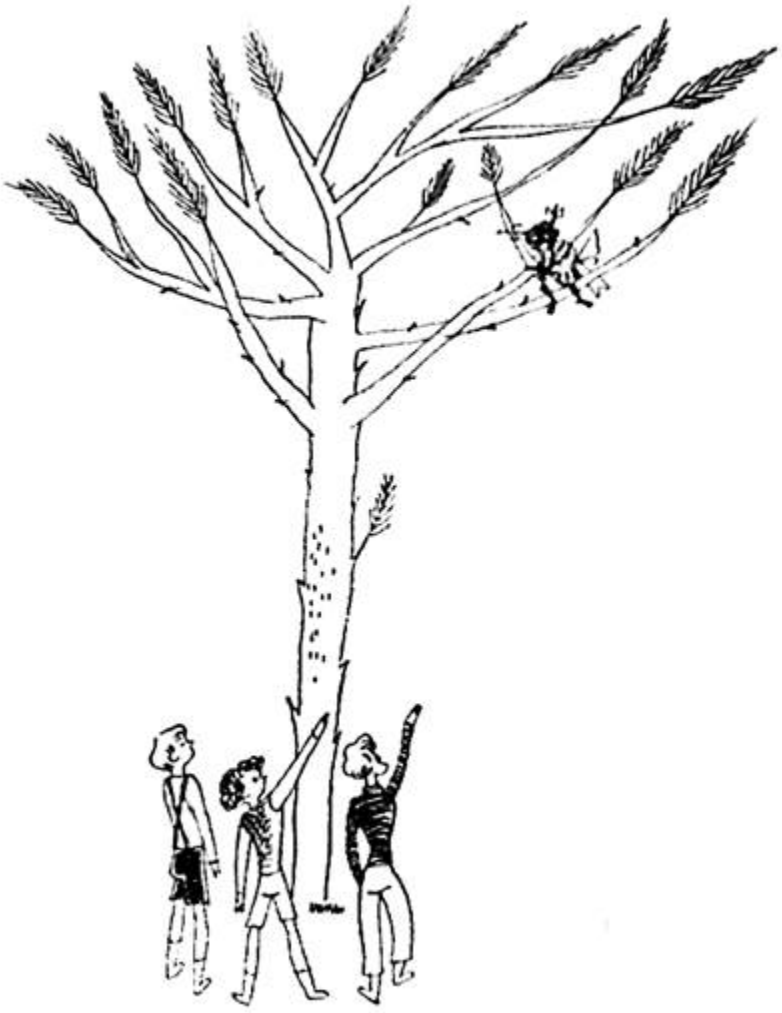
— Ai! Ai! Ai! Quem acode! Zipriti sobe e não desce, não. Ai! Ai!

Chico, parando, desconfiado — Sobe e não desce? Isto é coisa má.

De repente o Franz gritou:

— Olha! Olha! Em cima daquele pinheiro!

Todos olharam para a copa de um grande pinheiro manso; e viram lá em cima uma coisa pequenina, amarela, encarnada e verde, a mexer entre a ramaria.



— Que será aquilo?, perguntou o Chico.

A vozita desceu lá de cima, muito explicada:

— Bicho raposa saltou. Zipriti foge depressa. Corre, corre. Medo. Zipriti sobe árvore. Não... Não desce, não... Vem buscar Zipriti.

— Que história é esta? disse o Dick muito admirado.

Os outros dois desataram a rir.

A tal coisa pequenina escorregou de um ramo para outro e começou a guinchar:

— Ai! Ai! Zipriti cai! Aqui d’el-rei! Ai Ai!

Então apareceu, no topo daquela coisa pequenina amarela, encarnada e verde, uma carinha cor de café com leite, a espreitar cá para baixo com os olhos muito arregalados.

O Chico agarrou-se ao tronco do pinheiro e começou a trepar. E os outros dois atrás dele. Quando chegaram lá acima, viram a mulatinha muito bem sentada num tronco com os cotovelos nos joelhos e a carita entre as mãos.

— Zipriti quer descer. Não sabe descer, não... Medo...

— Agarra-te ao meu pescoço, disse o Chico. Força. Assim. Dick, vê se a vais amparando.

Começaram a descer com muito cuidado e muita dificuldade. Quando iam a chegar abaixo, a mulatinha desprendeu-se do pescoço do Chico, saltou para o chão e começou a dançar em cima da caruma, toda contente.

Era muito pequenina e muito gordinha. Tinha um vestido às riscas verdes e amarelas e um grande laçarote vermelho na cintura. O cabelo muito frisado e preto de azeviche. Tinha uma risca da testa à nuca e descia-lhe dos dois lados da cara em duas trancinhas que pareciam dois rabichos, com lacinhos encarnados nas pontas.

Os rapazes pasmavam para ela.

Franz — Quem será esta mulatinha?

A mulatinha parou de dançar e disse:

— Não é mulatinha, não. É branca de neve. Ai! Ai! Zipriti muito linda.

Começou a rir. Tinha os beiços muito encarnados. O riso repuxava-lhos quase até às orelhas e aparecia a correnteza dos dentinhos muito brancos. Bateu no peito com força:

— Zipriti! Zipriti!

Chico, desconfiado — És muito esquisita. Não me pareces coisa boa. Onde moras?

Zipriti, andando à roda e apontando para todos os lados — Ali! Ali! Ali!

Chico — Pois é. Moras no pinhal inteiro.

Franz — E como é que subiste ao alto do pinheiro?

Zipriti agarrou-se ao tronco da árvore e começou a trepar como um macaco. Os rapazes correram para ela, desprenderam-na do pinheiro e puseram-na no chão.

— Nada disso! Nada disso! — disseram eles. Dick — Se és tão desembaraçada, porque não desceste do pinheiro sozinha?

Zipriti-Zipriti sobe ligeiro, Ligeiro... Não desce, não. Medo.

Começou a saracotear-se de um lado para o outro, de mãos nas ilhargas; e de repente desatou a cantar com uma voz muito aguda e desafinada. E, sempre de mãos nas ilhargas, arregalando os olhos e fazendo passinhos de dança, cantou esta cantiga:

Mulatinhas e crioulas

Foram-se lavar ao mar,

Deixaram as águas turvas

Sendo elas um cristal.

Parou um instante, tomou fôlego e continuou muito depressa:

Bub, bó bó

Arrenego g ó gó

Da mulete c é cé

Olha que levas é lé

Calabró t é té.

Quando chegou ao fim calou-se empertigou-se toda e olhou para os rapazes com ares triunfantes.

Os rapazes começaram por se espantar, mas à medida que ela cantava com aqueles modos e passinhos, não puderam deixar de rir; e por fim riam tanto que acabaram por se rebolar no chão.

Quando conseguiram sossegar, a Zipriti estava a olhar para eles de revés e a chupar no dedo, desconfiada e amuada:

Franz — Tudo isto é muito bonito. Mas que vamos nós fazer agora?

Dick — Não sabemos onde Zipriti mora e ela não sabe explicar. E onde estamos nós? Cá por mim. Não sei. Nunca vim aqui.

Começaram a olhar em volta, cada qual fazendo a diligência de se orientar. Só viam pinhal e mais pinhal. Nem estrada, nem atalho, nenhum carreiro, nada. Mato alto por toda a parte.

Franz — De que lado é que a gente aqui veio ter?

Chico — Sei lá! Demos tantas voltas atrás do coelho e depois à procura da Zipriti!... Só do que me lembro é de ter o sol na cara.

Franz — Então vamos andando agora virando as costas ao sol. Sempre a direito, nessa direção, havemos de dar com a estrada.

Puseram-se a caminho. O Dick levava a Zipriti por uma das mãos e o Chico pela outra. Quando o mato era mais alto levantavam-na ao ar. O Franz ia adiante com um pau a bater nas moitas de tojo para não picarem as pernas.

A Zipriti não se calava. Passara-lhe o amuo.

— Ai! Ai! Pica as pernas. Zipriti cansada. Zipriti fome. Zipriti quer chá. Zipriti sono.

Chico — Vá lá! Só mais um bocadinho.

Zipriti, cantando:

Buó, bó bó Arrenego, gó gó.

— Ai! Ai! Tojo pica! Zipriti não anda mais não. Ai! Ai!

Chico — Quem te ensinou essa cantiga?

Zipriti — Foi Bonda. Bonda amigo: Bonda sabe muitas cantigas. Bonda leva Zipriti às cavalitas. Ai! Ai! Zipriti não anda mais, não. Cansada. Cavalitas. Ai! Ai!

Dick — Quem é o Bonda?

Zipriti — Bonda é Bonda. Zipriti quer Bonda. Zipriti sono. Cavalitas. Ai! Ai!

Encolheu as pernas. O Chico e o Dick tinham que a levar dependurada pelos braços. Se não aguentavam assim no ar,

ela deixava-se ficar no chão, sentada a rir, toda contente da sua vida. O Chico e o Dick iam alagados em suor.

— Agora é a minha vez, disse o Franz. E... pegou nela ao colo. Mas Zipriti não queria colo; queria cavalitas. E lá a foram levando às cavalitas ora um, ora outro.

O sol escaldava. Os rapazes iam estafados e cheios de fome.

— Que é isto? Escutem! — disse o Franz parando de repente.

Puseram-se todos à escuta.

Era ao longe o ladrar esganiçado de muitos cães pequenos, misturado com o ladrar forte de um cão grande.

A Zipriti que ia às cavalitas do Chico desatou aos pulos e a berrar:

— São Pikis! São Pikis!

Chico, zangado — Não me puxes os cabelos, senão levas!

Zipriti — Pikist Pikist

Dick — Pikis! Que quer isso dizer?

Zipriti, muito desinquieta, apontando para o mato — Ali! Ali! Pikis! Lá vêm eles! Zipriti chão!

O Chico pô-la no chão.

Zipriti — Ai! Ai! Zipriti cavalitas. Ai? Ai! Zipriti medo. Gato bravo!

Viram então, ao longe, o topo das urzes e das murtas agitado como por uma corrente de vento... E por cima, no ar, um rasto de poeira levantada. Aquilo vinha direito a eles como um comboio escondido. Depressa, depressa.

Zipriti começou aos saltos como uma bola de borracha, gritando:

— Ai! Ai! Cavalitas! Gato bravo! Ai! Ai! Um bicho do tamanho de um gato passou como um raio em frente deles.

Levava a cauda erguida; e a cauda era grande, felpuda, toda aos anéis pretos e brancos.

Logo a seguir passou um cão pequeno, castanho e luzidio, comprido e roliço como um chouriço, com as patas muito curtinhas, o nariz muito agudo e grandes orelhas a dar e dar; e logo outro, e outro. Um, dois, três, quatro... todos

iguais. E atrás deles um cão muito grande, preto, lanzudo, com meio corpo tosquiado; na metade detrás parecia um galgo, na metade de diante parecia um urso.

— Tritão! Tritão! gritou a Zipriti, Pikis! Pikis! E os cães ao passar, na carreira em que iam, viravam a cabeça para ela e soltavam uns latidos amigos, como quem dizia:

— Bem te conhecemos. Adeus. Adeus. Não podemos parar. .

Atrás deles vinha uma grande quantidade de coelhos, a galope, a galope. tantos que nem se podiam contar.

Entre o mato, lá muito adiante, via-se a cauda alçada do gato bravo... Mas seria? Tinha crescido tanto que chegava à ramaria dos pinheiros; e já não era branca e preta, era azul e branca. Como podia ser?

E viam-se os lombos lustrosos dos cães pequenos aos galões, aos saltos, galgando moitas e rochas. E já não eram pequenos, e já não eram quatro, eram dezenas, eram centenas. E a cabeçorra negra do cão-urso, e os coelhos. zás, zás, zás. a galope, a galope... tão depressa como se um vendaval os levasse.

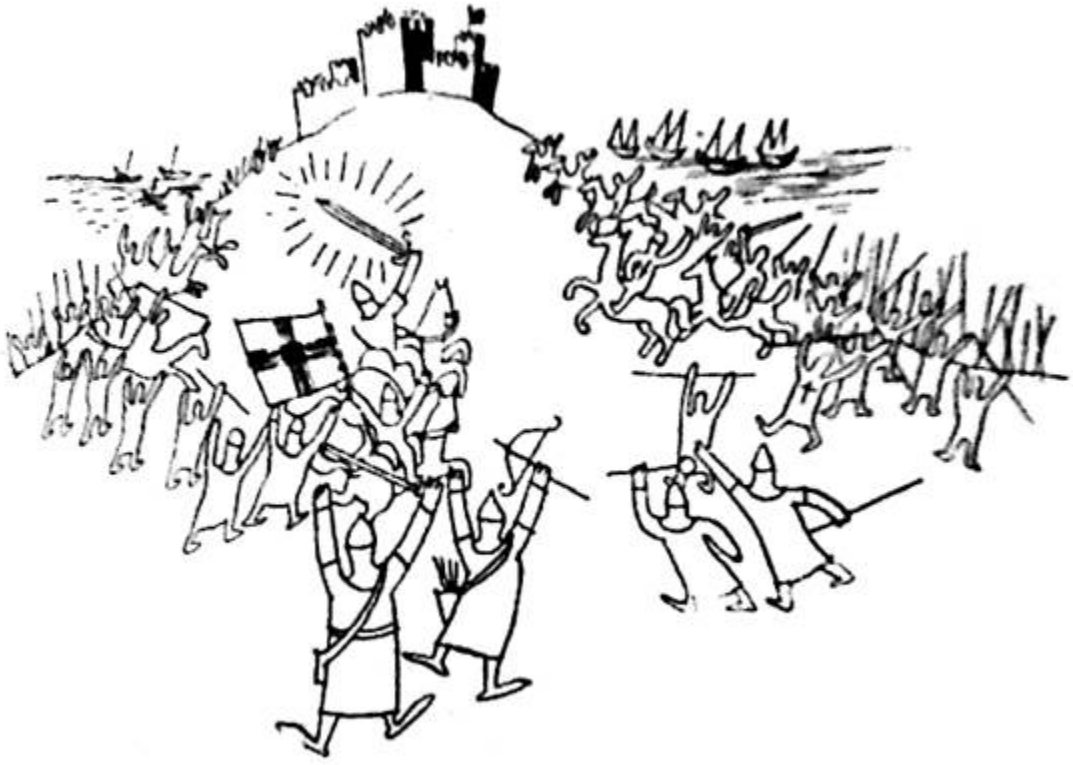
O que era aquilo? Tudo estava mudado... Até o ar era outro; e a poeirada levantada tanta, tanta, que parecia um nevoeiro.

Sem saberem porquê, como se uma força, que não era deles, os empurrasse, os três rapazes abalaram a correr também, quanto mais podiam... a Zipriti atrás deles com tanto desembaraço que era de pasmar em corpo tão pequeno.

Em tal confusão, entre nuvens de pó, os rapazes perceberam que aquela coisa azul e branca que ia diante deles, lá ao longe, era o guião branco com a cruz azul de D. Afonso Henriques. Mas não se admiraram... Tudo era de repente tão extraordinário! Só pensava em correr, correr.

E os cães já não eram cães; eram cavalos. Montados nesses cavalos — centenas de cavalos! — iam homens com as suas cotas de malha e capacetes de ferro e lanças e espadas nas mãos...

O Chico, o Franz e o Dick viram-se de repente a cavalo também entre aqueles cavaleiros... E os coelhos já não eram coelhos eram homens de armas, a pé, a correr, a gritar, agitando lanças, chuços, maços cravejados de pregos... tudo num grande tropel, que até o chão tremia.

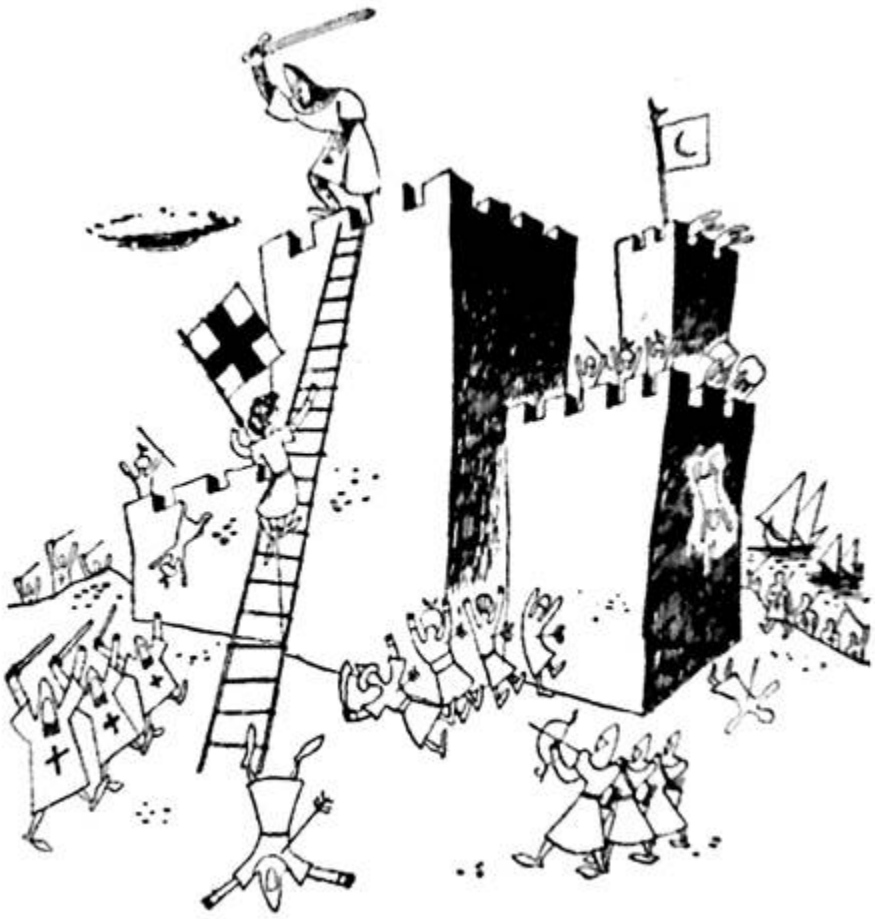


Lá adiante ia uma figura maior que as outras todas, em pé nos estribos, com espada erguida a faiscar ao sol como se fosse de lume. Seria uma chama?... E ouvia-se uma voz que enchia o ar todo:

— Santiago! Santiago!

Fosse porque o sol lhe desse em cheio ou fosse por outra razão, a cruz azul sobre o quadrado branco, lá ao longe, parecia feita de luz.

Tudo ia de tropel por um monte acima. Lá no topo do monte erguia-se o Castelo de São Jorge. Sim, senhor, o Castelo de São Jorge, nem mais nem menos. E entre as ameias estava um monte de mouros a entornar cá para baixo caldeirões de azeite a ferver e a empurrar lá do alto fardos de palha e de estopa a arder, e pedregulhos, sobre a multidão dos guerreiros cristãos que trepavam sem medo nenhum por escadas encostadas às muralhas.



Foi nesse instante que surgiu de um lado do Castelo, um grande troço de mouros fazendo grande gritaria. Tantos! Tantos!

O Chico foi o primeiro a atirar-se a eles e naquela grande confusão da batalha, ia matando e ferindo, à direita e à esquerda... Zás! Trás! Toma! Toma! Por onde ele passava, era uma limpeza... Ia tudo raso... De súbito, surgiu-lhe pela frente um latagão de um mouro, muito escuro, com os

dentes arreganhados de fúria, que metia medo. E o Chico. Zás! Atravessou-o com a lança de lado a lado e deu cabo dele. Mas não pôde retirar a lança tão depressa quanto queria... E, logo um outro mouro se chegou a ele de espada erguida e ali acabaria a vida do Chico, se não fosse o Dick, que de um formidável e certeiro golpe de espada, cortou o braço já erguido do mouro.

Logo a seguir, viram o Franz, rodeado de mouros por todos os lados e batendo-se como um leão. Correram logo os dois para o pé dele. O Chico levantou a espada e, de um só golpe, cortou a cabeça a um dos mouros; e tal foi a força do golpe que a cabeça foi pelo ar cair muito longe. O Dick espetou outro inimigo com a lança, erguendo-o do chão assim espetado, atirou-o para trás de si como se não fosse nada. E o Franz levantando a espada com ambas as mãos, descarregou um tal golpe na cabeça de um mouro que o rachou a meio, de alto a baixo, e cada metade caiu para seu lado.

Os outros mouros, ao verem isto, não quiseram saber de mais nada e fugiram todos espavoridos; e os cristãos atrás com tal gana que deram cabo deles.

Então os três amigos, que já não tinham cavalos, foram a correr direitos à muralha e começaram a trepar pelas escadas. Adiante do Chico ia o alferes-mor com a bandeira de D. Afonso Henriques. Mas um pedregulho atirado pelos mouros deu-lhe em cheio no peito e ele tombou para trás desamparado; e ao cair, meio morto, ia largar a bandeira

quando o Chico lhe deitou a mão e, com ela bem erguida, subiu até ao alto da muralha e agitou-a lá em cima... Ao seu lado estava o Franz e o Dick a defenderem a bandeira.

Logo a seguir apareceu D. Afonso Henriques no alto da muralha. Parecia um gigante. O sol batia-lhe no capacete e coroava-o de fogo; a coisa mais bela que se podia ver.

— Santiago! Santiago!

Em frente da porta do Castelo havia muitos cristãos com máquinas de guerra para a arrombar. Ouviram-se as pancadas do vaivém: Bumba! Bumba! Tudo era clamores, choque de armas, gritos, confusão. Os três amigos ouviam os cavaleiros à sua volta gritar:

— Morte aos infiéis Morte aos inimigos de Jesus Cristo!

Mas cada qual gritava na sua língua, uns em alemão, outros em inglês, outros em francês, outros em flamengo, outros em português...

Foi naquele momento que o Chico reparou nas grandes cruzes brancas que o Dick e o Franz traziam no peito; e percebeu que eram Cruzados, daqueles que, de passagem nos seus navios para a Terra Santa, tinham ancorado no

Tejo e ajudavam D. Afonso Henriques a conquistar Lisboa aos Mouros.

Depois de muito batalhar, o Chico, o Dick e o Franz viram-se de repente dentro do Castelo, num largo. O chão estava juncado de mouros sem vida; e havia um monte deles prisioneiros, furiosos mas bem guardados pelos soldados cristãos. No alto de uma escadaria lá estava D. Afonso Henriques e, ao seu lado, a bandeira quadrada com a cruz azul. Como aquele homem era grande, e lindo, e forte!

Todos gritavam:

— Portugal! Portugal! Portugal!

O Chico ficou à espera de ouvir:

— Quem manda?

Para responder logo:

— Salazar! Salazar! Salazar!

Mas caiu em si e pensou:

— Já se vê que não pode ser. Só daqui a oitocentos anos é que pode ser.

Sentiu uma comichão no queixo e levando lá a mão para se coçar, percebeu que tinha barba. "Que trapalhada!" Disse de si para si. Mas não teve tempo de pensar nestas coisas porque fidalgo português chamou por ele, pelo Dick e pelo Franz. E foram todos três e ajoelharam em frente de D. Afonso Henriques que deu a cada um uma pancada na nuca com a espada, dizendo:

— Pela vossa bravura e lealdade nesta batalha, em nome de Deus aqui vos armo cavaleiros.

E apareceram uns pajens que deram a cada um uma linda espada e um par de esporas de ouro que só aqueles que pertenciam à nobre ordem da Cavalaria, podiam usar.

E ali, solenemente, em frente de D. Afonso Henriques, juraram defender até à morte a santa religião de Jesus Cristo, assim como a todos os fracos e infelizes do mundo que precisassem do seu socorro.

Depois afastaram-se. Então, juntando as três mãos direitas sobre a espada do Chico, juraram uns aos outros amizade fiel e leal para sempre.

Olharam-se com espanto. Só agora reparavam que eram homens feitos, grandes e fortes. A barba do Chico era preta, a do Dick ruiva, a do Franz muito loura. E todos três sentiam o coração a bater tanto, tanto, de alegria e de orgulho, que nem podiam arrumar na cabeça as ideias que lá andavam em grande confusão.

Nisto viram uma coisa extraordinária. Ao lado de D. Afonso Henriques aparecera de repente um trono pequenino que parecia um trono de Santo António, muito enfeitado e cheio de luzinhas. No alto, muito bem sentado de pernas cruzadas, estava uma figurinha muito ratona: grandes calções tufados de seda às riscas verdes e amarelas, um manto muito rico de veludo encarnado, um turbante enorme e amarelo como uma abóbada encaixado na cabeça e um véu que lhe tapava a cara e só lhe deixava os olhos a descoberto. Mas aqueles olhos pretos, muito espertos e lustrosos, os três amigos logo os conheceram. A figurinha, apesar de estar no alto do trono, mal chegava à cintura de D. Afonso Henriques. E este grande príncipe disse assim:

— Esta é a ilustre princesa moura Zenaida Aberracim.

Logo avançou um cavaleiro enorme seguido por muitos guerreiros tão grandes como ele, e gritou:

— D. Afonso Henriques! Eu sou um príncipe flamengo, capitão dos Cruzados da minha terra. Ajudei-te a conquistar Lisboa aos Mouros. Peço-te em paga a princesa Aberracim, tua prisioneira.

Antes que D. Afonso Henriques tivesse tempo de responder, o Chico, o Franz e o Dick avançaram para o trono da princesa e disseram sem mais cerimónias:

— A princesa Zenaida Aberracim é nossa.

No mesmo instante a princesa rebolou pelos degraus do trono abaixo, trepou como um gato pelo Franz acima, deu um salto para o ombro do Dick e outro salto para cima da cabeça do Chico onde se sentou, e disse com vozinha de cana rachada:

— Zipriti quer ir para casa. Ai! Aii! Não quer guerreiros, não. Medo. Ai! Ai!

E via-se o branco dos olhos arregalados de susto.

Daqui por diante, tudo foi rebuliço e confusão. o cruzado flamengo começou a berrar lá na sua língua e a fazer redemoinhos com a espada no ar. Depois correu para os três amigos seguidos por todos os seus. O Chico, o Dick e o Franz esperaram-nos a pé firme. E nesta altura levantou-se um grandíssimo vendaval trazendo uma tal nuvem de poeira que os três amigos tiveram de fechar um instante os olhos.

Quando abriram os olhos viram-se no meio do pinhal.

Já o Chico deixara de ser cavaleiro de D. Afonso Henriques, já o Dick e o Franz não eram cruzados. Já nenhum deles tinha barbas nem esporas de ouro. O Castelo de São Jorge desaparecera.

Sentaram-se os três nuns pedregulhos. Estavam atordoados.

— Que trapalhada! — disse o Chico.

Franz — É preciso pensar.

Dick — Pensar para quê?

— Olha! Olha! — disse de repente uma vozita que vinha do alto de um pinheiro. — Lá vêm os Pikis!

Levantaram a cabeça e viram a Zipriti a espreitar lá de cima, entre a ramaria.

— Que maçada! — disse o Dick. — Lá está ela outra vez encarrapitada!

— Zipriti trepa depressa, depressa... Mas não desce, não. Medo. Atchim! Ai! Ai! Zipriti constipada. Zipriti quer descer. Quem acode? Ai! Ai!

Desta vez foi o Franz que marinhou ao alto do pinheiro. Com muito trabalho lá conseguiram trazer Zipriti para baixo.

Chico — Se tornas a trepar, apanhas.

Zipriti — Zipriti não faz outra, não.

Ouviu-se o ladrar dos cãezitos já perto; e, daí a pouco passaram a correr, a correr, uns atrás dos outros, como as carruagens de um comboio, seguidos pelo canzarrão — urso, a galope, estafado, com a língua pela boca fora a resfolegar que nem uma máquina a vapor.

— Vamos atrás deles — gritou o Chico. — Hão de ir ter a alguma casa.

Pegou na Zipriti às cavalitas e abalou; e o Dick e o Franz atrás deles.

CAPÍTULO 2

A DONA REDONDA E A DONA MALUKA

Assim foram um grande pedaço naquela correria, salta aqui, tomba acolá, galgando moitas, tropeçando em pedras, escorregando na caruma dos pinheiros... sem nunca perderem de vista os Pikis.

De repente estacaram. Viram diante de si um caminho entre o mato; e por esse caminho vinham andando duas senhoras. Os cães andavam à roda delas aos saltos, fazendo-lhes muita festa e ladrando de alegria.

Os rapazes nunca na sua vida tinham visto duas senhoras assim. Uma delas parecia uma bola. Trazia uma blusa de ganga azul muito larga que lhe descia a direito até aos pés calçados de grossos sapatões ferrados. Os cabelos curtos eram brancos e encaracolados e a cara toda prazenteira e risonha.

A outra senhora era delgada e alta. Os cabelos castanhos e ondeados eram curtos também e os olhos muito lindos e escuros brilhavam como duas luzes. Vestia uma saia curta de linho, uma blusa de riscado, um lenço de ramagens amarrado ao pescoço, as pernas sem meias, muito negras do sol e, nos pés, alpercatas azuis. Tinha uma cara muito esperta e resoluta. Apontou para os rapazes, a rir, e disse:

— Que é aquilo?

Logo se via pela fala que não era portuguesa. Os rapazes estavam pasmados. Nenhuma daquelas senhoras era bonita nem elegante e, nem o Dick, nem o Franz, nem o Chico

sabiam porque estavam diante delas tão admirados; mas sabiam perfeitamente, sem perceberem porquê, que tinham ali duas amigas e que, agora, estava tudo certo.

Zipriti, desde que as vira, esperneava como um diabrete e gritava:

— Zipriti chão! Ai! Ai! Descer! Ai! Ai! Dona Redonda! Dona Maluka!

Apenas se viu no chão correu para a senhora de cabelos brancos que pegou nela e a atirou ao ar e a apanhou e tornou a atirar... de modo que parecia uma bola de futebol a brincar com uma bola de pingue-pongue.

— Mais! Mais, Dona Redonda! — gritava a Zipriti encantada.

Mas Dona Redonda pô-la no chão e disse:

— Com que então vocês perderam-se no pinhal, encontraram a Zipriti.

Dona Maluka deu uma palmada no ombro do Dick e disse assim — Ou eu me engano muito ou és bife como eu.

Dick, muito acanhado — Sou, sim, senhora.

Dona Redonda — E a respeito de almoço? Quer-me parecer que há de haver por aí fome a dar com um pau.

Os rapazes olharam para ela com um tal sorriso que as três caras resplandeciam como três sóis numa manhã de verão.

— Muita fome, disseram eles.

E pensaram:

— Que senhora extraordinária! Como ela adivinha tudo!

Zipriti, aos saltos — Zipriti fome! Chá, bolos, doces! Dona Maluka — Não queres mais nada? Talvez umas fatiazinhas de lua com açúcar e canela, hem?

Bem. Vamo-nos embora.

Pegou na mão do Dick, e o Dick na do Franz, e o Franz na do Chico, e o Chico na de Zipriti e a Zipriti na de Dona Redonda, e abalaram todos a correr em fileira. E atrás vinham os Pikis e o Tritão (que era o nome do cão-urso) a galope e a ladrar.

Mas pouco correram porque, instantes depois, chegaram em frente de uma casa baixa, branca e verde, com o teto cor-de-rosa e um alpendre à frente. Debaixo do alpendre estava uma mesa posta, e em cima da mesa uma travessa de pastéis de bacalhau muito lourinhos, uma terrina com salada de feijão-frade, um cesto de pão, uma tigela com manteiga, e um jarro com laranjada.

Sentaram-se à mesa e começaram a comer e a beber que era um regalo; durante algum tempo só se ouviu o barulho dos pratos e dos garfos.

Depois Dona Redonda foi buscar um enorme pão-de-ló, serviu todos e, sentando-se no seu lugar, disse assim:

— E agora vamos lá a saber como vocês aqui vieram parar.

Chico, que já ganhara confiança — Eu ia pela estrada fora e encontrei o Franz e o Dick. Andavam aos pinhões e...

Zipriti, agarrando na cabeça com ambas as mãos — Ai! que trapalhão!

Chico, fazendo-se muito encarnado — Ora essa! Trapalhão porquê?

Zipriti pôs-se em pé em cima da cadeira, pegou em duas colheres uma em cada mão, agitou-as no ar como se fossem espadas, e desatou a gritar com os olhos muito arregalados:

— Assim! Assim! Assim! Zás! Trás! Bumba!... Homens grandes vestidos de ferro. Pancada. Zás! Bumba!... Homens com toucas na cabeça, a espetar, e outros a cair. Bumba!... Barulho... Todos zangados... Escadas... Zipriti muito linda. calças riscas com listas... Fato bonito. Zipriti princesa. Gigante a dizer: "Quero princesa". Zipriti a dizer: "Ai! Ai! Medo!" Muita pancada. Assim! Assim! Assim!

Chico, Franz e Dick com barbas até aqui. Portugal! Portugal! Portugal!

Dona Redonda — Pois é. Agora já entendo tudo. E tu, Dona Maluka?

Dona Maluka — Perfeitamente. É claro como água. (Voltando-se para os rapazes). Então vocês tinham barbas, hem?

Chico, animando-se — Pois tínhamos. Éramos três homenzarrões! Fomos armados cavaleiros por D. Afonso

Henriques. Já se vê eu era um cavaleiro português. Aquilo é que foi dar nos Mouros! Mas eram muitos e valentes. A ajuda dos Cruzados foi uma grande coisa.

Franz, entusiasmado — Nós éramos Cruzados. Os portugueses são de uma cana. Aquela batalha na companhia deles foi um regalo.

Dick — E conquistou-se Lisboa aos Mouros.

Chico — A bandeira de D. Afonso Henriques lá ficou no alto da torre do Castelo... tão linda!

De repente os três rapazes olharam uns para os outros e calaram-se. Lembraram-se de que estavam no alpendre da casita branca e verde, no meio do pinhal. Lembraram-se de que eram uns pequenos e viram que aquelas senhoras não podiam acreditar no que eles estavam a contar. Coraram e baixaram os olhos, muito atrapalhados da sua vida.

Dona Redonda — Não se envergonhem nem se arrependam de nos contar essas coisas. Nós sabemos muito bem que tudo isso é verdade. Já se vê, se o contarem a pessoas crescidas, ou ralham com vocês e dizem que estão a mentir, ou fazem troça e dizem que vocês são patetas.

Dona Maluka — Essas coisas nunca se contam às pessoas crescidas.

Chico, muito admirado — Então vocês não são pessoas crescidas?

Dona Redonda — Nós? Pessoas crescidas?

E Dona Redonda e Dona Maluka escangalharam-se a rir. Riam tanto que até choravam. Zipriti trepou para cima da mesa e foi de gatas limpar-lhes os olhos com o guardanapo que lhe tinham atado ao pescoço e que estava todo besuntado do molho da salada. E aproveitou para deitar a mão a mais uma enorme fatia de pão-de-ló.

Dona Redonda — Fiquem sabendo que não somos e nunca havemos de ser pessoas crescidas.

Dick — Mas então como há de a gente entender quem são as pessoas crescidas? Que confusão!

Dona Maluka — Confusão de quê, meu patarata?

Dick, apontando para os cabelos brancos de Dona Redonda — Aquilo.

Dona Redonda, levando a mão aos cabelos — Isto? Isto não quer dizer nada. Há gente nova muito mais velha do que eu. O que conta é por dentro.

Dick — Mas por dentro não se vê!..

Dona Redonda — É preciso termos olhos para ver o que não se vê, e ouvidos para ouvir o que não se ouve.

Dona Maluka — Pois é.

Chico, muito sério — Eu gosto muito de vocês.

Franz — E eu também. Logo que as vi, gostei.

Dick estava calado, a pensar. Nem ouviu o que o Franz e o Chico disseram. Via-se que fazia grande esforço para

pensar. Por fim, disse, desconsolado:

— Se eu não perceber isto é porque sou pessoa crescida.

Dona Maluka deu-lhe um piparote na cabeça e disse-lhe:

— Meu pateta das luminárias! Se fosses pessoa crescida não tinhas ainda agora ajudado D. Afonso Henriques a conquistar Lisboa!

Chico — Claro como água.

Franz — Mas... como é que todas aquelas coisas desapareceram?

Chico — Quais coisas?

Franz — O Castelo de São Jorge, os Cruzados, os Mouros.

Dona Redonda — Ora! Deu-lhes o Tranglomanglo.

Dick — O que é o Tranglomanglo?

Dona Redonda — É um feitiço que faz desaparecer tudo, como na história das Dez moças donzelas.

Franz — Conte lá.

Dona Maluka — Fica para outra vez. Agora a Dona Redonda e eu vamos trabalhar.

Chico — Qual é o seu trabalho, Dona Redonda?

Dona Redonda — Escrever histórias da Carochinha.

Dick — E o seu, Dona Maluka?

Dona Maluka — Fazer bonecos.

Dick ia perguntar-lhe outra coisa, mas viu que ela estava a olhar para um canto do alpendre com uma cara muito espantada. Todos se voltaram e viram a Zipriti muito aflita da sua vida, de boca aberta e olhos esbugalhados, sem poder respirar. Tinha aproveitado a conversa dos outros para ir disfarçadamente comendo pão-de-ló até mais não poder. E comera tanto e tão depressa que estava embuchada; o pão-de-ló não ia para baixo nem para cima. Zipriti não podia falar nem respirar.

Só se ouviam uns sons muito esquisitos:

— Bá... Té... Mé... Bá... á... á...!

Os rapazes foram logo sacudi-la como a um saco de batatas, a ver se o pão-de-ló ia para baixo; Dona Maluka começou a fazer-lhe massagens nas goelas parecia que estava a encher chouriços. E Dona Redonda foi a correr

buscar um copo de água. Finalmente, depois de muito trabalho, lá conseguiram desembuchar a Zipriti. Deram-lhe água a beber. Depois, quando viu o perigo passado, Zipriti olhou para todos com ar assustado e disse:

— Zipriti não faz outra, não.

Dona Maluka — se fizeres, o pior é para ti.

Pegou no prato do pão-de-ló e ofereceu-lho, dizendo, muito séria:

— Queres mais pão-de-ló? Se quiseres, come. Não faças cerimónias. Não é preciso comeres às escondidas.

Zipriti ficou primeiro muito espantada; depois largou a fugir, espavorida, a gritar:

— Zipriti não quer mais, não! Ai! Ai! Zipriti morre. Zipriti medo pão-de-ló.

E começou a trepar por um pinheiro com tal ligeireza que parecia levar o demónio atrás de si. Mas o Chico ainda foi mais ligeiro e chegou a tempo de a segurar pelos pés. Pô-la no chão, dizendo:

— Não senhor, lá isso não. Já hoje tivemos que ir duas vezes buscar-te ao topo de um pinheiro. Se tornas a trepar, apanhas.

Dona Redonda — porque ias a fugir, Zipriti?

Se não queres mais pão-de-ló, não comas. Ninguém te obriga. Se queres comer, comes; se não queres comer, não comes; se queres rebentar, rebenta. Isso é contigo.

Zipriti começou a saracotear-se e a chupar no dedo, enfiada, olhando de revés para Dona Redonda. Não sabia se havia de rir ou chorar.

Mas Dona Redonda já não fazia caso nenhum dela. Voltou-se para os rapazes:

— E agora passem muito bem, que nós vamos à vida. Se quiserem ficar para aí a descansar, fiquem. Se quiserem ir-se embora, vão. E quando quiserem aparecer por cá, são muito bem-vindos.

Chico — A gente vai-se embora. E muito obrigado por tudo.

O Dick e o Franz agradeceram também e iam já a despedir-se quando o Franz disse:

— Mas a gente não sabe o caminho.

Dona Maluka — Para onde querem vocês ir?

Chico — Para a Encruzilhada dos Cedros. Deixei lá a minha bicicleta.

Dona Maluka — Vocês vão por este carreiro até encontrarem dois pinheiros mansos, muito grandes, um ao lado do outro. Aí voltam à direita. Depois enfiam por um caminho à esquerda. Depois outra vez à direita. Quando chegarem em frente de um penedo alto, veem oito

caminhos. Contam à sua direita: um, dois, três. e seguem pelo quarto. Depois viram à esquerda e vão andando até chegarem a um charco.

Dick, limpando o suor da testa — É demasiado difícil.

Zipriti — Zipriti sabe Encruzilhada, Zipriti sabe tudo, tudo.

Dona Redonda — Sabe, sabe. Conhece todos os caminhos. Ela leva-os direitinhos à Encruzilhada.

E lá abalaram todos, Zipriti adiante, cheia de importância e muito senhora de si, começou a cantar em altos gritos:

Quem quiser ouvir cantar.

Ó Canelas! Toca as charamelas.

Que é do Perna Fina?

Vai ao Bairro Alto.

Falar á Catherina...

um... um... um...

Vá ao largo da Cadeia;

Ouvirá cantar os presos...

Ó Canelas...

Ouviram-se ao longe as vozes de Dona Redonda e de Dona Maluka fazendo o coro:

Toca as charamelas.

Que é do Perna Fina?

E os três rapazes juntaram-se também ao coro:

Vai ao Bairro Alto.

Falar à Catherina...

um... um... um...

— Olha! Olha! — disse o Franz que se tinha voltado para trás.

Viram lá ao longe, entre os troncos dos pinheiros, no alpendre da casita branca e verde, Dona Redonda e Dona Maluka a dançarem.

Era uma dança muito esquisita. A Dona Redonda parecia uma bola azul a rebolar de um lado para o outro, ora mais depressa, ora mais devagar; ora rebolava pelos degraus do alpendre abaixo e dava uma volta na clareira, ora pelos degraus acima; ora esbarrava num pinheiro e voltava para trás como se fosse de borracha, ora ia contra uma cadeira e tombava-a; ora entrava pela porta da casa dentro e no

mesmo instante rebolava cá para fora e andava à roda como um pião. E Dona Maluka, sempre em volta dela, muito leve, muito leve, aos saltinhos, às corridinhas, às reviravoltas, que nem parecia tocar no chão. E nunca perdiam o compasso. Era a coisa mais divertida que se podia ver.

Zipriti começou a saltar e a andar à roda a compasso, e a bater as palmas, sempre a cantar, muito esganiçada:

Ó Canelas.

Toca as charamelas.

um... um... um...

Os rapazes sentaram-se num tronco, a rir, a rir tanto que já nem podiam cantar nem andar.

O dia seguinte amanheceu de grande nevoeiro. Era como se uma nuvem cinzenta tivesse descido sobre o pinhal. A ramaria lá no alto, os troncos escuros muito direitos, o

mato esgrouviado, tudo parecia embrulhado em véus cinzentos.

O Franz ia por uma estrada fora, de mãos nos bolsos, a cantar uma cantiga da sua terra que começa assim:

Oh! Du, meine liebe Augustine...

Ia ter com o Dick e o Chico que esperavam por ele lá adiante, na Encruzilhada.

De repente ouviu uma voz de cana rachada a gritar atrás dele:

— Patrãozinho minino! Espera! Espera! Voltou-se. A névoa era tanta que mal se via a dois passos. Enxergou um vulto muito turvo, que parecia um enorme chouriço, mais alto do que um homem. Vinha direito a ele com um barulho de chinelas a arrastar:

Tche, tche. tche.

Franz não era medroso. Parou e, levantando a voz, perguntou:

— Quem vem lá?

E logo a voz de cana rachada respondeu:

— É Bonda.

E outra voz, esganiçada, muito conhecida do Franz, disse:

— É a Zipriti.

O rapaz pensou lá com os seus botões:

— Zipriti daquele tamanho? Hum! Isto aqui anda asneira.

E esperou. Aquela coisa aproximava-se:

— Tche, tche. tche.

A pouco e pouco o tal chouriço gigante foi surgindo do nevoeiro: Franz começou a ver a cabecinha redonda da Zipriti e os bracitos que se agitavam como velas de moinho. Mas onde vinha ela encarrapitada?

Por fim percebeu que a Zipriti vinha às cavalitas de um homem. Um corpo disforme; uma grandíssima pança; pernas curtas; braços muito compridos. Era um preto. Preto como carvão. A carapinha e a barba que lhe passava por debaixo do queixo eram grisalhas. Trazia uma camisa

encarnada, umas calçotas azuis larguíssimas e os pés metidos numas chi nelas enormes. Segurava com ambas as mãos uma grande caçarola cheia a transbordar de pedações de carne guisada.

Franz esfregou os olhos e limpou-os com o lenço, pensando que não vai bem.

— Patrozinho nã chora, — disse a tal voz de cana rachada. — Bonda feio mas não fazer mal.

O Bonda pôs a caçarola no chão; depois levantou os braços, pegou em Zipriti que pousou com muito jeito ao lado da caçarola, e avançou para Franz, todo risonho, mostrando uma enfiada de dentes muito brancos.

— Bonda amigo declarou ele.

E chegando perto de Franz, abraçou-o. Os braços eram compridos, fortes e grossos como trancas.

E ria, todo contente, apertando o Franz contra si:

— Hi! Hi! Hi! Bonda amigo. Patrãozinho minino amigo Zipritì; Bonda amigo Patrãozinho. Hi! Hi! Hi!

A pança do Bonda era fofa como um colchão de penas e quentes como um borralho. Franz espremido contra aquela pança começou a espernear, furioso.

— Não gosto de abraços! Larga. Larga.

Bonda largou-o.

— Não gosto de abraços — disse o Franz. — Quando um homem fala a outro homem, dá-lhe a mão.

Assim.

E estendeu a mão ao Bonda. Mas bonda ria tanto que tinha de segurar a pança com ambas as mãos.

— Hi! Hi! Hi!... Um homem a outro homem, dá-lhe a mão... Hi! Hi! Hi!... Um homem a outro homem... Hi! Hi! Hi!...

Franz zangou-se:

— Que estás tu a rir, meu pedaço de asno?

Bonda, escangalhando-se a rir — Hi! Hi! Hi!... O meu pedaço de asno!... Hi! Hi! Patrãozinho mata Bonda com riso... Hi! Hi! Hi!...

Franz não sabia o que havia de fazer. Olhou para Zipriti, Zipritì, muito bem sentada no cabo da caçarola, metia os dedos no molho do guisado e chupava. Não dava atenção a mais nada.

Franz chamou:

— Zipriti!

Nada.

Franz hesitou um momento; depois virou costas e foi andando pela estrada fora. Mas logo ouviu atrás de si o

chinelar do Bonda:

— Tche... tche... tche...

E a voz de cana rachada, a rir, a rir:

— Hi! Hi! Hi!

Sentiu uma coisa a segurá-lo pelo cinto, nas costas, como um gancho de ferro, não pôde dar nem mais um passo. Era a mão de Bonda. A outra mão pegou-lhe num ombro e fê-lo voltar-se. Bonda estava sério. Disse-lhe assim:

— Um homem a outro homem... dá a mão. Patrãozinho ensinou Bonda. — Estendeu a mão enorme; a de Franz desapareceu completamente dentro dela.

E Bonda sacudiu sem-fim a mão de Franz, repetindo:

— Patrãozinho ensinou. Bonda aprendeu. Um homem a outro homem... dá a mão... Assim, assim, assim...

E foi sacudindo a mão de Franz, até que não se pôde conter mais tempo e desatou a rir outra vez:

— Hi! Hi! Hi!... Assim, assim, assim...

— Ai! Ai! Ai! — gritou Zipriti — Sopa quente! Zipriti escaldou-se. Aqui d’el-rei! Ai! Ai!

Bonda largou logo a mão de Franz e abalou a toda a pressa: Tche... tche... tche... para junto da Zipriti, todo aflito.

— Que faz menina? Que faz Zipriti? Mau! Mau! Guisado não é para Zipriti. Guisado para Dragão. Mau! Mau!...

Zipriti — Ai! Ai! Sopa quente. Ai! Ai.

— Foi nessa altura que se ouviu uma voz terrível, um grande suspiro que passava entre as árvores como um vendaval.

— Ú... gú... rú... ú... ú... Ú... gúrú... ú... ú...

— Escuta! Escuta! — disse o Bonda. — Dragão triste! Dragão fome.

E sem querer saber de mais nada, pegou no cabo da caçarola e lá foi a chinelar, a toda a pressa, pelo mato fora: Tche... tche. tche.

Zipriti ficou no meio da estrada a olhar para ele de revés e a chupar no dedo. Depois correu para o Franz e pegou-lhe

na mão, dizendo:

— Zipritì ir lá-lá.

Franz — Onde?

Zipriti — Lá-lá. Meninos, Pikis, tudo.

Franz lembrou-se de Dick e de Chico que deviam estar à sua espera; e levando Zipriti pela mão, foi andando depressa para a Encruzilhada. Mas ia a pensar naquilo tudo e perguntou:

— Zipriti, quem é o preto?

O preto da Guiné.

Que tem o chinelo no pé.

Franz experimentou de outra maneira:

— Zipriti, onde foi o Bonda?

Zipriti — Levar comer ao Dragão. Dragão chorar com fome.

A voz terrível, ao longe, enchendo o pinhal todo:

— Ó Góró... ó... ó... Ó... gó... ró... ó... ó...

Franz — Que é isto?

Zipriti, cantando Quem quiser ouvir cantar

Ó Canelas.

Toca as charamelas...

Franz — Cala a boca!

A voz terrível:

— Ú... gúrú... ú... ú... Ú... gúrú... ú... ú...

Zipriti largou a mão de Franz e desatou a correr pela estrada fora, gritando:

— Meninos! Meninos!

Surgindo do nevoeiro, vinham dois vultos pequenos pela estrada, direitos a eles. Eram o Dick e o Chico.

A voz terrível:

— Ó... góró... ó... ó... Ó... gó... ró... ó... ó...

Franz — Chico, o que é isto?

Chico — É a sereia do farol a fazer sinal aos navios por causa do nevoeiro.

Zipriti, muito despachada — Não é, não. É Dragão.

Chico, a rir — Qual Dragão nem qual carapuça! É a sereia do farol.

Zipriti, zangada, batendo o pé — É Dragão, é Dragão, é Dragão! Já disse. Zipriti sabe. Ai! Ai!

Dick — Não a faça zangar, Chico, Zipriti, quem é o Dragão?

Zipriti — Dragão fome. Bonda leva para Dragão.

Dick — Quem é o Bonda? Onde está?

Franz — Eu sei quem é o Bonda. Vinha ter com vocês e vi um pretalhão com uma pança enorme. Trazia Zipriti às cavalitas e uma grande caçarola nas mãos cheia de pedaços de carne guisada.

Zipriti, apertando a cabeça nas mãos — Que trapalhão!

Franz, indignado — Ora essa! Trapalhão porquê?

Zipriti — Carne guisada, não. Sopa!

Franz — Era carne guisada, era sim senhora! E cada taçalhão que metia medo. E Zipriti molhava os dedos lá dentro da caçarola e chupava. Até que se escaldou. Escaldou-se ou não se escaldou, sua gulosa?

A voz terrível:

— Ú... gúrú... ú... ú... ú... gú... rú... i ú... ú...

Zipriti — Meninos maus para Zipriti. Zipriti chama Dragão para castigo. Ai! Ai!

Dizendo isto, abalou a correr pelo mato dentro com tal rapidez que num instante se sumiu. Dick preparava-se para ir atrás dela, mas Chico segurou-o por um braço dizendo:

— Deixa lá. Zipriti não se perde no pinhal.

Dick — Não entendo nada disto. Quem é esse Bonda? Para onde levava ele o comer?

Franz — Sei lá! Quando ouviu essa voz: Ú... gúrú... começou a dizer que o Dragão tinha fome e abalou com a caçarola.

Chico — Isso era para te meter medo.

Mas o Chico não estava tão seguro de si. A voz terrível — Ú... gú... rú... ú... ú... Onde estão eles? Ó. gó. ró. ó. ó. Onde estão os tais meninos?

Começou a ouvir-se ao longe um grande estalar de troncos, e a terra estremeceu, e os pinheiros vergavam ora para um lado ora para o outro como quando há um grande vendaval.

No mesmo instante, através do nevoeiro chegou-lhes o vozeirão alegre do Tritão e o ladrar esganiçado dos Pikis.

— Báu! Báu!... Béu! Béu! Béu!. .

E toda a canzoada surgiu do mato e atirou-se aos rapazes, às festas, saltando para os lamber, com gritinhos de contentamento.

Os rapazes não desgostaram nada de ver chegar aqueles amigos. Nenhum deles queria dar o braço a torcer, mas não estavam achando graça nenhuma àquela coisa desconhecida, com voz terrível, que parecia andar à procura deles através do nevoeiro.

— Que se passa? Tritão! Pikis! Venham já cá! — disse uma voz grossa e velada.

E logo outra voz muito clara e afinada começou a cantar em inglês:

Oh! What a surprise!

Only for telling a chap he is wrong...

Two lovely black eyes!

— Dona Redonda! Dona Maluka! — Gritaram os rapazes radiantes. E, de cambulhada com o Tritão e os Pikis, correram para elas.

A voz terrível, já muito perto e ensurdecendo toda a gente:

— Ú... gúrú... ú... ú... Ú... gú... rú... ú... ú...

Franz, nervoso — Dona Redonda, que é isto? Diga lá.

Chico, frenético — Já te disse que é o farol.

Dick — O farol não anda!

Franz — Nem faz tremer a terra...

Dick — Dona Redonda, o Franz encontrou um preto com uma grande caçarola cheia de carne guisada que ia levar... a esta coisa... que a gente não sabe o que é. Franz, o preto e Zipriti chamam-lhe o Dragão.

Dona Redonda — Talvez seja a areia do farol. Talvez seja o Dragão... Se é uma coisa ou outra, isso é com vocês.

Franz — Connosco?!

Dona Redonda — Sim, vocês.

CAPÍTULO 3

DRAGÃO

Foi nesta altura que apareceram dois luzeiros a brilhar entre a névoa, por cima dos pinheiros, do outro lado da estrada. E adiante dos luzeiros jorrava de bocado a bocado uma chamarada.

Os cães chegaram-se para Dona Redonda calados como ratos; e os três rapazes ficaram tão calados e quietos como os Pikis.

Aquela coisa avançava a resfolgar como um comboio:

— Pfff. Pfff. Pfff.

A terra tremia, aos sacões, e o mato seco e a caruma de pinheiro andava tudo no ar como diante de um ciclone.

Ú... gúrú... ú... ú...

Aquele suspiro até parecia que rebentava os ouvidos de quem o ouvia. E agora aquilo vinha tão perto que, apesar da névoa, os rapazes perceberam que era um dragão

enorme. Via-se-lhe bem a cabeça e a crista recortada que continuava pela espinha além, aos bicos; e os olhos que eram os luzeiros e as goelas escancaradas de onde saíam aqueles jorros de labaredas; e as asas imensas... E todo ele era vermelho, asas e tudo, como um pôr do Sol no Outono.

O dragão berrou:

— Ó... góró... ó... ó... Onde estão eles?...gó... ró... ó... ó...

Repararam então que a Zipriti estava sentada na crista do dragão.

Dona Maluka desatou a rir e avançou para o dragão como se ele fosse uma galinha. Disse-lhe assim:

— Então que é isso, Dragão? Que vergonha! Pois não vês que estes três rapazes são cá dos nossos? Um tamanhão desses, com tanta força e um luzeiro em cada olho, e nem sequer percebe uma coisa que uma criancinha de colo era capaz de entender!

O Dragão ficou muito atrapalhado da sua vida. E nisto começou a chover. Mas não era chuva. O Dragão tinha uma cauda tão comprida que, apesar de ele se encontrar no meio do pinhal, uma parte da cauda tinha ficado dentro do mar. Agora, vendo que Dona Redonda e Dona Maluka estavam zangadas, quis pedir perdão e, levantando a cauda, começou a abaná-la como fazem os cães. E a água que caía das escamas era tanta que parecia um chuvão.

Dona Redonda zangou-se.

— Grande idiota! — disse ela ao Dragão. — Põe já essa cauda no chão! Não fazes senão disparates.

Dragão, que já tinha apagado o fogo das goelas e o lume dos olhos, começou a fazer-se pequeno: A mais e mais. Passou a ter o tamanho de um elefante; e foi diminuindo até ficar do tamanho de um burro. E as asas tornaram-se-lhe azuis.

Desapareceu o nevoeiro e o pinhal encheu-se de sol. Tudo estava tão claro que se podia contar as agulhas dos pinheiros. Os pássaros, contentes de verem uma manhã tão luminosa, puseram-se todos a cantar.

Os rapazes, pasmados, não tiravam os olhos do Dragão; era o bicho mais lindo que se podia ver.

Dragão, muito envergonhado e cheio de remorsos, chegou-se a Dona Redonda com a cauda de rastos e começou a lamber-lhe o alto da cabeça. Já se vê, despenteou-a toda, porque a língua do Dragão era mais áspera do que uma lixa.

Dona Redonda, derretida — Está bom, está bom... Não se fala mais nisso.

Então o Dragão foi ter com Dona Maluka e lambeu-lhe também a cabeça, a pedir perdão.

Despenteou-a, mas não fez mal porque ela já estava despenteada.

Dona Maluka deu-lhe uma palmadinha no lombo e perguntou-lhe:

— Que asneira foi esta, Dragão? Quem te meteu na cabeça uma ideia tão ridícula?

Dragão, muito envergonhado — Foi a Zipriti que me disse.

Dona Maluka — Grandessíssimo pateta! E tu fazes caso do que diz a Zipriti! Tu?!

Dragão — As melhores cabeças têm às vezes falhas.

E, desconsolado, baixou até ao chão aquela cabeça que parecia uma grande joia preciosa. A Zipriti que estava encarrapitada em cima da crista, deu um trambolhão para cima da caruma.

Começou a choramingar. A Dona Redonda pegou-lhe ao colo, levantou-lhe as saias e aplicou-lhe dois açoites rijos no

sim-senhor.

Zipriti — Aí! Ai! Açoites dói! Ai! Ai!

Dona Redonda — para te ficar de lembrança. Quem faz queixa apanha açoites. Para a outra vez levas mas é com um sapato.

Zipriti — Ai! Ai! Zipriti não faz outra, não. Ai! Ai!

Dona Maluka — Caluda, Zipriti! Não quero mais barulho.

Zipriti calou-se. O Dragão estendeu-se aos pés de Dona Maluka e começou a alisar as escamas. Os cães deitaram-se ao sol e os rapazes e as senhoras sentaram-se numas pedras. Mas a Tarika começou a coçar — se e disse:

— Ora esta! Desconfio que tenho uma pulga.

Piki, muito espevitado — uma pulga do Dragão.

Os Pikis chamavam-se: Piki, Tarika, Pitsi, Menina.

Dragão — Seu atrevido! E desatou a rir.

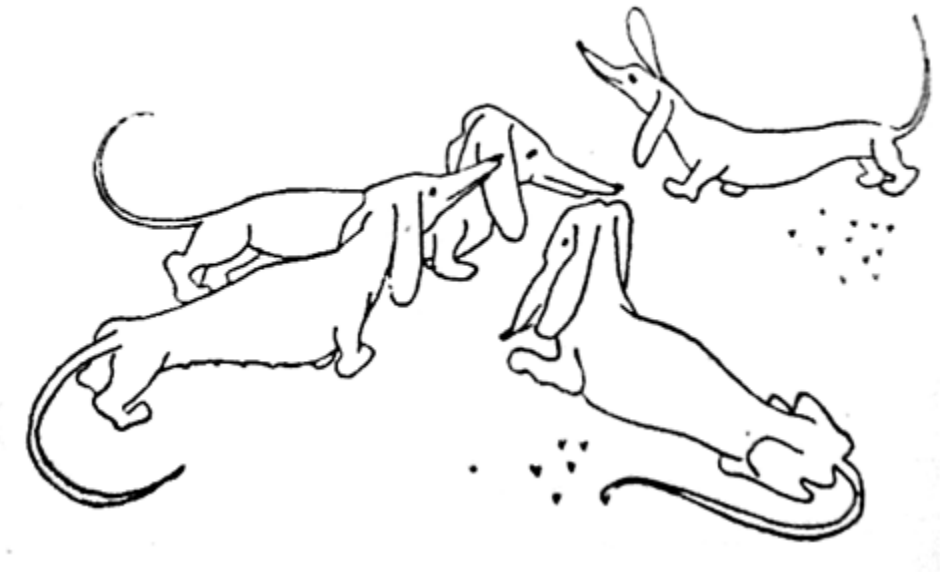
Tritão, muito ensonado — porque será que o Dragão não tem pêlo?

— Porque é peixe.

Tritão, espertando — Quem falou aqui de peixe? Onde está?

Taka — Sempre és muito estúpido! Não tens faro nenhum.

Franz, baixinho — Dona Redonda, os cães estão a conversar.



Dona Redonda — porque não hão de conversar? Tu também conversas.

Franz — Nunca ouvi cães falarem.

Dona Redonda — É porque nunca deste atenção. Tudo fala, bichos, árvores, plantas, até as pedras. Uns são mais

difíceis de entender do que outros. Mas quem tiver cães à roda de si lhes der atenção e gostar deles, entende tudo que eles dizem. Já se vê, há muitas pessoas que não ouvem nem entendem nada destas coisas.

Dick — Que pessoas?

Dona Redonda — Ora! As pessoas crescidas.

Dick — Porquê?

Dragão — Porque estão sempre a pensar nas outras coisas, nas coisas que se acostumaram a ver e a ouvir.

E o Dragão estendeu a cabeça em cima das patas com um ar desanimado e soltou um grande suspiro.

— Ú... gú... rú... ú... ú...

Tritão, abrindo um olho — Que maçada! Tanta conversa! Nem uma pessoa pode passar pelo sono.

Piki, todo doutor — Também, não queres saber senão de dormir. Eu cá estou sempre à escuta.

A Menina, toda importante — É assim que a gente aprende.

Tritão, cheio de sono — Aprender o quê?

Tarika — Tudo, meu parvo!

Nisto ouviu-se entre o mato:

— Tche. tche. tche.

Zipriti, entusiasmada — Dragão! Dragão! Papar! Lá vem Bonda e caçarola!

Mas o Dragão não fez caso nenhum.

Dona Maluka — Então, Dragão, deixa lá! Não fiques a pensar e a entristecer por causa das pessoas crescidas.

Dona Redonda — Bem sabes que elas são precisas. Tudo é preciso.

Dona Maluka, tocando no Dragão com uma varinha — Olha, Dragão! Olha como os pinheiros são verdes... tão lindos e fortes! E como o céu é azul e cheio de luz!

E no mesmo instante ouviu-se a voz de um boieiro a cantar aos bois que andavam a lavrar a terra... muito devagar... muito devagar.

E quando ele se calava ouvia-se mais longe a flauta de um pastor, muito doce, como se as notas fossem de veludo... como se fosse um bordado de veludo sobre um grande manto de estopa.

E uma cotovia desatou a cantar, a cantar... E toda a gente reparou que o mato estava cheio de flores e todo salpicado de gotinhas de água que brilhavam, brilhavam que nem milhares e milhares de sóis pequeninos...

E passou um besouro. Bzzz. Todo verde. Uma esmeralda com asas.

O Dragão levantara a cabeça e olhava com muita ternura para Dona Maluka.

— Foste tu, disse ele, que acordaste estas coisas todas... com a tua varinha de condão.

Levantou-se e sacudiu-se. Desprenderam-se-lhe do corpo muitas escamas douradas que se espalharam no ar. Porque as asas tinham-se tornado douradas...

E o Dragão levantou a cabeça, e todo ele ria e resplandecia. Que lindo estava o Dragão!

Tche, tche, tche. O Bonda surgiu do mato, alagado em suor, com a grande caçarola nas mãos enormes.

— Bons-dias! Bons-dias!... Bonda calor. Hi! Hi! Hi! Hi! Bonda procurou Dragão toda a manhã.

Hi! Hi!... Muito calor. Dragão! Toma. Chicha. Bom. Come.

E pôs a caçarola no chão em frente do Dragão. Mas o Dragão abanou a cabeça com desdém.

— Só como hortaliça, declarou ele.

Bonda-Dragão ontem disse: só carne.

Tarica e Pitsi, acordando e arrebitando as orelhas — Que é isso? Que é isso? Quem falou aqui de carne?

Piki, levantando-se e indo cheirar a caçarola — Ui! que cheirinho tão bom!

O Dragão reparou melhor na caçarola, lambeu os beiços e atirou-se à carne. Durante uns instantes não se ouviu senão o barulho que ele fazia a sorver o molho, a mastigar a carne, a estalar os ossos, a lamber, a engolir... Um barulho que nem vinte porcos a comerem ao mesmo tempo. Devorou tudo num abrir e fechar de olhos.

Bonda, todo contente — Hi! Hi! Hi! Dragão gostou, gostou. Hi! Hi! Bonda bom cozinheiro. Hi! Hi! Hi!

Tritão, olhando de revés para o Dragão — Apre! Que maneiras! Até parece mal!

Tarika — Se eu comesse assim, Dona Redonda ralhava. Como é Dragão.

Pitsi, dançando à roda da caçarola vazia — Lambeu tudo. Não ficou nada para ninguém.

Os três rapazes, distraídos com a conversa dos cães, tinham desviado os olhos do Dragão.

Zipriti — Ai Ai Dragão pffft!.

Todos se voltaram para o Dragão. Mas o Dragão tinha desaparecido.

Dick — Para onde foi? Onde está ele?

Dona Maluka — Deixem lá. Ele é assim. Vai e vem, aparece e desaparece. Agora foi trabalhar para outro sítio.

Franz — Trabalhar? Que faz ele?

Dona Maluka — Ora! Desmancha os nevoeiros e faz brilhar a luz do sol.

Chico, entusiasmado-Que lindo trabalho!

Franz, pensativo — Deve ser muito difícil.

Dick — Que confusão! Não aprendi a pensar nestas coisas. Não entendo nada.

Dona Maluka — O que é que não entendes?

Dick — Nada. Não entendo o que é o Dragão nem como os cães falam de repente, nem de onde vem o Bonda.

Dona Maluka, rindo — Que importa? Não te rales. Ninguém sabe porque é que os pássaros têm penas de diferentes cores, nem porque as árvores são verdes, nem porque há estrelas no céu. Os sábios falam destas coisas e de muitas outras que não sabem, com vozes de papo; e fica toda a gente de boca aberta a decorar palavras difíceis que eles inventam e não querem dizer nada.

Dona Redonda — Olha, Dick, desde que os homens começaram a gritar que não havia Deus e que eram todos iguais, e a inventar máquinas para tudo, e a complicar as

coisas, nunca mais ninguém entendeu nada desta vida. O melhor é seres um bom rapaz e não cansares a cabeça a querer entender tudo.

Franz — Mas as máquinas são uma boa coisa!

Dona Redonda — Uns pensam que sim, outros pensam que não.

Bonda e Zipriti tinham-se estendido no chão e dormiam a sono solto.

Dirigiram-se para a casa branca e verde. Agora os rapazes já sabiam o caminho. Pelo atalho, era perto da Encruzilhada.

Quando chegaram, Dona Redonda foi lá dentro buscar uma toalha de estopa muito limpinha, e pão, e doce de ginja e manteiga fresca; e Dona Maluka trouxe um prato cheio de filhós de abóbora salpicadinhas de açúcar e canela que, só de olhar para elas, ficava uma pessoa com água na boca. E trouxe também um canjirão com vinho e açúcar e rodas de limão.

Estavam todos a comer muito regalados quando ouviram um palmilhar de pezinhos apressados, pelo atalho, direitos ao alpendre; e logo a voz esganiçada da Zipriti:

— Ai! Ai! Zipriti fome! Zipriti também quer filhós! Ai! Ai!

Dona Redonda — Então que é isso? Onde ficou o Bonda?

Zipriti — Bonda ó-ó. Bonda fazer rrrun. rrrom. Zipriti não gosta, não. Zipriti quer filhós.

Dona Redonda sentou-se à mesa, atou-lhe um guardanapo ao pescoço e deu-lhe filhós.

Franz — E a história?

Dona Redonda contou esta história:

— Era uma vez uma terra onde toda a gente vivia conforme podia, contentando-se com a sua sorte. Uns eram ricos, outros pobres; uns mandavam, outros obedeciam; cada um trabalhava no que podia e divertia-se conforme o seu gosto.

Um dia chegaram ali homens de outra terra a dizer que não havia ricos, que todos deviam mandar e ser iguais. Os outros responderam:

— Mas como havemos de ser iguais? Há trabalhadores e mandriões, gente honrada e ladrões espertos e parvos, fracos e fortes, doentes e sãos. Iguais, só no céu.

— Pois é, disseram os homens de fora. O que é preciso é fazer uma torre tão alta que chegue ao céu.

Começaram a fazer a torre. Ao princípio todos trabalhavam pelas suas mãos, cada qual segundo o seu ofício. Mas como todos queriam mandar, cada um entendia que o seu ofício valia mais que o dos outros. Aí começaram as zangas. Então os sábios inventaram máquinas para o trabalho ir mais depressa. Construíram-se muitas fábricas e apareceram máquinas para tudo. A terra cobriu-se de fumo e de maus cheiros, e de doenças. As máquinas faziam o serviço dos homens; de modo que começou a haver muita falta de trabalho e muita gente morria de fome.

A torre ia crescendo, os anos iam passando, e a miséria e a tristeza dos homens, e a fealdade de todas as coisas eram cada vez maiores.

As máquinas faziam tanto barulho que os homens se desacostumaram de conversar uns com os outros.

Como todos mandavam ou pensavam mandar, ninguém mandava, e a desordem era completa em tudo.

À força de só ouvirem as vozes das máquinas, os homens foram esquecendo a sua língua e começaram a falar línguas diferentes. Era a confusão das línguas.

Já ninguém se entendia.

Foi então que o Dragão acordou. Estava a dormir havia muitos anos e os homens tinham-se esquecido dele e diziam que ele nunca tinha existido.

O Dragão espreguiçou-se e olhou para aquela terra onde os homens, quando ele adormecera, viviam contentes com a sorte que tinham. Zangou-se. Acendeu o lume dos olhos e a labareda das goelas. Fez-se todo cor de fogo, asas e tudo; e cresceu... cresceu...

Soltou um suspiro terrível que se ouviu muito, muito longe: Ú... gú... rú... ú... ú... Levantou voo e passou por cima da torre. O seu vulto era tamanho que enchia o céu... Ú... gú... rú... ú... ú... Deu uma sapatada na torre e derrubou-a. A torre caiu por cima das casas e das fábricas e esborralhou tudo e matou um monte de gente. Só se viam

por toda a parte montões de ruínas, clarões de incêndios, explosões, e caranguejolas de ferro quebradas e retorcidas...

E a gente que escapara fugia para os campos, tão nuazinha como na hora do seu nascimento, a gritar, a chorar e a pedir misericórdia ao céu, porque de tantas invenções dos homens, nenhuma lhes servia agora...

Dona Maluka, com um grande abrimento de boca — Ah... u... o... Nunca ouvi história mais maçadora em dias da minha vida. Olha, Dona Redonda, olha para o teu público!

E apontava para os rapazes e para a Zipriti, tudo a dormir e a ressonar que era um louvor a Deus.

Mas Dona Redonda, muito contente da sua vida, respondeu:

— Estão a sonhar e a digerir as filhós e a minha história; são coisas pesadas mas de muito alimento.

Franz, sonhando — ...e lavraram a terra conforme puderam... e construíram casas, pedra a pedra...

Chico, sonhando — ...e trabalharam e divertiram-se cada qual ao seu gosto.

Franz, sonhando — ...sem máquinas... nem sábios. nem invenções.

Dick, sonhando — …e voltaram a construir a torre.

Chico, sonhando — …e voltou a aparecer o Dragão.

Zípriti, sonhando — …e comeu todas as filhós.

Dona Redonda, feliz e contente, olhou para Dona Maluka e disse:

— Vês como digerem bem?

Levantou-se e foi pé ante pé a casa buscar uns cobertores que estendeu à sombra sobre a caruma dos pinheiros.

Depois pegou em cada rapaz pela sua vez ao colo, com muito jeito, sem os acordar, deitou-os sobre os cobertores, ajeitou-os muito bem. Fez o mesmo à Zipriti.

Depois deu uma pirueta e voltou para o alpendre, encantada.

Dona Maluka — Sempre tens uma força! Pegaste naqueles rapagões como se fossem penas.

Dona Redonda — Quando é preciso fazer-se uma coisa, faz-se. Se fosse preciso, pegava nesta casa ao colo. E tu também pegavas, se quisesses a valer. E toda a gente pegava.

Dona Maluka — Pois sim. Mas não pego.

Dona Redonda — Se precisasse e quisesse, toda a gente pegava.

Dona Maluka — Só tu é que pegas, porque adoras pegar em tudo ao colo. Um dia pegas neste pinhal ao colo, e nos rochedos, e no mar e em tudo.

Dona Redonda — Vai à fava!

Dona Maluka estendeu-se num banco comprido que ali havia no alpendre e acomodou-se para dormir a sesta.

Dona Redonda foi buscar papel, tirou de um bolso os óculos, do outro a pena, e preparou-se para escrever.

— Até que enfim! — disse ela de si para si toda contente. Vou trabalhar um bocado!

Agora não se passava um dia em que o Chico, o Dick e o Franz, não aparecessem na casa branca e verde. Iam conforme calhava, de manhã ou de tarde, a qualquer hora.

Se Dona Redonda e Dona Maluka estavam a trabalhar, não faziam caso deles; se não estavam, iam passear ou divertiam-se de qualquer maneira todos juntos.

Um dia foram dar um grande passeio.

— Não sabemos a que horas voltamos. É melhor levarmos farnel, disse Dona Redonda.

Cada um pegou num saco — mochila com o seu farnel e enfiou-o aos ombros.

Iam todos, Zipriti, canzoada e tudo.

Dona Maluka caminhava atrás, de nariz no ar e braços a abanar, pensando lá nos seus bonecos; no seu rasto ia uma coisa pequenina, talvez do tamanho de um grilo, a andar muito depressa e deixando atrás de si uma fumarada.

Os cães ora iam adiante, ora se sumiam no mato, ora voltavam em grande correria, tão alegres que, quando ladravam, pareciam rir às gargalhadas.

De uma vez que o Chico ficou para trás a apertar as correias do saco, reparou na tal coisa peque — nina que ia atrás de Dona Maluka e deixava um rasto de fumo como um cigarro.

— Que é aquilo? — perguntou ele.

Dona Maluka impacientou-se porque ia lá a pensar nos seus bonecos e não gostava que a distraíssem. Respondeu:

— Que há de ser? Pois não vês que é o Dragão?

Chico — Tão pequenino? Não pode ser.

Dona Maluka — Cala a boca e vai lá para diante. O Dragão faz-se grande ou pequeno, conforme quer. As vezes faz-se tão pequeno que ninguém o vê.

Chico ficou a pensar nisto, mas não disse mais nada porque era muito amigo de Dona Maluka e não gostava de a maçar com perguntas quando ela ia lá a inventar os bonecos que havia de fazer.

Saíram do pinhal e começaram a andar pela charneca que parecia não ter fim. Lá muito, muito ao longe, havia umas montanhas. O dia estava muito lindo. Nem uma nuvem no céu. Mas uma névoa muito leve estendia-se pela charneca, uma névoa azulada. Através dessa névoa nada parecia verdadeiro. Ninguém percebia bem se estava a sonhar ou acordado.

Zipriti ia andando muito desembaraçada, e para se entreter, como iam todos calados e ninguém respondia ao que ela dizia, começou a recitar lá de si para si, uma lengalenga sem pés nem cabeça:

Amanhã é domingo.

Pé de pingo.

Pica na rós.

A rós é miúda.

Pica na tumba.

A tumba é de barro.

Pica no ar.

O ar é fino.

Pica no sino.

O sino é de ouro.

Pica no touro.

O touro é bravo.

Pica no fidalgo.

O fidalgo é ladrão

Vai roubar o cordão

A Senhora da Conceição.

Dick — Nunca vi mais asneiras em menos tempo.

Chico — Mas é divertido e ajuda a andar. Quem te ensinou?

Zipriti — Foi Bonda. Bonda sabe cantigas, muitas, muitas.

Franz — Diz lá outra.

Zipriti — Qual há de ser?

Dona Redonda — A do Tranglomanglo.

Zipriti, em toada de marcha:

Eram dez moças donzelas

Todas metidas num fole.

Deu-lhe o Tranglomanglo nelas

Não ficaram senão nove.

Destas nove que elas eram

Foram amassar biscoito

Deu-lhe o Tranglomanglo nelas

Não ficaram senão oito.

Destas oito que elas eram

Todas usavam topete.

Os rapazes, em coro:

Deu-lhe o Tranglomanglo nelas

Não ficaram senão sete.

Zipriti:

Destas sete que elas eram

Foram cantar os Reis.

Dona Maluka e Dona Redonda, juntando-se ao coro dos rapazes:

Deu-lhe o Tranglomanglo nelas

Não ficaram senão seis.

Zipriti:

Destas seis que elas eram

Usavam bacias de zinco.

O Coro:

Deu-lhe o Tranglomanglo nelas

Não ficaram senão cinco.

Zipriti:

Destas cinco que elas eram

Foram dançar pró teatro.

O Coro:

Deu-lhe o Tranglomanglo nelas

Não ficaram senão quatro.

Zipriti:

Destas quatro que elas eram

Foram jogar o xadrez.

O Coro:

Deu-lhe o Tranglomanglo nelas

Não ficaram senão três.

Zipriti:

Destas três que elas eram

Foram varrer as ruas.

O Coro:

Deu-lhe o Tranglomanglo nelas

Não ficaram senão duas.

Zipriti:

Destas duas que elas eram

Ambas usavam uma pluma.

O Coro:

Deu-lhe o Tranglomanglo nelas

Não ficou senão uma.

Zipriti:

Desta uma que ela era

Pôs-se a jogar o pião.

O coro calou-se porque não sabia o fim e Zipriti acabou com Dona Redonda:

Deu-lhe o Tranglomanglo nela

E acabou-se a geração.

Dona Redonda deixou-se cair sentada no chão, tirou do bolso um enorme lenço azul e assoou-se com estrondo.

— Uf! disse ela, já não posso mais! Estas moças donzelas tiram-me sempre o fôlego!

Sentaram-se todos no chão à roda dela a rir. Dispunham-se a descansar ali um bocado, quando Zipriti se levantou e começou aos saltos e a gritar:

— Ótomove! Ótomove!

Dick — Onde está o automóvel! Não vês que é uma moita?

Zipriti — É ótomove! Vem ver!

E desatou a correr para a tal coisa que parecia uma moita no meio da névoa, lá ao longe.

CAPÍTULO 4

NA TERRA DAS COISAS-QUE-NÃO-EXISTEM

Todos foram a correr atrás da Zipriti; e o Tritão e os Pikis adiante a ladrar.

Zipriti tinha razão. Era um automóvel. Um grande automóvel de luxo, todo lustroso e metendo grande vista. Lá dentro, no assento do fundo, estavam duas senhoras e um homem entre elas duas. Todos três muito felizes e com ar muito satisfeito.

Dona Redonda — Aconteceu alguma coisa? Precisam de ajuda?

O homem cumprimentou com muita cortesia e disse:

— Mil vezes obrigado. Não aconteceu nada.

Este senhor tinha grandes bigodes brancos e um chapéu-de-coco do feitio de um chapéu alto.

Franz — Onde está o chauffeur?

Uma das senhoras era muito loura e tinha um vestido de rendas. E a outra era morena e estava vestida de seda cor-de-rosa e tinha na cabeça um chapéu pequenino de palha do feitio de um avião; o chapéu da outra imitava exatamente um cano de chaminé. Isto era a última moda, e as duas senhoras eram muito elegantes.

A loura pôs-se a brincar com o colar de pérolas que trazia ao pescoço e disse:

— O chauffeur foi-se embora mas há de voltar. O seu serviço é guiar o carro.

Dick — O senhor não sabe guiar?

O senhor de bigodes, sorrindo — Sei, mas não guio. Quem guia é o chauffeur.

Dona Redonda — Estão aqui há muito tempo?

A senhora morena — Sim, há bastante tempo.

Dona Maluka — porque estão todos sentados no assento do fundo? O carro é tão grande!

O senhor dos bigodes, sorrindo — Passeamos de carro muitas vezes juntos e é costume antigo irmos sempre

assim... Não é verdade, queridas amigas?

Chico — E se o chauffeur não voltar?

A senhora loura — Isto não é possível. O serviço do chauffeur é guiar o carro.

Dona Maluka — Pode-lhe ter acontecido qualquer coisa.

A senhora morena, voltando-se para o senhor dos bigodes, com ar assustado — Querido amigo, que pode ter acontecido ao chauffeur?

O senhor dos bigodes, retorceu-os, pensou um bocado e depois disse:

— A única coisa que lhe pode ter acontecido é ter ido, por engano, guiar outro carro.

A senhora loura, aflita — Que horror!

O senhor dos bigodes — Mas sossegue, querida amiga. Por estes sítios não creio que haja outro carro. Portanto nada há que recear.

O automóvel era tão lustroso que parecia um espelho. Zipriti trepou para o guarda-lama, começou a fazer caretas em frente do verniz e a rir às gargalhadas.

Os Pikis andavam em correrias a jogar às escondidas por debaixo do carro.

Dona Maluka puxou pela manga de Dona Redonda e afastaram-se um pouco com os rapazes.

Dona Maluka — Esta gente é pateta. Não os podemos deixar aqui sozinhos no meio da charneca.

Dona Redonda — Há muita gente assim. Imaginam que tudo se passa sempre do mesmo modo. Foram ensinados em pequenos a ver e a entender só umas certas coisas. Essas coisas, já se vê, passam e desaparecem; e vêm outras coisas. Mas eles continuam a ver só o que os ensinaram a ver, ainda que isso já não exista. Não vêem nem entendem mais nada.

Chico, muito impressionado — É como se fossem cegos. Não tem cura?

Dona Redonda — Impossível, Chico.

Franz — Mas se os deixamos aqui e ninguém lhes acode, podem morrer.

Dona Redonda — Não morrem. Estas pessoas nunca morrem.

Dona Maluka — Acontece sempre qualquer coisa que os salva, porque são precisos neste mundo.

Dick — Para quê?

Dona Redonda — Para darem a ganhar àqueles que fabricam as coisas que nós vemos.

Dona Maluka — E para comprarem os meus bonecos.

Chico — Mas eles não vêem os seus bonecos!

Dona Maluka — Pois não. Mas se certas pessoas começarem a dizer que os meus bonecos são bonitos, eles vão logo comprá-los.

Nisto ouviram um barulho como se o automóvel fosse a andar.

O Dragão tinha crescido. Estava do tamanho de um cavalo e todo azul-claro com as asas cor-de-rosa. Tinha a boca escancarada e via-se muito bem que estava a rir. Enrolara a cauda ao pára-choque do carro e levava-o pela estrada fora atrás de si.

— Vamos lá a ver para onde vão! — disse o Chico.

Desatou a correr atrás do carro, e o Franz e o Dick foram com ele e todos três saltaram para os estribos. Zipriti arregalou os olhos, filou-se com unhas e dentes ao guarda-lama. E lá foram.

Dona Redonda e Dona Maluka assobiaram pelos cães e voltaram para trás.

O Dragão foi ganhando velocidade e daí a pouco o automóvel ia a nove pela estrada fora.

O senhor dos bigodes disse para as suas companheiras:

— Queridas amigas, o seu chauffeur guia como um anjo. Que passeio adorável!

A senhora morena — Que lindo dia! Um ar tão puro!

A senhora loura, brincando com as pérolas do colar — Quem são estas crianças que vêm nos estribos do carro?

A senhora morena, dando rouge nos beiços-São decerto pobrezinhos que andam no campo a apanhar ervas medicinais. Trazem sacos às costas onde as vão guardando.

A senhora loura, falando aos rapazes-Então, meus garotinhos, que ervas andam vocês a apanhar?

O Dick franziu a testa e corou. Mas o Chico deu-lhe um cotovelão e respondeu:

— Macela, para as dores de barriga.

Ouviram-se três notas de trombeta fortíssimas.

— Ah! Ah! Ah!

Era o Dragão a rir.

Mas os senhores não ouviram. Só ouviram a resposta do Chico e o senhor dos bigodes exclamou:

— Oh!

E ficou aflito, porque era má-criação falar de barriga diante das senhoras. Quis disfarçar e mudar de conversa e perguntou ao Chico:

— Vocês não vão à escola?

Chico — Vamos, sim, senhor. Eu não fui na semana passada porque tive uma solturazita.

— Ah! Ah! Ah! riu o Dragão.

— Oh! exclamou o senhor dos bigodes. E acrescentou em voz baixa, falando às senhoras:

— Queridas amigas, é melhor não fazer mais perguntas a estes garotos. De resto estamos chegados a casa. Já vamos no parque.

Então os rapazes avistaram um casarão muito grande no meio da charneca; e daí a pouco o Dragão parou em frente de uma escadaria.

O Dick, o Franz, o Chico e a Zipriti saltaram para o chão, mas os senhores não se mexeram.

O Dragão desenrolou a cauda do pára-choque, piscou o olho aos rapazes, foi apanhar uma folha de piteira e pô-la na cabeça em ar de boné. Depois veio abrir a portinhola com um grande cumprimento, desbarretando-se da folha de piteira como se fosse um chauffeur muito bem ensinado.

Os três senhores saíram então do carro e subiram a escadaria a conversar:

— Nunca me farto de admirar esta sua vivenda, querida amiga! — disse o senhor dos bigodes.

A senhora morena — É principesca. E os jardins com tantas flores! E a beleza destes tanques e destes repuxos!

O senhor dos bigodes — E estas árvores enormes! Estas sombras! Esta deliciosa frescura!

A senhora loura, que era a dona da casa — Sim. Não é desagradável no Verão.

Dick, bichanando ao ouvido do Franz — Mas onde está o parque? E os jardins? E os tanques?.

Os rapazes esfregavam os olhos e olhavam à roda de si, mas por mais que fizessem, só viam o casarão no meio da charneca. Em volta só havia mato raso, pedregulhos, piteiras e figueiras do inferno. E as janelas do casarão nem vidros tinham.

— Vamos atrás deles, disse o Franz.

As senhoras tinham chegado ao alto da escadaria, em frente de uma porta aberta. Aí pararam e voltaram-se uma para a outra com muitas cerimónias a ver qual passava primeiro:

— Ora essa!.... faça favor de passar.

— De modo algum. Por quem é, passe primeiro.

— Por nada neste mundo! Então...

Por fim, como a porta era larga, passaram as duas ao mesmo tempo. E o senhor dos bigodes fez uns passinhos e uma cortesia, tirou da cabeça o chapéu-de-coco do feitio de chapéu alto, e entrou atrás delas.

Os rapazes, muito divertidos e cheios de curiosidade, quiseram entrar também. Mas a Zipriti, que não percebia

nada daquilo, sentou-se num degrau e disse toda resoluta:

— Zipriti não vai, não: Zipriti medo. Não entra não. Ai Ai!

Os rapazes não sabiam o que tinham de fazer. Chico teve uma ideia; abaixou-se para a Zipriti e disse-lhe:

— Bolos.

Zipriti levantou-se logo e desatou a subir a escadaria tão depressa que os rapazes tiveram de correr para a apanhar.

Chico, pegando na mão de Zipriti — Se me largas a mão e se fazes barulho, eles não dão bolos.

Entraram. Atravessaram umas poucas de salas. Não havia móveis, nem mesas, nem cadeiras, nem armários, nem sequer um banco. Só os sobrados, as paredes e o teto. Só se ouvia o barulho dos sapatões dos rapazes no sobrado. Catrapus, catrapus, catrapus.

Zipriti ia agarrada com toda a força à mão do Chico, desconfiada, a chupar no dedo e calada como um rato.

Por fim chegaram em frente de uma porta entreaberta e ouviram vozes lá dentro. Empurraram a porta devagarinho

e ficaram pasmados a olhar. A Zipriti arregalou muito os olhos e abraçou-se a uma perna do Chico.

— Ai! Ai! — disse ela baixinho. — Zipriti medo. Ai! Ai!

O Chico estava tão espantado que nem lhe respondeu. Tanto ele como o Franz e o Dick sentiam-se um pouco assustados...

Na sala havia umas poucas de pessoas. Mas todos aqueles senhores e senhoras muito bem vestidos e com muito bonitas maneiras, encontravam-se em posições de pessoas bem sentadas em cadeiras, recostadas em poltronas, apoiadas a mesas... e, como não havia cadeiras, nem poltronas, nem mesas, nem nada, aquilo era esquisito e de meter medo, porque estavam todos sentados e encostados. Uma senhora muito janota de cabelo grisalho fazia tricot voltada para uma parede nua; via-se que tinha a vista muito curta porque trabalhava com as mãos muito perto do nariz. Mas o mais extraordinário é que não tinha tricot nenhum nas mãos; e na parede não havia fogão nem lume.

O senhor dos bigodes estava ao pé dela e disse-lhe:

— Sempre friorenta e sempre a trabalhar!

A senhora da vista curta sorriu e respondeu com muito bom modo:

— É para os soldados, coitadinhos.

Sentados no ar e com os cotovelos em cima de uma mesa que não existia, um senhor magro, de monóculo e outro gordo com uma grande barba branca, cabelos muito compridos e óculos redondos, fingiam que liam. Mas não havia jornais, nem livros, nem nada...

A senhora loura, que era a dona da casa, conversava ora com uns ora com outros, muito animada e risonha; e todos a tratavam com muita cortesia.

Os rapazes e a Zipriti tinham-se esgueirado para dentro da sala. Acomodaram-se num canto mais escuro e ninguém dera ainda com eles. Estavam tão pasmados que nem falavam nem se mexiam.

Um senhor careca de polainas brancas disse à dona da casa:

— Raras vezes se pode ver uma coleção tão completa de obras de arte como a que V. Ex. a possui nesta sua casa.

A dona da casa respondeu:

— O meu pobre marido não pensava noutra coisa.

Reparou naquele quadro de Renoir?

E foram os dois olhar para uma parede nua.

O Chico deu um cotovelão ao Franz e bichanou:

— Olha, olha para aquilo!

Na parede nua ia aparecendo a pouco e pouco um quadro. Não era bem um quadro; era como uma janela aberta; e por aquela janela via-se arvoredo e flores e mulheres com fato vistoso e, por aquela janela aberta entrava na sala muita luz e até perfumes e música...

Mas tudo isto desapareceu, e a parede ficou outra vez nua, porque nesta altura a dona da casa deixou de olhar para ela... Abriu-se a porta ao fundo da sala e surgiu o Dragão em pé, todo empertigado. Tinha-se tornado azul — escuro e as asas estavam amarelas. Disse com voz de trovão, em francês:

— Madame est servie!

Isto queria dizer que o chá estava na mesa. A dona da casa encaminhou-se para a porta e todos se levantaram e foram andando para a outra sala.

O senhor do monóculo disse à dona da casa:

— Que magnífico lacaio! Só V. Ex. a é capaz de descobrir maravilhas destas.

A dona da casa respondeu como quem não quer a coisa:

— Trouxe-o de Paris. É um príncipe russo arruinado.

Zipriti arregalou muito os olhos e apertou a cabeça nas mãos.

— Ai! Que trapalhice! — exclamou ela.

O senhor gordo das barbas brancas ia a passar e ouviu.

— Ora essa! Que é isto? — disse ele voltando-se de repente e dando com a Zipriti. — Que quer isto dizer?

Zipriti, toda arrebitada — É eu! E é trapalhice. Não é príncipe, não. É Dragão.

O senhor gordo das barbas brancas, que tinha uma sobrecasaca muito comprida, tirou de um bolso um vidro de aumentar, muito grosso, quadrado, e chegando-o aos olhos pôs-se de cócoras a examinar a Zipriti como se ela fosse uma pulga ou um mosquito de qualidade rara.

Ninguém mais dava atenção; tinham passado já quase todos para a sala do chá.

O senhor gordo das barbas, muito interessado — Muito curioso. Muito curioso... Diga lá... Então o lacaio não é príncipe? O que é?

Zipriti, enfiada, chupando o dedo — Zipriti não faz outra, não.

O SENHOR GORDO — Não se trata disso. Se o lacaio não é príncipe, o que vem a ser?

Zipriti começou a fazer beicinho. O Chico perdeu a paciência, e disse ao senhor gordo das barbas:

— Pois não vê que é um dragão?

O senhor gordo das barbas brancas e do cabelo comprido que, já se vê, era um grande sábio, sorriu e fez uma festinha na cara do Chico que recuou, furioso. Depois, empertigou-se todo, espetou para o ar o dedo indicador e disse, muito solene:

— O dragão, meu menino, é um motivo decorativo, de origem talvez religiosa, importado da China. O dragão é um mito. Nunca existiu. Não existe. Em que escola estuda o menino?

Chico, muito zangado — O dragão não existe? Então o que é que existe? Talvez exista essa mesa onde o senhor finge que está encostado. Quer saber onde é a minha escola? É no pinhal. E os mestres são as árvores.

O Dick e o Franz estavam tão indignados como o Chico. Também quiseram meter a sua colherada.

Franz — Lá na nossa escola os cães falam. Talvez o senhor com toda a sua sabedoria nunca ouvisse os cães a

conversar!?

Dick — E os Cruzados passaram lá no outro dia e ajudaram Dom Afonso Henriques a conquistar Lisboa.

Zipriti, toda excitada, não quis ficar para trás. Pendurou-se nas abas da sobrecasaca do senhor gordo e gritou-lhe:

— No pinhal Dona Redonda, Dona Maluka, Bonda, e muito pão-de-ló... e tudo!

O sábio olhava ora para um, ora para outro, por detrás dos óculos redondos e da lente quadrada. A cada coisa que eles diziam dava um saltinho como se um alfinete o picasse no sim-senhor: quando ouviu a voz aguda da Zipriti, deu um salto maior e virou costas sacudindo a cabeleira e levantando e agitando as mãos no ar.

— Crendices do povo! Ignorância! Quando acabará a ciência de varrer esta poeirada!

Os rapazes olhavam para ele aterrados.

— Endoideceu, disse o Chico.

Dick — Entendes o que ele diz?

Franz — Ninguém entende. Está doido, coitado!

Nisto a dona da casa apareceu à porta da sala a chamar pelo sábio:

— Mestre! Mestre!. Venha tomar chá!... sempre tão distraído!...

Zipriti, entusiasmada, aos pulos — Chá! Chá! Bolos! Doces!

Mas a sala do chá estava tão vazia como as outras. Os senhores e as senhoras formavam um círculo ao meio da casa como se fossem dançar uma dança de roda. Ao centro, onde devia encontrar-se a mesa do chá, não havia nada; mas eles faziam menção de servir pratos de bolos, fatias, e doces, uns aos outros, muito satisfeitos da sua vida.

E a dona da casa deitava chá em xícaras, mas não se via bule, nem xícaras, nem chá; e todos levavam coisas à boca e mastigavam. Mas não levavam nada.

E diziam assim, lambendo os beiços:

— Que deliciosas sanduíches! De que são!

— E estes queijinhos de ovos? Divinos!

Zipriti, perdendo a cabeça — Bolos! Bolos! Zipriti quer bolos! Onde estão?

Uma senhora, oferecendo à Zipriti um prato de bolos que não existia — Aqui estão os bolos, amorzinho. Que interessante! Quem são estas crianças?

A dona da casa — São uns ciganitos que encontramos no nosso passeio e que eu trouxe para lhes mandar dar de comer.

Zipriti, apertando a cabeça nas mãos — Aí, que trapalhice!

A dona da casa, voltando-se para o Dragão:

— Vladimir, leva já estas crianças para a cozinha.

Chico, todo afogueado — Se não comêssemos senão o que se come aqui...

Mas o Dragão, piscando-lhe o olho, desenrolou a cauda e varreu com ela os pequenos para um canto da sala.

— Quietinhos, disse ele. Abram os seus sacos e comam o farnel. Não façam barulho.

Os rapazes desenfiaram as correias dos ombros e abriram os sacos. A Dona Redonda e Dona Maluka tinham lá metido coisas boas: croquetes, ovos cozidos, pão com manteiga, queijo e bolos; e duas garrafinhas com água e vinho. Começaram a comer os quatro, todos regalados.

Os senhores e as senhoras, distraídos com o chá e com as conversas, não faziam caso deles. Mas o senhor dos bigodes, volta e meia, disfarçadamente passava perto e olhava para os farnéis.

Numa daquelas voltas, abaixou-se para a Zipriti que tinha um croquete numa das mãos e um ovo cozido na outra.

— Coisas boas... — disse o senhor dos bigodes lambendo os beiços. — Que é isso?

Zipriti, mostrando-lhe o que tinha nas mãos, toda contente — Ovo Corquete. Bom.

O senhor dos bigodes, relanceou os olhos em volta, a ver se ninguém reparava, e, de repente, deitou as mãos ao ovo e ao croquete da Zipriti e abalou com eles.

Zipriti, berrando — Ai! Ai! Corquete Zipriti! Óvi Zipriti! Ai! Ai! Aqui d’el-rei! Senhor ladrão! Ai! Ai!

Foi um rebuliço. Todos acudiram.

— O que foi? O que aconteceu?

— É fogo?

— Andam ladrões em casa?

Zipriti não se calava:

— Corquete! Óvi! Senhor tirou! Senhor ladrão! Ai! Ai! Aqui d’el-rei!

Os rapazes, para a calarem, deram-lhe outro ovo e outro croquete. Mas Zipriti, furiosa, atirou com ovo e croquete pelos ares; o croquete foi-se esborrachar num olho da senhora de vista curta; o ovo caiu de grande altura na moleirinha do senhor careca que cambaleou e teria ido ao chão se o não segurassem. E o senhor ladrão, dos bigodes, aproveitou a confusão para se esgueirar para o vão de uma janela com a boca tão cheia que mal podia respirar; e pensava de si para si, todo consolado:

— Ai, que bom Ai, que bom!

E não queria saber de mais nada.

Quando aquela barafunda se acalmou, a dona da casa voltou-se para o Dragão, toda severa:

— Vladimir, eu não lhe disse que levasse já estas crianças para a cozinha?

O Dragão voltou a piscar o olho aos rapazes e saiu da sala com os quatro pequenos atrás de si.

Atravessaram aquelas salas todas, saíram para o terraço e começaram a descer a escadaria.

O automóvel, tinha desaparecido. Não estava ali ninguém. Só se via a charneca rasa e deserta.

O Dragão sentou-se nos degraus, abriu uma goela enorme e riu, riu...

— Ah! Ah! Ah!... Ah! Ah! Ah!...

Parecia que mil trombetas tocavam ao mesmo tempo. Os rapazes taparam os ouvidos com medo de ensurdecer.

Dragão, segurando a barriga — Ah! Ah! Ah!... que eu morro a rir!...

Os rapazes riam tanto como ele, mas, já se vê, no meio daquele barulho não se lhes ouviam as gargalhadas.

Zipriti não entendia nada e estava um pouco assustada, a chupar no dedo e a olhar para eles de revés.

— Dragão! disse por fim o Chico, que gente tão esquisita é esta?...

Dragão — É a gente que vive das coisas que não existem. Mas eles também pensam que nós vivemos de coisas que não existem.

Dick — Porquê?

Dragão — Porque eles não veem o que nós vemos e nós não vemos o que eles veem.

Os rapazes ficaram a pensar nisto. Depois o Franz perguntou:

— Dragão, porque é que puxaste o carro dessa gente e lhes serviste de lacaio?

Dragão — Ú... gúrú.... Ú.... Porque não tenho remédio senão ajudá-los de vez em quando. Senão dá-lhes o Tranglomanglo.

Chico — Também se lhes desse o Tranglomanglo não se perdia grande coisa.

Dragão — Aí é que tu te enganas. Tudo é preciso neste mundo, o bom e o mau, o bonito e o feio, e o que não é bonito nem feio. Cada vez que os homens fazem desaparecer uma coisa, tenho eu um tal trabalhão para a tornar a pôr no seu lugar. Cada vez que inventam uma coisa nova, tenho outro trabalhão para a fazer desaparecer. A vida feita de coisas que aparecem e desaparecem e tornam a aparecer. Sempre as mesmas. O mundo é redondo. ú... gú... rú... ú... Se lhe tirassem uma fatia, já não rebolava. O que Deus faz é bem feito. porque não acabam vocês de comer a sua merenda aqui? Faz sombra e está fresco.

Ali comeram o resto do seu farnel com todo o sossego.

Entretanto o Dragão foi dar uma volta pela charneca, apanhou e comeu doze coelhos, cinco lebres, um braçado de ervas e de raízes, e voltou a trote, satisfeito da sua vida, a lamber a bigodeira.

— Trepem aqui para as minhas costas, disse ele aos pequenos. Treparam todos quatro e lá se agarraram conforme puderam. Então o Dragão cresceu muito, abriu as asas e desatou a voar.

Naquele instante as senhoras e os senhores lá do casarão das-coisas-que-não-existem, tendo acabado de tomar chá, vieram gozar do fresco para o terraço, no alto da escadaria.

Viram o Dragão no ar com os três rapazes e a Zipriti às costas.

O senhor careca, de monóculo, que era um diplomata, disse:

É o avião de Londres, que leva o 1º ministro.

O sábio tirou um pequeno telescópio da algibeira da sobrecasaca, ajustou-o a um olho e, depois de observar algum tempo o voo do Dragão, declarou:

— É um aerólito.

O senhor dos bigodes, que era um grande homem de negócios, rei dos ferros-velhos ou coisa que o valha, disse com ar importante:

— É o Clipper, Vai ali a minha correspondência para Nova Iorque.

E a senhora de vista curta, que ainda tinha o olho vermelho por causa do croquete da Zipriti, pôs as lunetas e gritou cheia de admiração, pasmada para o Dragão:

— Que linda borboleta!

O Dragão voou muito alto, muito alto. Voava como as águias, com as asas muito abertas e quase imóveis, sem fazer barulho nenhum.

Os rapazes iam encantados. A terra estendia-se debaixo deles, como um mapa enorme.

— Olha o nosso pinhal! gritou o Chico. Lá estava o pinhal; alastrava-se pela beira do mar como um borrão de tinta, todo recortado pelas rochas. E depois era o mar, a perder de vista. Do outro lado do pinhal via-se a charneca, por ali fora, até às montanhas que pareciam pequeninas vistas lá de tão alto. Para lá das montanhas continuava a costa toda bordada de rochas e de praias que branquejavam ao sol. Aqui e além via-se uma povoação com a torre da sua igreja a apontar para o céu e os telhados de cores das suas casas.

Franz, entusiasmado — Vejam! Vejam! Se não fossem os aviões a gente não fazia ideia destas coisas tão lindas!

Dick — Mas tu não vais num avião!

Chico — E se trepasses a uma montanha muito alta, também vias estas coisas.

Dragão — Se fosses num avião, o barulho seria tanto que nem poderias conversar, nem pensar sequer. Se houvesse vendaval ou avaria na máquina, arriscavas-te a ir parar lá abaixo feito em fanicos ou em torresmos. Se houvesse bolsas de ar vomitavas as tripas.

Franz — Dragão, tu não gostas de aviões nem de máquinas! Porquê?

Dragão, suspirando — Ú... gú... rú.... Ú.... ú!... Não gosto das coisas que os homens fazem a fingir que são Deus. Sobem-lhes à cabeça e trazem desastres. Dão-me muito trabalho. Ú.... Gúrú... ú... São sempre coisas que tomam o freio nos dentes.

Zipriti, desconfiada — Dragão zangado. Ai! Ai! Zipriti medo.

Não disseram mais nada. Não queriam afligir o Dragão.

Daí a pouco o Dragão começou a descer. Desceu, desceu, fazendo grandes curvas no ar. Era tão doce aquele voo planado, silencioso, ora sobre o mar, ora sobre a terra que parecia subir para eles com todas as suas cores, os seus relevos, os seus recortes.

E por fim o Dragão pousou na orla do pinhal e largou a galope entre o arvoredo. Chegou à Encruzilhada dos Cedros num instante. Aí começou a fazer-se pequenino, a mais e mais, até que os pequenos se viram em pé no chão e o Dragão diante deles do tamanho de um coelho. Mas continuava a diminuir, a mais e mais...

Zipriti — Ai! Ai! Dragão pequenino, pequenino... Ai! Ai! Dragão fugir!

Chico — Cala a boca.

Tanto ele como o Franz e o Dick estavam pasmados a olhar para o Dragão que se tornara já do tamanho de uma lagartixa. Ainda não se tinham costumado àquelas maneiras do Dragão.

Franz — E pensar a gente que ainda agora ele era tão grande e poderoso a voar por cima das nuvens!

O Dragão que estava agora do tamanho de um grilo, disse com uma vozinha de grilo:

— Pois é. A vida é assim. Altos e baixos, altos e baixos...

E sumiu-se entre as ervas, deixando um rastozito de fumo, como um cigarro.

CAPÍTULO 5

O TRIBUNAL DOS BICHOS

No Pinhal Quando o rasto do Dragão desapareceu, Zipriti puxou pelo calção do Chico e declarou:

— Zipriti quer ver Dona Redonda. Zipriti quer festinhas.

Quando Zipriti disse aquilo, todos perceberam que estavam com saudades da Dona Redonda.

— Vamos ter com ela, disseram os rapazes.

Meteram pelo atalho, direitos à casa branca e verde.

No caminho encontraram o Tritão e o Pitsi, que logo ficaram muito contentes de os ver.

— Boas-tardes! Boas-tardes! Béu! Béu!

OS RAPAZES — Boas-tardes, canzoada! A Dona Redonda está em casa?

Pitsi — Dona Redonda! Dona Redonda é boa. Faz festas e dá coisas de comer.

Tritão — Báu! Báu! Tritão é muito amigo de Dona Redonda. Onde está Dona Redonda?

Chico — Seus patetas! Não dizem uma coisa acertada!

Franz — O que andam vocês por aqui a fazer?

Tritão — A procura de qualquer coisa para roer.

Pitsi — Eu é que acho sempre e levo para casa.

Tritão — Achas mas não róis.

Nisto aparecem em grande correria o Piki, a Tarika e a Menina.

— Boas-tardes! Boas-tardes! gritaram eles. E atiraram-se aos rapazes às festas.

Lá foram todos direitos à casa branca e verde. Mas não estava ninguém no alpendre. Os pequenos entraram, correram a casa toda. Tudo muito limpinho, muito arrumadinho, mas nem Dona Redonda, nem Dona Maluka. Voltaram para fora, desconsolados. Tudo muito sossegado, muito quieto. As árvores não se mexiam. Naquele silêncio, só se ouviam umas pancadas surdas:

— Tum! Tum! Tum!

O Tritão disse:

— Desconfio que escondi um osso naquela moita.

— Vamos ver se ainda lá está, respondeu logo o Pitsi.

E foram a correr.

A Tarika olhou para eles com desdém, e disse:

— Tolices!

Depois sentou-se, arrebitou as orelhas e declarou:

— Debaixo daquelas pedras está uma lagartixa. Mas ninguém sabe procurar senão eu.

Estendeu-se na caruma, ao sol, e fechou os olhos.

O Piki começou a dançar com a Zipriti. Muito ligeiro, muito rápido, cheio de graça, parecia um bailarino. E a Zipriti não lhe ficava atrás. E o Piki a rir às gargalhadas:

— Béu! Béu!

E a Zipriti a cantar muito desafinada:

Vai de lado, de lado, o que é?

Vai de lado o Mané Chiné!...

Os rapazes tinham-se sentado nos degraus do alpendre, todos tristes. Nem Dona Redonda, nem Dona Maluka. Aquela casa sem elas, era como um corpo sem alma.

Franz — Mas o que é este barulho? Ouvem! rum! Tum! Tum!

Zipriti, parando de dançar — É Dona Maluka a fazer bonecos.

Tarika, tentando apanhar uma mosca — Que raio de moscas! Que maçada! Não deixam dormir uma pessoa!

Tritão — Eu cá apanho-as todas!

Tarika — Idiota! Tomaras tu que elas te não apanhem a ti!

Chico — Onde é que Dona Maluka faz os bonecos?

Zipriti — No barracão.

Franz — Onde é o barracão?

A Menina — Eu sei! Eu sei! Eu sei!

Começou às reviravoltas diante dos rapazes e depois largou a correr para o mato. Foram andando atrás dela e chegaram em frente de uma casa de madeira escondida entre as árvores. Era de lá que vinham as pancadas: Tum! Tum! Tum!...

E agora ouvia-se também a voz de Dona Maluka a cantar de mansinho, muito afinada:

Daisy! Daisy! Daisy!

Give me your answer, do...

Nisto apareceram Zipriti e o Piki numa grande restolhada entre o mato.

Zipriti vinha atarefada, a fazer muitos sinais aos rapazes:

— Che. che. che.

E punha o dedo em frente da boca, a recomendar que não fizessem barulho.

Chegando perto deles, disse em segredo:

— Não se vai lá. Che. Não se faz barulho. Che. A Dona Maluka zanga-se.

O Piki e a Menina tinham-se sentado muito quietos; e disseram com ares entendidos:

— Pouco barulho! Dona Maluka dá com a chibata. A chibata está atrás da porta.

Neste instante uma lagartixa atravessou o caminho como um raio e meteu-se debaixo de umas tábuas que ali estavam encostadas à parede. O Piki e a Menina perderam a cabeça. Foram atrás dela; enfiaram por debaixo das tábuas. As tábuas tombaram com grande estrondo.

— Que é isto? — perguntou Dona Maluka aparecendo à porta da casa de madeira.

O Chico, o Franz e o Dick começaram a explicar o que tinha acontecido.

Dona Maluka olhava para eles sem dizer palavra. Parecia não os ver nem ouvir.

Franz — Ouvimos pancadas: Tum! Tum! Não sabíamos o que era...

Zipriti — Zipriti sabe. Zipriti disse que era Dona Maluka a fazer bonecos. E disse: Che... Che...

A Menina, ao Piki — A chibata está atrás da porta.

Dona Maluka pareceu acordar e pôs-se a rir.

— Quem atirou aquelas tábuas ao chão?

A Menina e o Piki esgueiraram-se a toda a pressa para o mato. A Dona Maluka, rindo — Puseram-se a salvo, os espertalhões!

Depois voltou-se para os rapazes:

— E vocês? Eu bem sei o que vocês querem.

Dick — Eu queria ver os bonecos Franz — Pode ser?

Chico — Se não gosta, a gente vai-se embora.

Dona Maluka — Vá lá. Entrem. Mas são uns bonecos muito esquisitos. Vocês não vão gostar.

Entraram em bicos de pés como se entrassem numa igreja onde não se deve fazer barulho. Não sabiam porquê.

Lá dentro havia um grande silêncio, e uma luz esquisita como a gente vê às vezes em certos sonhos. O barracão era

muito grande. Havia grandes troncos de árvores por aqui e por ali, e pedações de pedra. Dos troncos, alguns estavam inteiros, outros sem casca e mudados em vultos grandes e já sem forma de árvores. E em alguns blocos de pedra havia desenhos cinzelados, como teias de aranha esgadelhadas. Nenhuma daquelas formas e desenhos imitava gente; ou animais, ou plantas, ou fosse lá o que fosse. Mas as formas que Dona Maluka tinha dado àqueles troncos de árvores e àqueles pedregulhos eram lindas e descansavam a vista, como certas montanhas, ou rochedos, ou ondas do mar, ou nuvens.

Os rapazes olhavam para tudo aquilo com muito respeito. Sentiam que aquelas coisas criadas por Dona Maluka tinham uma grande beleza. Zipriti não percebia nada. Apontou para uma daquelas coisas e perguntou:

— O que quer dizer?

E, como ninguém lhe respondeu, continuou a falar sozinha — Aquela é uma senhora gorda. e aquela é uma escada. E aquela é uma casa torta. e aquela é uma vaca sem pernas nem cabeça. Zipriti cansada. Sono.

O Chico deu-lhe um safanão.

— Cala a boca!

E no mesmo instante todas aquelas formas começaram a crescer, a crescer. e já não cabiam no barracão. Eram montanhas de curvas macias a subirem até ao céu; e por picos altos, escarpados. E eram nuvens enroladas em volutas e espirais cheias de grandeza e inundadas de luz; e outras negras e terríveis como bulcões de tempestade. E outras pareciam rochedos recortados e limados pelo mar.

Os rapazes já não sabiam onde estavam porque o barracão desaparecera, e o pinhal desaparecera e aquelas nuvens iam desaparecendo também; diante deles agora estendia-se um campo todo raso, a perder de vista, coberto de mato curto e áspero, varrido por grande ventania.

Iam todos a andar por ali fora, sem saberem para onde iam. Andaram, andaram… e por fim perceberam que aquela planura era o cimo de um promontório imenso que avançava pelo mar além. E agora já ouviam o barulho das ondas a quebrarem-se lá em baixo no sopé daquela rocha altíssima. Foi então que o Dick reparou no Piki. O Piki ia a

crescer, a crescer. e por fim já não era o Piki, era um lindo cavalo alazão coberto com um xaireli de veludo escarlate franjado de ouro. E, sem saber como, o Dick viu-se montado nele e viu que ele próprio se tornara um homem feito, e que vestia um gibão de veludo azul e calçava botas altas com esporas de ouro. Ouviu um tropel de cavalos atrás de si e, voltando-se, deu com o Tritão, a Tarika, o Pitsi e a Menina, todos mudados em cavalos muito bem aparelhados e montados por homens de armas.

O Dick não se admirou. Sabia que era o Dick, mas sabia muito bem que era um cavaleiro da casa de el-rei de Portugal.

Foi andando, sem dizer nada, até que ouviu a voz muito linda e afinada de Dona Maluka, a cantar uma cantiga muito triste:

O lavrador do arado

Ai, bom Jesus!

Encontrou um pobrezinho...

O pobrezinho lhe pediu,

Ai, bom Jesus!...

Que o levasse no seu carro.

Viu a Dona Maluka descalça e com um manto muito rotinho pela cabeça, sentada numa pedra, a fiar; e à roda dela umas poucas de cabras pastando naquele mato bravo.

Dick fez estacar o cavalo e ia perguntar a Dona Maluka o que lhe tinha acontecido. Mas, em vez disso, e sem saber porquê, disse:

— Deus vos salve, pastora. Dizei-me, irei em bom caminho para a Vila do Infante?

E ela, sem levantar os olhos, respondeu, apontando para diante com o fuso:

— É já ali, meu senhor.

E no mesmo instante o Dick viu a pouca distância uma alta muralha recortada de ameias. Tinha ficado admirado de ouvir a sua própria voz, porque era uma voz grossa de homem já de certa idade. Mas não teve tempo de pensar

porque se viu de repente do lado de dentro da muralha. Vieram logo pajens segurar-lhe o cavalo, e, apeando-se, viu um cavaleiro que avançava ao seu encontro.

Depois dos cumprimentos de boas-vindas, este cavaleiro disse-lhe que o infante D. Henrique tinha partido para Lagos, mas que fizesse favor de entrar e de descansar.

Assim entraram ambos na casa do infante D. Henrique.

— Desculpará, Vossa Mercê, a falta de cómodos, disse o cavaleiro. A nossa vida aqui é rude. Não se pensa senão em navegar. O infante, nosso senhor, não descansa nem de dia nem de noite.

Dick sorriu:

— Velhos guerreiros como eu, disse ele, sabem o que é a vida áspera. Também tenho andado no mar.

E meu pai que veio de Inglaterra com a rainha Dona Filipa que Deus haja, sempre me ensinou a contentar-me com pouco.

Atravessaram uma sala onde à roda de uma grande mesa coberta de mapas, rolos de papel, compassos e

instrumentos de navegação, estavam sábios a trabalhar...

E o cavaleiro indicou ao Dick um homem muito louro que ali estava debruçado sobre um mapa, e disse-lhe baixinho:

— Aquele chegou há pouco. É um sábio da Boémia...

Nisto o sábio ergueu a cabeça e encarando com Dick, levantou-se e veio ao seu encontro. Abraçaram-se. Era o Franz.

Tudo se turvou como num grande nevoeiro e daí a pouco viram-se os dois a caminho de Lagos com um acompanhamento de homens de armas.

Quando chegaram a Lagos, encontraram a vila deserta. Estava toda a gente na praia a olhar para uma caravela que acabava de ancorar. Ouvia — se uma vozearia.

— O que é isto?

— É Gil Eanes! Gil Eanes!...

— Dobrou o cabo Bojador! Viu que o mundo não acabava ali. E lá voltou. E passou adiante com Afonso Baldaia!

O Dick e o Franz viram na praia uma figura que metia respeito e admiração. Era um homem vestido de escuro,

tisnado do sol, espadaúdo e forte, muito sério e imóvel, montado num grande cavalo preto. Era o infante.

O Dick aproximou-se dele, apeou-se, foi beijar-lhe a mão e disse-lhe:

— Meu senhor, trago aqui uma carta de el-rei, meu senhor, para Vossa Alteza.

Mas o infante nem olhou para ele; não tirava a vista da caravela.

— Depois, depois… disse ele.

A caravela estava rodeada de barcos; e esses barcos começavam agora a vir para terra.

O primeiro a saltar foi Gil Eanes.

O povo gritava:

— Gil Eanes! Gil Eanes!

E rodeavam-no, mal o deixavam caminhar.

Mas ele só tinha olhos para o infante. Correu para ele.

— Meu Senhor! Meu Senhor! Mais cinquenta léguas para lá do cabo Bojador!... Trazemos isto como testemunho.

Voltou-se. Vinha um homem atrás dele com uma pretinha ao colo, tão embrulhada numa manta que só se lhe viam os olhos. E o Dick e o Franz logo conheceram aqueles olhos esgazeados e cheios de susto.

E conheceram também Gil Eanes, apesar da barba e da pele tisnada.

— Chico! — disseram os dois ao mesmo tempo. Mas o Chico apresentava a pretinha ao infante... — Ai! Ai! — gritou a pretinha. — Zipriti tem medo homem grande! Zipriti não quer...

Tanto esperneou que se desprendeu dos braços do Chico e foi a correr agarrar-se às pernas do Dick...

E nisto ouviu-se um grande estrondo e a terra tremeu, e a areia da praia levantou-se em redemoinhos. O vento era tanto que atirou com toda a gente ao chão.

Quando aquilo passou e os rapazes se levantaram, atordoados, viram-se no pinhal, em frente do barracão. À porta estava Dona Maluka a rir com a Zipriti ao colo.

Zipriti, fazendo festas a Dona Maluka — Zipriti ama Dona Maluka. Não quer homem grande, não.

Chico com barbas mau. Deu Zipriti a homem grande. Zipriti medo.

Dona Maluka — Pronto, pronto. Tudo isso acabou.

Os rapazes estavam estonteados. Olhavam uns para os outros. Viam-se de novo pequenos.

Chico — Onde está Dona Redonda? Ela é que sabe explicar.

Dona Maluka, muito despachada — Não explica nada. Não há nada que explicar. É assim mesmo. Tu vais de uma terra para outra e vês lá coisas diferentes, não é verdade? Uns fazem viagens grandes e vêem coisas extraordinárias. Outros não vêem. Outros não viajam. Não penses mais nisso.

Zipriti — Zipriti quer fazer festinhas Dona Redonda.

Franz — Onde está Dona Redonda?

Dick — Vamos procurá-la.

O Piki e a Menina saíram do mato aos saltos:

— Vamos! Vamos! Vamos!

Foram andando até à casa branca e verde. em frente do alpendre estavam o Pitsi e o Tritão, um a roer um osso velho e o outro a espatifar uma pinha, ambos muito entretidos: e a Tarika, estendida ao sol, dormia regaladamente.

— Tarika, disse Dona Maluka. Tarika! Venha cá! Tarika levantou a cabeça, cheia de sono, e resmungou entre dentes:

— Que é?. Também nunca deixam uma pessoa passar pelo sono.

Dona Maluka — Que é isso? Andas muito rabugenta, mas eu tiro-te a rabugice num instante.

Tarika, levantando-se e espreguiçando-se — Está bom. Não se zangue, Dona Maluka.

Dona Maluka — Onde está Dona Redonda? — Busca!

Tarika abriu a boca, sentou-se, coçou-se...

Dona Maluka — Então queres apanhar?

Tarika começou a andar de um lado para o outro; a cheirar o chão; de repente abalou a trote pelo carreiro,

direito à Encruzilhada. E todos atrás dela.

Fartaram-se de andar, porque a Tarika, de vez em quando, distraía-se e em vez de seguir o rasto de Dona Redonda, encontrava o de um coelho e partia como uma seta, de cabeça perdida, gritando de entusiasmo, e os Pikis todos, de língua de fora, muito excitados espalhavam-se no mato à procura do coelho. e Dona Maluka e os rapazes tinham um trabalhão para os juntar outra vez e os meter de novo na ordem. A Tarika voltava, quase de rastos, sabendo muito bem que tinha feito asneira e pedindo perdão e resmungando para se desculpar:

— Dona Maluka bem sabe que não sou cão-polícia. sou cadela de caça.

E o Tritão punha-se aos saltos, a rir e a fazer troça:

— Mas nunca és capaz de caçar. é só correr e gritar e espantar os coelhos, que gozam de ti... Ah! Ah! Ah!

E a Tarika ferrava-lhe uma dentada.

Já não iam no carreiro. Iam pelo pinhal, muito longe, entre o mato; e nem Dona Maluka nem os rapazes sabiam já onde estavam.

Era quase noite fechada e a lua cheia ia a levantar-se por cima do pinhal. O resto da luz do dia apagava-se mais e mais e deixava no céu ao poente uns laivos roxos e cinzentos; mas no pinhal, a lua espalhava através das árvores uma claridade azul que parecia entornar-se do céu e inundava tudo. Não havia brisa nenhuma. Um silêncio!...

E naquele silêncio, ouviram de repente a voz de Dona Redonda falando aos cães:

— Quietos e calados. Venham para aqui. Tinham chegado à orla de uma grande clareira. Viram Dona Redonda sentada num tronco de pinheiro que os serradores ali tinham deixado.

— Sentem-se aqui ao meu lado.

Sentaram-se todos em correnteza no tronco de pinheiros, e os cães em frente deles. Os rapazes estavam muito admirados e não faziam senão olhar em volta de si.

A clareira encontrava-se apinhada de bicharada, tudo sentado em linhas como na plateia de um teatro: coelhos, lebres, texugos, raposas, gatos bravos, ratos grandes e pequenos, lontras, rãs, sapos. E por cima deles, poisados ou

pendurados nos troncos e ramos das árvores, muitíssimos mochos de todos os tamanhos e noitibós e morcegos, tudo com os olhos a luzir como centenas de lanterninhas redondas.

Dick, baixinho — Que é isto, Dona Redonda?

Dona Redonda — É um tribunal; e vai-se aqui fazer um julgamento.

Franz — Um julgamento, Dona Redonda?

Dona Redonda — Nem mais nem menos. Os bichos do pinhal gostam de se reunir assim de vez em quando e de fingir que são homens.

Tarika, troçando-Que disparate! Ah! Ah! Ah!

Dona Redonda — Nada de gozações, Tarika.

Tarika — Mas Dona Redonda, quem pode tomar isto a sério?

Ouviu-se um sussurro de vozes:

— Oh Oh Oh Reparem naquela doutora sem pernas!

Doutora-chouriço. Ah Ah Ah — Malcriada, ainda por cima.

Tarika, arreganhando os dentes — Palavrões, não. Se há palavrões, temos o caldo entornado!.

Dona Redonda — Cala a boca, Tarika; senão apanhas.

Piki e a Menina, aos saltos, cheios de curiosidade — O que foi? O que foi? Há briga?

Pitsi, levantando-se e cheirando a caruma do chão e as ervas — Haverá por aqui algum osso, ou espinha, ou pinha, ou graveto, que se roía?...

Sussurro de vozes:

— Fora! Fora os animais domésticos! Fora os escravos!

Dona Redonda, levantando-se e falando com voz terrível — Animais domésticos ou bravos, o primeiro que falar sem licença, será castigado por mim.

Silêncio completo. Algumas lebres sumiram-se no mato a tremer de medo.

Então os rapazes começaram a reparar melhorem tudo aquilo. Viram do outro lado da clareira, três grandes pedregulhos. Empoleirada no do meio estava uma coruja enorme; no da direita, um grande sapo velho; no da

esquerda, um mocho alto e esguio com dois olhos muito redondos e imóveis.

Em frente deles uma rãzinha verde, sentada em cima de um cogumelo branco, chorava e limpava os olhos a uma folhinha de madressilva.

Por detrás dela estava uma toupeira que tratava de a consolar fazendo-lhe festinhas com as mãos enormes.

Do outro lado um gato bravo esgalgado, encarrapitado em, cima de um cepo, agitava-se e deitava olhares furiosos à rãzinha verde e à toupeira.

A coruja, o sapo, a rã e o mocho — que eram os juízes — faziam de conta que liam em grandes folhas de figueira que passavam uns aos outros com ares importantes.

Por fim a coruja, agitou duas cascas de amêijoa que serviam de campainha e disse, apurando a garganta:

— Krrr... Krrr... Tem a palavra o acusador.

O gato bravo abaulou as costas, eriçou os pêlos do lombo, espetou a cauda para ó ar e começou assim, carregando muito nos rr:

— Pfft! Pfft!... Acuso a rrré Rrãzinha Verrde de terr ido rrroubar... com arrrombamento, com arrrombamento, pfft! senhorrres doutorrres Juízes!! pois derrrubou um murrro de lama que a ilustrrre prrroprrrietárrria ali mandou fazerr pelas toupeirrras...

Rrrepito! Pfft! A rré Rrãzinha Verrde rrroubou enorrrmes quantidades de larrvas de mosquitos no charrco, perrtencente à ilustrrríssima Senhora Dona Lontrra. Crrrime sem perdão, senhorrres doutorrres Juízes! Onde irremos parrar, senhorrres e senhorrras, se continuam a perrmitirrr-se tais abusos! A Sociedade está em perigo! Pfft! Pfft! Peço o castigo maiorr!... Miau... u... Pfft!

Alvoroço no público. Vozes gritaram:

— Abaixo! Abaixo a Rãzinha Verde!

— Justiça contra os abusos!

— Viva o Gato Bravo!

A Coruja, agitando as cascas da amêijoa. Silêncio! Vamos ouvir as testemunhas!

A pouco e pouco serenou tudo e ouviu-se a Rãzinha Verde a chorar:

— Hi! Hi! Não fui eu! Nem sei onde é o charco! Hi! Hi! Hi!

A Toupeira — Senhores Juízes! Como havia a Rãzinha Verde de comer enormes quantidades de larvas de mosquitos! Vejam como é pequenina! Duas larvas bastariam para o seu jantar! Como havia de derrubar um muro de lama feito pelas mãos enormes das toupeiras? Isso seria trabalho para... para... para um elefante, animal que nunca vi mas que todos dizem ser maior que uma raposa e mais forte que uma ratazana, para que a justiça seja respeitada, tem de ser justa. Senhores Juízes.

Alvoroço no público. Vozes gritaram:

— Coitado de quem é pequenino!

— A Rãzinha Verde está inocente!

— Abaixo o Gato Bravo! Viva a Toupeira!

A Toupeira continuava a falar; mas os Juízes não faziam caso nenhum. O Sapo velho adormecera; e a Coruja e o

Mocho conversavam em voz baixa a respeito de um ninho de melros que a Coruja descobrira.

— Onde é? Onde? — perguntou o Mocho muito interessado.

A Coruja olhou-o de revés e respondeu toda manhosa:

— Ainda estão pequeninos; é preciso deixá-los engordar.

A Toupeira, acabando o seu discurso — … Além disso, como o outro que diz, a Justiça para ser Justiça, tem de ser, antes de mais nada… Justiça!

Grandes aplausos.

Os Pikis em coro — Bravo! Bravo! Bravo! Bravo!

O Tritão — Bis!

Tarika, dando-lhe uma dentada — Cala a boca, estúpido!

A Coruja, chocalhando as cascas da amêijoa — Silêncio! Venha a primeira testemunha!

Então um morcego velho que era o contínuo, foi buscar o Texugo. Levou tempo, porque, já se vê, o morcego não podia andar por ser velho e por ser morcego e ia de asas

abertas pelo chão, aos tropeções, aqui cais acolá te levantas. E foi um trabalhão para acordar o Texugo que era gordíssimo e dormia a sono solto.

A Coruja, com voz fanhosa — Senhor Texugo, faça favor de nos dizer o que viu.

O Texugo tossiu, espirrou, assoou-se com estrondo a uma enorme folha de milho, e disse:

— Hum! Hum!... Antes de ontem, por volta da meia-noite... Isto é, o relógio da torre lá ao longe, deu horas. Ouvia-se bem porque o vento estava norte... Dong! Dong! Dong! Dong! Dong! Dong!

A Coruja — Basta! Basta!... Já sabemos. Deu doze badaladas.

O Texugo — Hum! Hum!... Nada, não senhor. Saberá Vossa Senhoria que deu dez. Grandes gargalhadas no público.

A Coruja, chocalhando as cascas da amêijoa — Silêncio!... Vamos a saber, senhor Texugo, a Justiça precisa de clareza. Eram dez horas ou era meia-noite?

O Texugo, assoando-se com estrondo na folha de milho — Brrrum! Eu sei lá que horas eram! Como hei de eu saber? Não tenho relógio. O que sei é que, quando eu ia a passar perto do charco, ouvi: Plaf! dentro da água.

Calou-se e começou a coçar a enorme barriga.

A Coruja, muito fanhosa — O senhor Texugo ouviu: Plaf! dentro da água. Muito bem. E depois?

O Texugo — Hem? Depois?... Depois, nada. Segui o meu caminho. Não me meto com a vida dos outros.

A Coruja — Não viu o que fez: Plaf! dentro da água?

O Texugo, bocejando — A. a. o. u!. Não, senhor. Como havia eu de ver? Atchim! Sempre apanhei uma constipação!

A Coruja — O ilustre Doutor Gato Bravo tem alguma pergunta a fazer à testemunha?

O Gato Bravo — Pfft! Pfft! Miau. Só uma! Onde foi o senhor Texugo buscar essa linda folha de milho em que se está assoando? Pfft! Eu ouvi o guarrda campestrre queixarr-se de certo ladrrão que anda engorrdando no campo de milho do rregedorr.

A Coruja — Peço perdão. isso não vem a propósito. Está fora da lei.

Burburinho do público. Gargalhadas.

A Coruja, chocalhando as cascas da amêijoa — Silêncio!

O Gato Bravo, assanhado — Pfft! Pfft! A Rrrâzinha Verde é uma grandessíssima ladrra!

Grande burburinho e desordem no público. Gritos:

— Abaixo o Gato Bravo!

— Rãzinha Verde inocente!

— Viva a Rãzinha Verde!

Uma Raposa Velha, com voz esganiçada — Diga lá, senhor Gato Bravo, seu Doutor das Dúzias... Qual é a diferença entre uma galinha e uma larva de mosquito?

O Gato Bravo, muito agitado — Orrra essa! Orrra essa!

A Raposa Velha — Sim, porque o senhor está para aí a pedir castigo para a Rãzinha Verde, mas toda a gente sabe que o senhor se farta de roubar galinhas.

Todo o público desatou às gargalhadas e aos gritos; raposas, coelhos, ratazanas, e todos os outros, cada qual com a voz que tinha:

— Ah! Ah! Ah! riam as raposas com vozes de bruxas.

E os coelhos:

— Cuic! Cuic! Cuic!

— U... í! U... í! U... í!

E as rãs:

— Cuac! Cuac! Cuac!

E os mochos:

— Hu! Hu! Hu!

Era um chinfrim de ninguém se entender.

A Coruja agitava as cascas da amêijoa e berrava:

— Silêncio! Silêncio!

Mas o barulho é cada vez maior.

A Dona Redonda, Dona Maluka e os rapazes riam tanto que nem podiam falar. E a Zipriti que adormecera, acordou de repente e começou a gritar:

— Tantos coelhinhos! Tão lindos! Zipriti quer um coelhinho!

E desatou a correr atrás deles, o que aumentou ainda mais a confusão.

O Tritão e os Pikis andavam aos pinotes de um lado para o outro, muito contentes com o barulho, ladrando e gritando quanto mais podiam:

— Béu! Béu! Bravo! Abaixo o Gato Bravo! Viva o Texugo! Béu! Béu!

A desordem era completa.

De repente o Juiz Mocho voltou-se para trás e fez um sinal com os olhos. Logo saíram detrás de uma árvore onde estavam escondidos, dez noitibós que eram polícias, e voaram sobre o público com as garras abertas. Uma raposa grande deu um salto, apanhou um deles e fugiu a galope levando-o apertado na dentuça. Os outros noitibós, ajudados por mochos grandes que saíram da sombra, apanharam uma quantidade de ratos e outra arraia-miúda e trouxeram-nos presos.

O doutor Gato Bravo perdeu a cabeça:

— Raça danada de rraposas! Pfft! Pfft! E abalou como um raio atrás da raposa. Todos os outros gatos bravos partiram com ele; e todos os rapazes; e as raposas riam:

— Ah! Ah! Ah! O Tritão e os Pikis atrás deles, a correr, a correr.

— Béu! Béu! Agarra, Agarra!

O Juiz Coruja disse baixinho ao Juiz Mocho:

— A raposa deitou o dente a um polícia. O Juiz Mocho respondeu também em segredo:

— É melhor fazer de conta que não sabemos.

— O que é? O que foi? — perguntou o Juiz Sapo acordando.

Mas adormeceu logo outra vez sem esperar resposta.

Ouviam-se ramos a estalar, pedras a rolar, galopadas, vozes a ladrar, a miar, a guinchar.

Depois tudo foi serenado e a bicharada voltou para os seus lugares, estafada, agitada e contente.

Um mocho grande trouxe nas garras, o noitibó ferido pela dentuça da raposa, mas muito vivo, e depositou-o em frente dos juízes.

— Não é nada, disse ele, amanhã está bom. Um grande batalhão de polícias acompanhava o mocho grande.

— Está bem, está bem, disse o Juiz Coruja com a sua voz fanhosa. E a raposa?

— A raposa fugiu.

— Está bem, está bem. Procurem-na.

Depois o Juiz Coruja continuou como se nada fosse:

— Vamos lá ouvir a segunda testemunha.

O morcego foi outra vez aos tropeções e trouxe um sapo novo, todo airoso, com uns olhos castanhos muito lindos.

A Coruja — Então, senhor Sapo, diga lá o que sabe.

O Sapo — Eu não sei nada. A noite antes de ontem estava muito bonita e serena, toda cheia de luar. E eu pus-me a cantar: U... é... re!.. U... é... re!. E a minha namorada respondia com a sua voz deliciosa i... re!... i... re!... Não há canção mais perfeita no mundo. O senhor Juiz não é tão velho que não se lembre dos seus tempos de namorado.

A Coruja — Hem! Hem! Se lembro! Bons tempos! Bons tempos... Hem! Hem! Mas isso não vem ao caso. Diga lá o que viu.

O Sapo — Vi a minha namorada que estava sentada ao luar em cima de uma grande folha de jarro no tanque da Quinta Azul!... Tão linda! Tão linda.

O Juiz Mocho, muito severo — Mau, mau! Não se trata de namorada, trata-se da Rãzinha Verde. Vamos, desembuche, senhor Sapo!

O Sapo, todo estarrecido com as mãos no peito — Pois é. A Rãzinha Verde é minha namorada.

O público desatou às gargalhadas.

A Coruja, furiosa — O senhor Sapo atreve-se a gozar connosco?!

O Sapo — Deus me livre! Deus me livre, Sr. Juiz! Eu estou a dizer que a Rãzinha Verde cantou comigo um dueto ao luar no tanque da Quinta Azul, antes de ontem à noite, à

mesma hora em que o Senhor Texugo ouviu: Plaf no charco da senhora Dona Lontra. Mais nada! Mais nada.

A Toupeira, triunfante — Vê? Vê? Vê? Não podia ser a Rãzinha Verde!

Levantou-se tal burburinho no público que não se ouviu mais nada do julgamento.

— Viva a Rãzinha Verde!

— Vivam os noivos!

O Juiz Coruja e o Juiz Mocho começaram uma grande conversa e acordaram o Juiz Sapo, e todos três remexeram e tornaram a remexer no montão de folhas de figueira onde fingiam ler...

Mas já ninguém fazia caso deles. Todo o público foi dar os parabéns aos noivos que estavam agora de mãos dadas, de pé em cima do cogumelo a fazer cumprimentos para a direita e para a esquerda.

E nisto ouviu-se de repente uma voz que parecia vir do céu, a cantar... Que voz! Tão doce, tão forte, tão aveludada, tão apaixonada, tão maravilhosa!...

— Trrrrrr... ti!... Ti... ti... ti!. . Pìu... i... ú!

Pi... i... u! Trrrrri... ti!

Ficou tudo calado, a ouvir.

— Que é isto? — perguntou o Dick muito admirado.

Dona Redonda respondeu-lhe ao ouvido:

— É o Rouxinol.

E Dona Maluka, muito séria, disse baixinho:

— O rei dos poetas. O rei dos artistas. Estava tudo a escutar o Rouxinol. Tudo de cabeça no ar, imóvel, encantado.

Por fim, um ralo escondido numa moita, começou — Zrrrrrrrrrrrrrrr...

E uns poucos de grilos desataram a cantar:

— Cri-cri. Cri-cri. Cri-cri.

E os sapos e os noitibós começaram a tocar flauta, e os pica-paus a tocar tambor, e os morcegos a bater o compasso:

— Grrr... grrr... grrr...

O Sapo airoso e a Rãzinha Verde não resistiram; saltaram do cogumelo abaixo e aí vão eles a valsar na clareira que era um gosto vê-los.

Quem havia de resistir àquela música? Daí a pouco tudo dançava na clareira; os que tinham asas redemoinhavam no ar, os que as não tinham, bailavam quanto mais podiam no chão, aos pares, sozinhos, em rodas, eram voltas e mais voltas e reviravoltas, passinhos para aqui, saltos para acolá, tudo muito acertado com a música.

O Dick foi dançar com uma raposa, o Franz com uma gatinha brava, e o Chico com uma rata tão esperta e

engraçada que toda a gente lhe invejava a parceira.

Novos e velhos, tudo bailava. O Juiz Sapo, espertou e foi dançar com o gordíssimo Texugo; e tudo pasmava para aquele par.

Foi então que se ouviu um grande restolhar no mato e se viu uma chama que avançava entre o arvoredo. A clareira encheu-se de fumo e o ar tornou-se quente. Mas ninguém se assustou porque logo viram que era o Dragão e todos eram seus amigos. E então quando ele chegou à clareira foi um delírio:

— Viva o Dragão!

Ali estava ele, prateado, a brilhar tanto ao luar que mal se podia olhar para ele. Que beleza! Vinha em pé e estava do tamanho de um homem. Já se vê, apagara o fogo das goelas; e agora todo ele era sorrisos e cortesias para um lado e para o outro.

— Viva, viva o Dragão!

Mas ele não quis saber de mais nada. Deu uma das mãos a Dona Redonda e a outra a Dona Maluka; e aí vão os três pela clareira fora, em passo de dança, com tal ligeireza e

perfeição que não houve ali nem uma formiga que não ficasse estarrecida de espanto. Que dança! Nunca se vira coisa que se parecesse com aquilo. Ora davam as mãos, ora se soltavam. E eram piruetas no ar e reviravoltas e vénias e corrupios... E Dona Redonda rebolava tanto que chegava a sumir-se no mato; e todos iam à procura dela; e ela surgia outra vez na clareira, de braços no ar, a dar estalinhos com os dedos com tanta força como castanholas; e aparecia sempre do lado que ninguém esperava.

Todos queriam imitar estes três dançarinos e faziam o que podiam; mas já se vê, não lhes chegavam aos calcanhares.

Por fim, quando todos começavam a estar cansados, ouviu-se um rodar de carroça e um arrastar de chinelos.

— Rrrrrrrrrr. Tche. tche. tche.

E apareceu o Bonda empurrando uma carrocinha cheia de comeres e beberes. Havia sanduíches e croquetes, e bolos, e vinho, e água, e limonadas, e milho, e carne crua, e folhas de alface, e milho painço, e queijo, e larvas de

mosquitos, e minhocas. Enfim havia ceia para todos os gostos.

A Zipriti sentou-se em frente de um cepo com todos os texugos e aquilo é que foi comer!

A festa não podia ser melhor.

Comeu-se, bebeu-se, cantou-se, tocou-se, dançou-se, até ao romper do dia.

De repente uma toutinegra desatou a cantar; e o céu clareou do lado do nascente e ficou todo cor-de-rosa. A lua mergulhou no mar.

Começaram todos a despedir-se uns dos outros e cada um foi para sua casa.

O pinhal encheu-se de chilreada de pássaros; a toutinegra com a sua voz tão linda, o melro sol — tando notas de veludo, o pintassilgo com os seus trinados, e tantos outros, todos a cantarem:

— Bons-dias, senhor Sol!

— Bendita seja a claridade do-dia!

E as rolas, muito meigas, perguntavam aos rapazes:

— Tu…trrrrruu. Divertiram-se muito?

E os cucos punham-se a jogar com eles às escondidas entre os pinheiros:

— Cucu. Cu-cu.

Na despedida os rapazes disseram a Dona Redonda:

— Ai, Dona Redonda! A gente é tão feliz!

E Dona Redonda respondeu:

— Pois é. E vocês veem como é fácil!

CAPÍTULO 6

A MONTANHA DOS MONSTROS

Um dia os rapazes chegaram de manhãzinha à casa branca e verde.

Quando viram de longe a Dona Redonda e a Dona Maluka sentadas no alpendre, desataram a correr para chegar mais depressa.

O Franz vinha doido de entusiasmo. Encontrara umas pessoas que lhe tinham falado da Montanha dos Monstros e não pensava noutra coisa.

— Oh! Dona Redonda! Vamos lá ver aquilo! Dizem que não há nada mais lindo e extraordinário no mundo!

A Zipriti que estava muito bem sentada em cima da mesa, perguntou — Há lá bolos?

Franz — Há tudo que se possa imaginar.

Dona Redonda — E onde fica essa Montanha?

Chico, apontando para o Norte — Disseram-me que fica para ali. Parece-me que sei onde é. Vi para lá passar gente a cantar e a tocar viola.

Dick — Eu também vi. Até pensei que era alguma romaria.

Dona Maluka — Vamos lá ver o que é, Dona Redonda. Será um passeio como outro qualquer... Mas não tenho grande fé nesses Monstros.

Dona Maluka e Dona Redonda sumiram-se para dentro de casa a fim de prepararem os sacos de farnel, porque bem sabiam que a jornada seria comprida. Entretanto os Pikis e o Tritão chegaram em grande galopada e gritando todos ao mesmo tempo:

— O que é? O que é? Onde vamos? Há coelhos?

Há ratos? Há ossos?

Zipriti, pulando em cima da mesa — Há bolos! Há coisas boas!

Chico-Não sei porquê, mas quer-me parecer que a tal Montanha não será grande coisa.

Franz — Tens medo?

Chico-Medo, não. Mas assim uma impressão de tristeza. Não sei explicar.

Dick, que levava sempre muito tempo a entender as coisas — O Franz falou de tanta coisa. Há campos de jogos? Joga-se o boxe? O ténis? O golfe?

Franz — Não me parece. Bem vês, tudo isso é velho. Ali é tudo novo, moderno. coisas nunca vistas...

Daí a pouco apareciam Dona Redonda e Dona Maluka com os sacos de farnel e os seus bordões ferrados. Os rapazes enfiaram os sacos aos ombros e todos se meteram a caminho.

Atravessaram o pinhal para o lado do Norte e começaram a andar na planície.

Na orla do pinhal encontraram uma raposa velha sentada no alto de um talude.

— Ah! Ah! — disse a raposa velha — , então vocês também correm a foguetes? Vão à Montanha dos Monstros?

Franz, todo pimpão — E daí? Que tem você com isso?

A Raposa Velha — Nada. Pensei que a Dona Redonda tinha o juízo no meio da cabeça. Vejo que não tem. A Montanha dos Monstros!...

E desatou a rir às gargalhadas:

— Ah Ah Ah!

Tarika, indignada — Apanhas uma dentada...

Tritão — ... que nunca mais te endireitas!

E correram para ela. Mas a raposa velha sumiu-se no mato com as suas gargalhadas de bruxa:

— Ah Ah Ah!

Continuaram o seu caminho. Andaram, andaram... Iam direitos a uma grande montanha que se via ao longe e que estava toda coroada de fumaceira.

— Que é aquilo? — perguntou o Dick. — Parecem nuvens de trovoada. E são. Ouvem os trovões?

À medida que se aproximavam, ouviam um ruído surdo como se muitos comboios fossem a passar. Às vezes até a terra tremia.

Chico — Isto não é barulho de trovoada. Nunca ouvi uma trovoada fazer este barulho.

Franz — Não é trovoada nenhuma. São os Monstros. Os Monstros são muito poderosos. Até ouvi dizer que são eles que governam o mundo.

Chico, enfastiado — Não digas asneiras. Quem governa o mundo é Deus.

Dona Redonda começou a abanar a cabeça:

— Não gosto disto. Não gosto nada disto.

Dona Maluka — Já agora vamos ver o que é.

Mas a tal Montanha parecia fugir diante deles. Tinham partido de manhã cedo e agora já era sol-posto, e eles sempre a andar. Levavam a Zipriti às cavalitas, ora um ora outro. Tinham parado duas vezes para descansar e comer.

Caiu a noite. O barulho era cada vez maior. A terra tremia. Não se via o céu nem as estrelas porque a fumarada toldava tudo. A Montanha era tão grande que parecia encher o mundo. Entre rolos de fumo, viam-se lá em cima muitas e enormes chaminés, como torres,

vomitando fogo e vapores tão malcheirosos que o fedor chegava cá abaixo envenenando o ar.

De repente, mais forte do que todo aquele barulho, ouviu-se um suspiro terrível:

— Ú... gú... rú... ú... ú...

Dona Redonda — Olha o Dragão! O que estás tu a fazer aqui, Dragão?

Dragão — Estou à espera. gú. rú. ú. Estou à espera da minha hora.

Dona Redonda — Qual é a tua hora, Dragão?

Dragão — A hora de arrasar, de destruir, de acabar com toda esta porcaria que os homens criaram e que dá cabo deles... Arrasar, arrasar tudo...

Repararam que o Dragão estava enorme. Só a cabeça era maior do que uma grande casa; e o corpo crescera tanto que não se lhe via o fim.

— Oh! — disse o Dick. — Como ele está grande!

Chico, baixinho — É melhor não lhe dizer mais nada. Não está em maré de conversas... Parece zangado...

Dona Redonda declarou que não entrava de noite na Montanha dos Monstros.

Ali, à roda da cabeça do Dragão, havia montões de ferros-velhos torcidos, de blocos de cimento espatifados, folhas de zinco e de fibrocimento quebrados, sacos, canos, arames, tudo feito em pedaços. .

— Que horror! — disse Dona Redonda. Nunca vi maior fealdade!

Dragão — Não há outro remédio, Dona Redonda. Os Monstros já iam começando a invadir a planície... Mas aqui não deixo... gú... rú... ú... Quando chegar a minha hora, toda a montanha ficará assim. Tudo espatifado, arrasado. E os homens levarão anos e anos a limpar a terra de todas estas porcarias até que possam lavrá-la e semeá-la de pão, à luz do sol.

Ninguém disse nada. Olhavam para ele com respeito.

O Dragão começou então a escolher entre aquelas ruínas, as coisas precisas, e, com muito jeito, lá lhes construiu uma barraca onde se meteram e passaram a noite.

De manhãzinha puseram-se a pé. Comeram o resto do farnel e começaram a trepar pela Montanha acima.

O Dragão não quis ir com eles.

Viram uma estrada muito larga e meteram por ela. Mas logo veio ao seu encontro uma pá gigantesca e desceu lá do alto uma enorme vassoura que os varreu para dentro da pá. E a pá ergueu-se do chão e levou-os pelos ares, num abrir e fechar de olhos, até ao cimo da Montanha.

— Então, eu não dizia? — exclamou o Franz radiante.

A pá inclinou-se e escorregaram todos para o chão.

— Bem-vindos! Bem-vindos! — gritaram uns vozeirões tão fortes que todos tiveram que tapar os ouvidos, e os cães trambolhavam com a agitação do ar.

Felizmente os vozeirões calaram-se.

Estavam no meio de uma praça redonda onde vinham dar largas avenidas. As casas eram muito altas e Quadradas, todas iguais; pareciam caixas de papelão. Nem uma árvore. Aqui e acolá viam-se casas de vidro cheias de plantas e de flores monstruosas e frutas que metiam medo. Havia rosas

do tamanho de rodas de carros e pêssegos do tamanho de enormes abóboras; as folhas dos malmequeres, encarnadas e azuis, eram de tamanhos diferentes:

umas tinham um metro de comprido, outras três, outras cinco, ou oito.

— Vamos lá dentro, disse o Franz.

E entraram numa daquelas casas de vidro. Ficaram logo sufocados com maus cheiros fortes de amoníaco e ácido sulfúrico e outras coisas assim. Viram um prato enorme com laranjas de diferentes cores e grandes como melancias. E, como uma estava cortada, provaram. Mas puseram-se logo todos a cuspir e com vómitos.

— Que grandessíssima porcaria! — disse Dona Redonda.

Provaram outras frutas enormes e esquisitas: Umas não sabiam a nada, outras sabiam a ácido fénico ou a bergamota. As flores monstruosas ou não tinham cheiro, ou cheiravam mal. E apenas se lhes tocava, apodreciam.

Saíram da casa de vidro e então repararam num letreiro à porta que dizia assim:

A CIÊNCIA PRODUZ FLORES E FRUTOS MAIORES

E MAIS PERFEITOS DO QUE A NATUREZA.

— Grandessíssimos burros! — disse Dona Maluka quase a chorar de fúria.

Voltando para o tal largo redondo, repararam que não havia luz do sol. Tudo estava iluminado com sóis elétricos enormes, de muitas cores. As pessoas andavam todas de óculos fumados. E falavam uns aos outros por sinais porque o barulho era tanto que as vozes dos homens não se podiam ouvir: Eram correntes a arrastar, o ranger e o guinchar de ferros passando uns sobre os outros, o ruído de rodas e motores, o escape e silvos de vapor. Ca-ta-pus. Catapum. Zás-trás. Bzzz. Trrr. Pum-pum. Cú-ic... Krrr... Ú-i... Pum!...

— Que inferno! — disse o Chico.

Franz não disse nada. Estava atordoado e perdera o entusiasmo.

Dick — Que é aquilo?

E apontava para um enorme portão escancarado; lá dentro havia grandes rodas a girar e braços de ferro a andar para trás e para diante. Quiseram lá ir, mas estavam estonteados com os anúncios elétricos, azuis, verdes, amarelos, encarnados, a aparecer e a desaparecer, figurando bichos e homens e máquinas, à direita, e à esquerda, no céu, no chão, muito fortes, tão fortes que os olhos não os podiam suportar e enchiam-se de lágrimas.

Foram andando e enfiaram por uma daquelas avenidas. E, nesse instante, o chão começou a mexer-se e, agarrando-se uns aos outros para não caírem, lá foram levados.

— Para onde vamos nós? — perguntou Dick.

Franz — Vamos para onde devemos ir, com certeza. Aqui está tudo regulado.

Chico, revoltado — Mas se eu quiser ir para outro lado?

Ninguém lhe respondeu.

O chão da avenida era feito de tiras de sobrado que andavam uns num sentido, outros em sentido contrário. Em cima de cada sobrado ia gente empilhada. As vezes

conheciam-se e cumprimentavam-se. Ali havia menos barulho e, gritando-se, ouviam-se as vozes.

— Adeus! Adeus! Vais à exposição de peixes? Bons — dias! Queria ir, mas vou para outro lado.

— Vais ao concerto?

— Ia... mas pus o pé por engano neste sobrado...

Não se ouviu o resto.

Dona Maluka — Toda esta gente vai para sítios onde não quer ir.

Pumba!

O sobrado parou de repente e todos caíram uns por cima dos outros.

— Ai! Ai! — gritou a Zipriti. — A Dona Redonda está em cima de mim. Aqui d'el-rei.

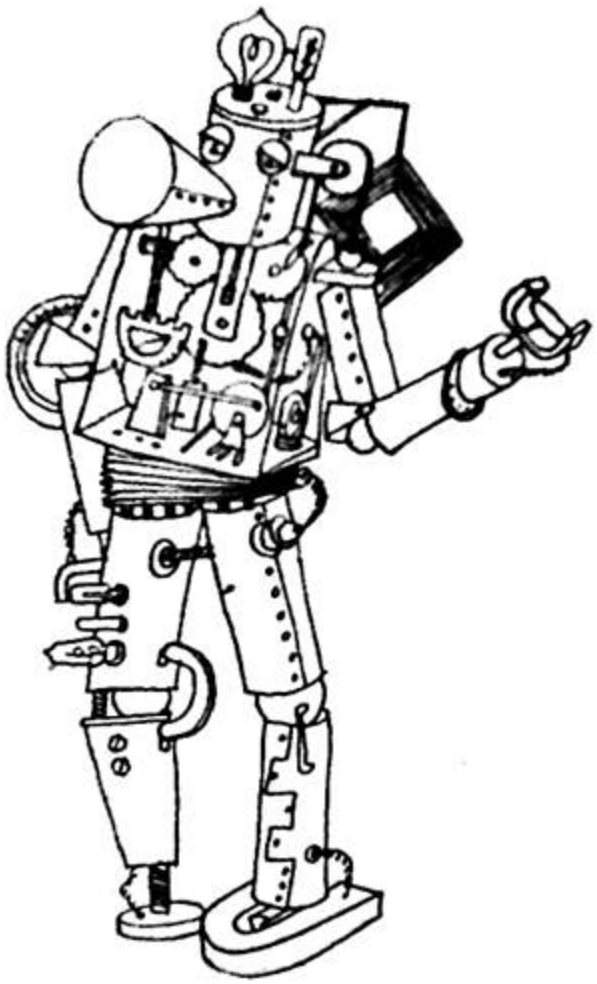
No mesmo instante veio uma grande pá, apanhou-os todos e emborcou-os no meio de outro largo.

Puseram-se em pé conforme puderam. Viram então um homem de ferro, muito teso, que vinha direito a eles, a

andar com passos mecânicos: Pum, pum, pum... O corpo era uma caixa de vidro cheia de rodas como um relógio.

Em lugar de mãos tinha ganchos. A cabeça era um cano com três buracos: os dois de cima, no lugar dos olhos, eram dois faróis; do que figurava a boca, saía uma corneta que era um altifalante. Começou a berrar com uma horrível voz de metal:

— Chamo-me Constantino. Chamo-me Constantino. Atenção! Vamos ver os Monstros. Chamo-me Constantino.



Franz, todo amável — O que vamos ver primeiro, senhor Constantino?

O Homem de Ferro — Chamo-me Constantino. Chamo-me Constantino. Atenção! Vamos ver os Monstros. Chamo-me...

Dick — Que maçada!

Dona Redonda, toda despachada — Já sabemos que se chama Constantino. Pode-se ir embora. Não precisamos de

si para nada. Gire!

Constantino levantou um braço e desse braço saiu com grande rapidez um arame fortíssimo que os apertou a todos como se fossem um feixe de lenha.

— Ai! Ai! Aqui d’el-rei! — gritou a Zipriti.

Mas o Constantino não fez caso nenhum e começou a andar com os seus passos de máquina: Tum, tum, tum... e sempre a berrar com a sua voz de metal:

— Chamo-me Constantino. Atenção! Vamos ver os Monstros. Chamo-me...

Franz estava desapontado e envergonhado do seu entusiasmo passado.

Atrás do Constantino, à força, cercados pelo tal arame fortíssimo, lá iam todos. E a canzoada seguia, desconfiada e triste, de orelha baixa e nariz no chão.

Viram muitas coisas horríveis. Viram o Monstro que faz o pão: duas torres de cimento e ferro, feiíssimas. De uma delas caía um jorro de trigo, da outra um jorro de água. Brrrrrr. Catapum... Cuic... Pum!... Pegada às torres havia

uma casa comprida cheia de barulho. Catapum; Brrrrrr... Ding... Cuic... Bzzz... Trás!... Pum!.... A outra porta dessa casa havia uma biqueira da largura de uma portada; por ali saía pão... pão... pão... Catrapus, catrapus para dentro de um depósito de cimento... Muito pão, que era pão de mais.

Mas logo, de outro Monstro de ferro se estendia um braço que pegava no pão que era de mais e o metia num funil enorme que lhe servia de boca. E, com muito ranger de ferros e rodar de rodas, Brrr. Bzzz. Catapum... logo esse pão saía do outro lado do Monstro, transformado em peças de fazenda... Muitas, muitas. Tantas que eram de mais. E as que sobravam. Tum. Catapum. Bzzz. corriam em vagonetas sobre rails para as goelas escancaradas de outro Monstro que as engolia e as digeria e as atirava cá para fora transformadas em máquinas de tirar retratos.

Muitas máquinas de tirar retratos... Tantas que eram de mais. E as que sobravam... Tum... catapum... iam a correr por um cano para a boca de outro Monstro que as devorava... Tum... catapum... Pum... e as transformava em rolos de papel higiénico...

Constantino já não dizia que se chamava Constantino. Tinha-se calado de repente, depois fizera um barulho muito esquisito: Krrrrpfft!... e começara a berrar:

— Esta é a máquina mais maravilhosa que há... Atenção! Esta é a máquina...

E não parava mais.

Iam todos estafados, suando em bica, maçadíssimos. E a canzoada de língua de fora. E Zipriti aos berros e a espernear:

— Zipriti não quer ver mais! Ai! Ai! Aqui d’el-rei!

Quem acode! Ai! Ai!

De vez em quando entravam nas barrigas enormes dos Monstros, sempre arrastados pelo Constantino. E lá dentro viam muitos homens enfezados e pálidos sentados em frente de paredes de ferro ou de cimento cobertas de botões e alavancazinhas de várias cores. E esses homens carregavam ora num botão ora numa alavanca com muita atenção e cantavam em coro:

— Viva a Liberdade! Viva a Liberdade e o Progresso!

E todos tinham as cabeças do feitio de ovos.

O Chico perguntou ao Constantino:

— Que homens são estes? São escravos?

Dick, indignado — Sempre ouvi dizer que já não há escravos na Europa.

Franz — Ora escuta. Quando conversam não dizem senão asneiras e falam línguas europeias...

Dick, voltando-se para Constantino — De que terra são estes homens?

Constantino — Esta é a máquina mais maravilhosa que há. Atenção! Esta é a máquina...

Nisto chegaram a uma esplanada imensa coalhada de porcos, de cavalos, de bois, de burros. E do outro lado da esplanada estava um Monstro de bocarra escancarada. Catapum... Pum... Bing... Bzzz... Pum... e todo aquele gado corria para a bocarra, quer quisesse quer não, e engolfava-se por ela dentro. Tum-pum... catapum.

E Constantino arrastou Dona Redonda e todos os seus companheiros para o lado detrás do Monstro e viram sair

dele torrentes de paios, de salames; de chouriços, de salsichas, de morcelas, de linguiças; de presuntos.

— Ai! Ai! Aqui d’el-rei, — gritou de repente a Zipriti numa grande aflição. — Piki! Piki! Piki! Ai! Ai! Ai!

O Piki desaparecera. Era muito curioso, tinha-se chegado de mais ao Monstro e fora engolido por ele juntamente com os porcos.

Nisto viram um bando de homens enfezados, com as cabeças do feitio de ovos, que passavam por ali a cantar em coro com vozinhas fracas:

— Viva a Liberdade! Nós somos livres! Viva o Progresso!

A Dona Redonda começou a acenar com ambos os braços e a chamar por eles:

— Socorro! Homens de Deus, tirem-nos daqui para fora. Um dos nossos cães foi apanhado para chouriços! Socorro!

Os homens enfezados vieram todos e perguntaram em coro:

— O que foi? O que foi?

Constantino — Esta é a máquina mais maravilhosa que há. Atenção! Esta é a máquina.

Dona Redonda, aos homens enfezados — Venha cá um de vocês.

Os homens enfezados, em coro — Nós somos homens do Progresso. Só falamos em grupo, só pensamos em grupo, só produzimos em grupo. Nós somos as Massas!

Dona Maluka, furiosa — Seus parvos! Seus idiotas! Seus grandessíssimos pedaços de asnos! Pois não veem que a sua estúpida máquina nos comeu o Piki?

Os homens enfezados, em coro — O que foi? O que foi? Viva o Progresso!

Depois de muitas explicações, os homens enfezados carregaram nuns botões que o Constantino tinha no sim-senhor, e Constantino parou e calou-se. Tocaram noutro botão que havia na cauda do Monstro e no mesmo instante desceu lá do alto uma pá muito grande...

Pum... Ping... Pum!... que apanhou uma enorme quantidade de chouriços e os levou para a boca de outro Monstro. Esse Monstro pareceu engasgar-se... Krrr... Ka...

Ki... Brrrk... e, de repente começou a vomitar porcos vivos e, entre esses porcos, lá vinha o Piki aos saltos, a ganir de medo; e, apenas viu os seus companheiros, foi a correr para eles todo contente.

Os homens enfezados, em coro — Esta é a máquina que trabalha ao contrário; transforma os chouriços em animais vivos; transforma a manteiga em nata; transforma o azeite em azeitonas; transforma o papel em madeira; transforma...

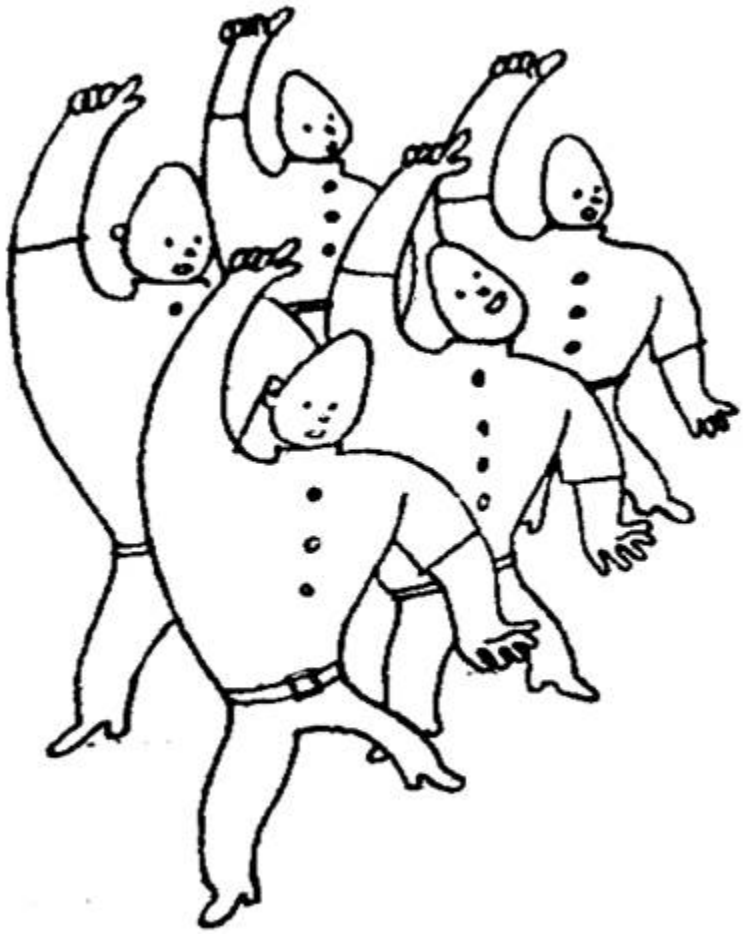
Dona Redonda, furiosa — Basta! Calem a boca, seus cabeças de ovos, seus estúpidos!

Os homens enfezados, em coro — Viva a Liberdade! Viva o Progresso!

Dona Redonda, furiosa — Uma figa para a sua liberdade. seus... Os seus cabeças de alhos chochos!. Os seus bonecos de farelos!. seus... Vão à fava!

Mas os homens enfezados não se importaram para nada com a fúria de Dona Redonda. Tiraram umas bandeirinhas das algibeiras e, erguendo os bracinhos muito magros, agitaram-nas no ar cantando em coro:

— Somos as Massas! Somos livres! Viva a Liberdade!



E entraram todos como um rebanho para a barriga de um dos Monstros.

Franz — Não haverá homens nesta terra?

Dona Maluka — Os homens criaram os Monstros e os Monstros deram cabo deles. Agora só há os escravos dos Monstros.

No mesmo instante o Constantino voltou a si e gritou com a sua voz de metal:

— Esta é a máquina mais maravilhosa que há. Atenção! Esta é...

E o arame tornou a sair-lhe do braço e a envolver Dona Redonda e os seus companheiros. E lá foram à força atrás dele.

Viram-se em frente de montanhas de chouriços de todas as qualidades. Já se vê, havia chouriços de mais. E os que sobravam entravam nas goelas enormes do outro Monstro, o maior de todos, tão grande, tão bruto, tão feio, que até enjoava olhar para ele.

Constantino arrastou-os para detrás desse horrível Monstro. Encontraram-se numa esplanada muito maior que a primeira.

— Brrrrrrrrrr. Brrrum. Ca-ta-pum... rangia e gritava o Monstro com tal barulho que não se ouvia mais nada.

E da sua traseira saíam aviões, tanques, peças de artilharia, metralhadoras... E todas essas coisas eram Monstros, filhos do Monstro grande.

— Brrrum... Brrrum... Ca-ta-pum...

Os aviões à medida que nasciam punham-se a bailar no meio da esplanada, como se fossem dançarinos, às reviravoltas e aos saltos com as asas abertas, depois levantavam voo e davam cabriolas no ar. E os tanques faziam uma grande roda em volta e iam andando com um barulho de trovoada e um ar cruel e estúpido, e a terra tremia sob o seu peso enorme. E as peças de artilharia disparavam sem cessar.

O barulho era terrível; mas como Dona Redonda e todos os seus estavam muito chegados ao Constantino, ouviram uns estalos dentro dele a mudar de fala e ouviram-no gritar:

— Tanques, aviões, canhões, nunca há de mais. Atenção! Guerra. Tanques, aviões.

E todas aquelas máquinas de guerra iam-se sumindo em alçapões para as profundezas da montanha; e outras saíam da traseira do Monstro grande. De repente ouviu-se um estrondo como um trovão fortíssimo e tudo parou e fez —

se um grande silêncio. Constantino ficou de repente quieto e calado que nem um rato.

Saíram então de uns buracos do chão, muitos, muitos homens enfezados dizendo em coro:

— Panne na Central Elétrica! Viva o Progresso!.

E foram todos a correr cambaleando nas perninhas frouxas e desapareceram.

Dona Redonda e os seus companheiros desenvencilharam-se a toda a pressa do arame e trataram de se safar. Mas não sabiam onde estavam. Para toda a parte para onde iam, esbarravam com Monstros.

Dick — Vamo-nos embora enquanto eles estão parados.

Franz, estonteado — Para onde? Não sabemos o caminho.

Chico — Venham por aqui!

Dona Redonda tinha a cabeça tonta. Os Monstros tinham-lhe desarranjado os miolos. Corria de um lado para o outro, espavorida. A Dona Maluka também não estava em si; cheia de fúria, pegava em pedaços de ferro e de cimento que por ali estavam e atirava-os aos Monstros com quanta força

tinha. E os Pikis, pensando que aquilo era brincadeira, andavam em correrias trazendo-lhe tudo que encontravam para ela atirar.

Por fim o Pitsi descobriu um monte de chouriços e começou a trazer-lhos. Mas o Tritão e os outros Pikis desataram a devorá-los que era um espanto. A Zipriti foi logo a correr e filando um presunto, atirou-se a ele à dentada.

Mas nisto...

Bzzzz. Ca-ta-pum. Catapum.

Todos os Monstros acordaram e recomeçaram a fazer o seu trabalho monstruoso.

Franz, aterrado — Lá vem o Constantino!

Chico — Venham todos comigo! Depressa! Esconderam-se num canto atrás de um monte de paios.

Mas o Constantino não vinha direito a eles. Seguia o seu caminho como se os levasse atrás de si: Tum! Tum! Tum! com os seus passos de ferro ia gritando:

— Tanques, aviões, canhões, nunca há de mais... E lá foi, arrastando o arame onde não levava ninguém.

— Uff! disse Dona Redonda com um suspiro de alivio. Agora, já que ele foi para a direita, vamos nós para a esquerda.

E lá foram todos uns atrás dos outros, esgueirando-se conforme, podiam entre os Monstros, sempre na esperança de se verem dali para fora. Fartaram-se de andar. Mas aquilo era muito grande e eles não sabiam os caminhos. A sua única consolação era estarem livres do Constantino.

Por fim ouviram vozes de gente.

Chico — Vamos a ver se encontramos alguém que nos ensine o caminho.

À medida que se aproximavam, crescia o ruído de vozes. Ao dobrarem uma esquina, viram-se num grande largo cheio de gente e de barulho.

Uma voz fortíssima — Zibelinda, Zi-be-lin-da. A melhor graxa para calçado. Se o senhor for à caça, não empregue outra nas suas botifarras. Se a senhora for ao baile, não

empregue outra nos seus escarpins. Zi-be-lin-da: sempre linda.

A Dona Redonda, aflita, branca como a cal da parede — Ai! meu Deus! A telefonia! Isto é o pior de tudo!

Outra voz fortíssima — ... como eu tinha a honra de dizer aos meus esclarecidos ouvintes, a literatura e a arte vão de braço dado através da história, como dois namorados entre bosques e chilreadas de pássaros. até que finalmente o Progresso as traz agora ao alcance das Massas.

Grandes aclamações, palmas, gritaria:

— Bravo! Bravíssimo! Apoiado! Bis! Bis!

Dona Maluka — Onde nos viemos meter! Toca a fugir!

Mas nisto rompeu a tocar uma banda de música militar. Tambores e bombos:

Trrrrrrrrrrrr. Pum!

Trombones: Bué. bu. é... bu... é. . i... ó... bu... ó... Clarinetes e flautas: terrrititi. trrretilerileri. Pratos: Ping! Ping!

Uma voz enorme — Atenção! A melhor purga. A purga suave e eficaz. A purga para grandes e pequenos. A purga das Massas. Comprem a Purgalina. A Pur-ga-li-na do Dr. Ambrósio. Atenção!...

Dick, vermelho de indignação — Oh! Que indecência! Que vergonha!. Oh!

Dona Redonda, correndo de um lado para o outro, com as mãos na cabeça — É preciso sair deste inferno!

Outras vozes, cantando:

Ó minha pombinha branca

Porque vais beber à vala?

Outras vozes, com acompanhamento de orquestra:

Lá em cima está o Tiroliroliro

Cá em baixo está o Tiroliroló.

Dona Maluka, desnorteada — Socorro! Socorro.

Vozes, cantando o fado:

O amor do estudante...

Outras vozes, cantando outro fado:

Minha mãe, minha mãezinha...

A banda militar, com toda a força — Trrrrrr. Pum! Trrrrititi... trreliritititi... Bú... é... Bú... é... ó... Ping! Ping!

Zipriti, Tritão e Pikis, aos saltos — Música! Barulho! Ping! Tum! Báu, báu. . Béu! Béu!. Bonito! Mais barulho.

Dona Maluka, correndo atrás deles de cabeça perdida — Fora! Fora! Fora!

Chico, aterrado — Não grite, Dona Maluka, que o Constantino pode ouvir.

As vozes — Informações: Quem quiser sair da cidade, volte à esquerda.

A Dona Redonda, encantada, enfiou logo por uma rua à esquerda com todos atrás; mal dobraram à esquerda, outras vozes berraram:

— Quem quiser sair da cidade, siga à direita!

Dona Maluka, furiosa — Uma figa para as vozes! Só servem para mentir.

Um grupo de homens enfezados que ia a passar, disse em coro:

— Ora essa! Já se vê que a telefonia diz mentiras. A verdade não existe. Aqui toda a gente é livre e a telefonia diz o que quer. Viva o Progresso! Olhe! Olhe! Aqui todos ouvem o que querem.

E apontavam para a praça apinhada de gente enfezada que ali estava toda contente a ouvir mentiras e a endoidecer com o barulho e a confusão.

As vozes — Notícias da guerra. Atenção! Grande vitória dos Homens Azuis no Chimpàpilongo. Os Homens Verdes

fogem em debandada.

Outras vozes — No rio Chimpapilongo os Homens Verdes tiveram uma grande vitória. Os Homens Azuis foram completamente derrotados.

A multidão de gente enfezada, na praça, começou a gritar. Uns gritavam agitando bandeirinhas azuis:

— Vivam os Homens Azuis! Vitória! Vitória!

Os outros gritavam agitando bandeirinhas verdes:

— Vivam os Homens Verdes! Vitória! Vitória!

As vozes:

Lá em cima está o Tiroliro liró...

Outras vozes — Atenção! A senhora Dona Urraca Malapatim perdeu um Lulu preto com um lacinho cor-de-rosa no alto da cabeça.

Banda militar — Trrrrrrrr... Pum!

Dona Redonda, gemendo — Não posso mais!... Não posso mais!...

Atou as mãos na cabeça e desatou a correr, sem saber para onde ia. A Dona Maluka e os três rapazes quiseram segurá-la, mas não conseguiram. A Dona Redonda ia como um raio por aquelas ruas fora, à toa, esbarrando aqui, tropeçando acolá, deitando de pernas ao ar toda a gente enfezada que encontrava no seu caminho.

— Dona Redonda! Dona Redonda! — gritavam os outros.

Mas não servia de nada.

Por fim enfiou por uma avenida que descia, ninguém sabia para onde; mas a Dona Maluka e os rapazes viram com horror muitos letreiros luminosos nessa avenida, que diziam assim:

AVENIDA EM CONSTRUÇÃO. PROIBIDA A PASSAGEM.

PERIGO DE MORTE!

Mas Dona Redonda só queria ver-se livre das vozes, e como para aquele lado ia deixando de as ouvir, continuava na mesma direção sem se importar de mais nada. Não contente com a rapidez que levava, encolheu a cabeça e as pernas e desatou a rebolar.

— Valha-me Deus! — exclamou Dona Maluka. — Agora é que ninguém a apanha!

E corria atrás dela quanto mais podia, e depois vinham os três rapazes, e depois o Tritão e os Pikis, e atrás de todos a Zipriti berrando:

— Ai! Ai! Zipriti medo! Zipriti não pode correr, não! Zipriti não pode! Ai! Aí!...

Dona Redonda rolava, rolava. E agora já não havia luzes, nem vozes, nem nada do inferno e da confusão da Montanha dos Monstros. À claridade do sol viam que a avenida acabava de repente à beira de uma ribanceira a pique sobre a planície.

— Pare! Pare! Dona Redonda! Dona Redonda!

Dona Redonda rebolava cada vez mais depressa. Assim chegou num instante ao fim da avenida, deu num monte de

terra que ali estava, foi ao ar, muito alto como uma bola de borracha, descreveu uma curva e desapareceu no abismo.

Quando chegaram pela sua vez ao fim da avenida, Dona Maluka e os rapazes debruçaram-se sobre a ribanceira que descia a pique para a planície lá em baixo, muito longe. Todos aflitos e desesperados, gritavam: “Dona Redonda! Dona Redonda!”

Mas ninguém respondia.

Começaram a descer pela ribanceira abaixo. O Tritão e os Pikis iam aproveitando para cheirar por todos os cantos a ver se encontravam qualquer ratito ou outra coisa interessante, e a Zipriti escorregava, caía, levantava-se, esfolava-se e berrava:

— Ai! Ai! Ai! Zipriti esfolada! Zipriti medo! Não pode descer, não! Dói! Aqui d’el-rei! Ai! Ai!

Mas Dona Maluka e os rapazes iam apoquentados de mais para lhe dar atenção. Não pensavam senão em chegar depressa lá abaixo e em encontrar Dona Redonda.

Por fim Zipriti deu um escorregão maior, não se pôde segurar e foi aos rebolões pela ribanceira até que parou lá

em baixo.

Sentou-se no chão, esfregou a cara que ia cheia de terra e de repente começou aos berros:

— Dona Maluka! Chico! Dick! Franz! Quem acode! Estão aqui muitas Donas Redondas! Muito pequeninas! Muitas, muitas! Ai! Ai!

Chico, saltando da ribanceira — Dona Redonda! Onde está? Onde está ela?

E Dona Maluka, o Dick e o Franz, todos esgadanhados e esfolados de tantos trambolhões e escorregadelas pela ribanceira abaixo, chegaram também ao pé da Zipriti.

— Onde está ela? Onde está Dona Redonda?

Então ouviram muitas vozinhas como vozinhas de grilos, gritando:

— Aqui! Aqui! Aqui!

E ao mesmo tempo uma grande restolhada no mato e um enorme suspiro do Dragão:

— Ú... gú... rú... ú... ú...

Foram a correr e ficaram tão pasmados com o que viram que, ao princípio, nem se podiam mexer.

A Zipriti estava sentada no chão, rodeada por uma grande quantidade de Donas Redondas; e nenhuma delas tinha mais de um palmo de altura. Eram tal qual a Dona Redonda, vestidas do mesmo modo com a grande blusa azul, muito redondinhas e com o seu cabelo branco encaracolado. Umas saltavam e dançavam sem parar um instante; outras faziam festinhas a Zipriti: outras tinham achado qualquer coisa de comer e, sentadas no chão, repartiam e comiam o que tinham achado; outras tinham-se reunido por trás da Zipriti e conversavam com muita animação.

Zipriti arregalava os olhos para um lado e para outro, encolhia-se para não tocar nas Donas Redondas, muito desconfiada, e chupava no dedo sem dizer palavra.

Os rapazes olhavam para aquilo, enfiados e calados. Percebiam que se falassem, desatavam a chorar.

— Oh! Meu Deus! — disse a Dona Maluka rindo e chorando ao mesmo tempo — são tão ratonas! Mas onde está a verdadeira Dona Redonda? Não percebo nada.

O Dragão andava de um lado para o outro arrebanhando todas as Donas Redondas e juntando-as em volta da Zipriti.

— São trezentas e cinquenta, disse ele por fim. A Dona Redonda caiu lá do alto e fez-se em fanicos. Isto são os

fanicos de Dona Redonda. Cada um é parte de Dona Redonda, mas nenhum deles é Dona Redonda.

— E agora? O que devemos de fazer? disse o Chico com os olhos rasos de lágrimas.

— Dragão, não há... não há... remédio? perguntou o Franz, fazendo um grande esforço para não chorar.

O Dragão, vendo-os tão aflitos, disse:

— A Dona Redonda está em fanicos mas está viva. Veremos o que se pode fazer. Agora o que é preciso é levar os Fanicos para casa.

Zipriti ouvindo falar da casa, começou a choramingar:

— Zipriti quer ir para casa. Zipriti tem o sim-senhor esfolado. Zipriti quer Dona Redonda grande. Ai! A!!

O Dragão afastou-se e andou por um lado e por outro à procura até que encontrou um grande carro de mão que os Monstros tinham deitado fora. Então Dona Maluka e os rapazes, com muito jeito, meteram todas as Donas Redondas no carro e sentaram lá também a Zipriti recomendando-lhe que tomasse sentido nos Fanicos e não

os deixasse cair. O Dragão pegou nos braços do carro e, puseram-se todos a caminho.

— Ó Dragão! — disse de repente Dona Maluka — , tu que podes tanto, porque não arrasas, a maldita Montanha dos Monstros?

Dragão — Já comecei, e hei de continuar até que não fique nada, nada... nem sequer a memória dos Monstros. E então os homens voltarão a servir-se das suas mãos... Tenho já arrasado muitas Montanhas de Monstros. Mas são coisas que levam muito, muito tempo.

Chico — Dragão. mas porque deixas tu os homens construir tais horrores?

Dragão — Se os homens não fizessem disparates não aprendiam nada.

Dick — Mas...

Dragão, zangado — Cala a boca! Isto não é com vocês.

Foram andando.

A raposa velha que tinham encontrado à ida, apareceu-lhes agora outra vez sentada no talude, e disse-lhes:

— Então os Monstros fizeram Dona Redonda em fanicos? Os homens são muito espertos mas não apanham ratos.

A Tarika deu um salto e filou-lhe a cauda; mas a raposa safou-se deixando-lhe a boca cheia de pêlos. E sumiu-se no mato às gargalhadas:

— Ah! Ah! Ah! As raposas dão cabo das galinhas, os homens dão cabo das raposas, os Monstros dão cabo dos homens, o Dragão dá cabo dos Monstros.

E por fim deixaram de a ouvir, e o Tritão e os Pikis que tinham ido atrás dela, voltaram sem lhe ter podido deitar os dentes.

CAPÍTULO 7

O PRINCIPIO DA GRANDE VIAGEM

Ia grande rebuliço na casa branca e verde. A Dona Redonda estava feita em fanicos e cada fanico era uma Dona Redonda da altura de um palmo, mas exatamente igual a Dona Redonda. Assim havia trezentos e cinquenta fanicos, quer dizer, trezentos e cinquenta Donas Redondas muito pequeninas.

O Tritão e os Pikis já não queriam saber de coelhos, nem de ratos, nem de lagartixas, nem de ossos. Não faziam senão guardar os Fanicos e não lhes sobrava vagar para mais nada; porque os Fanicos eram muito desinquietos.

O Franz, o Chico, o Dick e a Zipriti, não arredavam pé da casa branca e verde. O Bonda tinha vindo também para ajudar Dona Maluka que não podia, sem ele, dar conta do trabalho.

E o Dragão não fazia mais nada senão rondar a casa e vigiar tudo sempre com medo que algum Fanico se perdesse,

e tornava-se ora grande ora pequeno para entrar e sair, espreitar por cima dos pinheiros, esgueirar-se pelas portas, janelas e frestas e até pelas gretas quando tudo estava fechado, sempre alerta e dando conta de tudo, não fosse acontecer mal a algum dos Fanicos. Porque eram tão pequeninos que havia perigos para eles em tudo: uma ratazana podia matar algum deles com uma dentada; um golpe de vento podia levá-los; se caíssem de um degrau abaixo podiam quebrar a cabeça ou algum braço ou alguma perna; se escorregassem num charco podiam morrer afogados... Todos os cuidados eram poucos.

Os três rapazes trabalhavam o dia inteiro. Tinham ido buscar tábuas delgadinhas, ferramentas e outras coisas precisas e faziam os móveis para os Fanicos. Já ali estavam umas tarimbas pequeninas e muito compridas cobertas com almofadinhas para os Fanicos dormirem; e mesas muito baixinhas e bancos para eles se sentarem.

Dona Maluka fora à cidade e trouxera centenas de pratos, travessas, terrinas, talheres, tudo de bonecas para os Fanicos comerem; e deixara encomendado fato para os Fanicos a muitas costureiras. Todos os dias chegavam centenas de blusas, de camisas, de sapatos.

Depois dos Fanicos comerem, eram Dona Maluka e os rapazes que lavavam a louça deles, porque o Bonda tinha as mãos muito grandes e, como não estava habituado a lidar com as coisas tão pequenas, quebrava e perdia tudo, por mais cuidado que tivesse. Era um trabalhão.

Aquela noite estava quente e de luar. Os Fanicos tinham ido para a cama depois da ceia; e Dona Maluka sentara-se nos degraus do alpendre, a descansar, com os três rapazes e a Zipriti.

— Isso é uma coisa muito esquisita — disse o Chico. — Cada Fanico é exatamente igual a Dona Redonda, mas uns têm juízo outros não. porque será?

Franz — E o pior de tudo é que são tão iguais que a gente nunca sabe se está a falar com os ajuizados ou com os que não têm juízo.

Dick — Mas porque não hão de ser todos iguais a Dona Redonda por dentro como são por fora?

Dona Maluka — Vocês bem sabem que Dona Redonda, a nossa querida Dona Redonda, era feita de todos os Fanicos juntos. Todos nós somos feitos de Fanicos. Há os Fanicos que compõem a cabeça, outros o coração; e são esses que

governam tudo. Os outros estão acostumados a obedecer, vivendo assim ligados uns aos outros. Os que compõem as pernas andam, correm, dançam, saltam; os que compõem os braços fazem os movimentos necessários; os do estômago e intestinos digerem... e tudo marcha bem porque lá estão os da cabeça que têm juízo e governam os outros, e lá estão os do coração que destinam as coisas que se devem fazer pelo melhor.

Chico — Já percebo! Quando todos os Fanicos estão juntos e formam uma pessoa inteira, são como uma tropa que sabe os seus deveres e conhece e respeita os seus chefes; e...

Franz — E quando se separam e cada um faz o que lhe dá na cabeça e deixa de obedecer e pensa que pode mandar tanto como os outros...

Mas nisto o Franz foi interrompido por uma chinfrineira como se centenas de grilos tivessem desatado todos a gritar ao mesmo tempo: E ouviu-se o Bonda a berrar lá na cozinha. Todos se levantaram em alvoroço e correram a ver o que era.

Bonda — Acudam! Acudam! Hi! Hi! Hi! Os Fanicos vieram aos bolos!

Os Fanicos do estômago tinham-se levantado sorrateiramente e estavam a atacar as caixas dos bolos.

Dona Maluka — Então que é isso? Quem deu licença para se levantarem? Tudo já para a cama! Agora são horas de dormir!

Os Fanicos — Não queremos saber disso! Gostamos de bolos, queremos bolos. Pronto! Não recebemos ordens de ninguém.

Dick, atordoado-Senhora Dona Redonda. Não faça isso! Não faça essas coisas.

Franz, baixinho, a Dick — Não vês que são os Fanicos do estômago? Não têm entendimento.

Os Fanicos, fazendo troça — Senhora Dona Redonda! Não há aqui Dona Redonda nenhuma. Isso era dantes. Agora somos livres. Livres! Temos os nossos direitos! Temos os olhos abertos! Ninguém nos governa!...

Zipriti, toda zangada — Zipriti também quer bolos, Dona Maluka. Ai! Ai! Eles comem tudo.

Dick — Pouco barulho!

Entretanto os Fanicos do estômago trepavam para as caixas dos bolos e alguns caíam lá para dentro de pernas no ar, magoavam-se e gritavam; outros brigavam, atiravam-se à pancadaria uns aos outros por causa de uma migalha de bolo. Alguns, engalfinhados nos cabelos uns dos outros, puxavam, berravam, escorregavam, trambolhavam. Uma chinfrineira e desordem completas.

Dona Maluka, os três rapazes, o Bonda e até Zipriti, tentavam separá-los e restabelecer a ordem.

Mas os Fanicos eram tantos que se escapavam e fugiam e saltavam nos bolos que iam comendo e estragando.

Nisto ouviram-se vozitas de outros Fanicos na casa de entrada.

— Pronto! — disse Dona Maluka desolada. — Agora levantaram-se outros. Vamos ver o que é.

Dick — Mas não podemos deixar estes. Vão-se magoar. São capazes de quebrar algum braço ou alguma perna...

Franz — Espera aí que eu já os arranjo. Saiu correndo e daí a um instante voltou seguido pelo Tritão e pelos Pikis que estavam a dormir lá fora, ao luar, estendidos no capacho.

Tritão e os Pikis, entrando de roldão na cozinha:

— Que é? Que é? Béu Béu!. Olá! Bolos?!.

Franz — Vá lá! Comam os bolos todos! Aviem-se...

O Tritão, espantado e indeciso — Pode ser? E a gente depois não apanha com a chibata?

OS PIKIS, desconfiados — E se a gente comer, Dona Maluka não dá palmadas nem faz voz grossa?

Franz — Pouca conversa. Vá! Vá! Comam tudo. Depressa! Depressa! E tu também, Zipriti, come! come!

Dona Maluka e o Chico e o Dick percebendo a ideia do Franz, diziam também:

— Vá! Vá! Comam tudo!

Então o Tritão, os Pikis e a Zipriti atiraram-se aos bolos. Toca, toca, mão aqui, dentuça acolá. Os Fanicos, furiosos, apanhavam bocaditos, migalhitas. Mas os Pikis até lhes tiravam o que já tinham na mão e até na boca.

Aquilo foi uma limpeza. Já não havia nada e o Tritão com a língua muito grande, lambia as caritas lambuzadas dos Fanicos com tanta força que atirava com eles de cangalhas.

O Bonda ria às gargalhadas, segurando com ambas as mãos a enorme pança:

— Hi! Hi! Hi! Bem feita! Bem feita! Hi! Hi! Hi!

Os Fanicos, furiosos — Que pouca vergonha! Então aqui não se respeitam os direitos das gentes? Patifaria!

Piki, rindo e lambendo os beiços — Qual direito nem qual carapuça! O direito é sempre do mais forte! Eu sou mais forte!

Tritão — És mais forte que os Fanicos, mas eu sou mais forte do que tu.

Tarika, toda sentenciosa — Se os Fanicos se juntassem todos em lugar de brigar uns com os outros, eram mais fortes que o Piki e até mais fortes que o Tritão.

Tritão — Havíamos de ver!...

Pitsi — Essa coisa de mais forte ou mais fraco é asneira. Quem comeu mais bolos? Fui eu.

A Menina, saracoteando-se muito sirigaita — Porque és um lambão.

Os Fanicos — Se vocês imaginam todos que levam a melhor, enganam-se. Ainda se hão de arrepender.

Dick, escandalizado — Que confusão! Que desordem!

Dona Maluka — Não quero aqui mais barulho! Tritão! Pikis! Guardem estes Fanicos. Não os deixem sair daqui. E vocês, Fanicos, quietos!

Os Fanicos — Estaremos quietos se quisermos. Não recebemos ordens de ninguém.

Mas sentaram-se todos em cima da mesa sossegados, porque à roda andavam o Tritão e os Pikis e mostravam-lhes os dentes quando eles se aproximavam da borda.

Zipriti, importante — Se não estão quietos, não, Zipriti levanta saias Fanicos e dá no sim-senhor com chinela do Bonda. Ai! Ai! Dá, dá...

E olhava-os com os olhos muito arregalados e um dedo espetado, ameaçando-os.

Tarika, empurrando com o nariz um dos Fanicos que tentava sorrateiramente descer da mesa — Olá! Juizinho!... Senão vai dentada!

O Fanico, safando-se a toda a pressa para o meio da mesa — um caso bem claro de abuso da força e do poder. Isto não se pode tolerar!

Alguns Fanicos gritaram:

— Abaixo a tirana!

Tarika, rosnando — Se me dizem palavrões, vai tudo raso!

Voltou-se para a Zipriti e perguntou-lhe baixinho:

— O que é tirana?

Zipriti, lembrando-se da cantiga:

Ó Rosa! Tirana!

Que é da tua tirania?!.

Tarika, zangada — Estou falando a sério.

Pitsi — Tirana... tirana... Talvez seja coisa de comer. É?

Tarika — Brrrrrrrrrr. ão! Vai à fava!

Pitsi, ganindo — Ca-im! Ca-im! Dona Maluka! a Tarika deu — me uma dentada! Ca-im! Ca-im!

Dona Maluka — Fez ela muito bem, para não seres parvo. Tens a barriga cheia de bolos, grande guloso, e ainda pensas em comer.

E nisto, Dona Maluka e os rapazes, vendo que os Fanicos estavam quietos, todos com medo e alguns a cair de sono, foram pegando neles como quem não quer a coisa e, metendo-os dentro de um cesto, levaram-nos para o quarto onde estavam as tarimbas e deitaram-nos, recomendando ao Tritão e, aos Pikis que os guardassem até eles adormecerem. E foram então ver o que se passava na casa de entrada onde continuavam a ouvir as vozinhas de outros Fanicos.

Zipriti já para lá se tinha esgueirado. Deram com ela sentada em cima da mesa, muito séria, chupando no dedo e

olhando de revés para uns cinquenta Fanicos que se tinham instalado em filas, sobre livros que lhes serviam de bancos. Um deles virara um cinzeiro de pés para o ar e, encarrapitado em cima deste estrado, falava assim aos outros:

— Chegamos pois à conclusão lógica seguinte: esta guerra não é, como muita gente de vistas curtas imagina, uma guerra vulgar, no fim da qual a vida recomeça no ponto em que foi interrompida. Temos a sorte de assistir a um espetáculo que se repete na história de séculos a séculos: o fim de um mundo...

Outro Fanico, meio interessado — Apoiado! O fim de um mundo e o princípio de outro mundo. A repetição da derrocada do Império Romano.

E o Fanico tirou da algibeira da blusa uma pitada de tabaco, enrolou um cigarro pequeníssimo e acendeu-o.

Outro Fanico, muito senhor de si — Todas as coisas que os homens inventaram no fim desta civilização apodrecida, vão desaparecer.

Outro Fanico — As máquinas vão desaparecer!

Outro Fanico, esfregando as mãos de contente — Desaparecerá a telefonia, desaparecerão os jornais...

Todos os Fanicos, dando palmas — Bravo! Bravo!

A voz do Dragão, no alpendre — Uma grande limpeza!... gú... U... rú... ú!...

Os Fanicos, falando ao mesmo tempo — Acabarão as mentiras.

— As complicações da vida.

— Os escravos das fábricas, dos escritórios, das repartições.

— As papeladas.

— Os homens voltarão à terra.

— Servir-se-ão das suas mãos.

— Abandonarão as grandes cidades.

— Cada um fará aquilo para que nasceu...

Dona Maluka — Que asneiras são essas? Quem lhes deu licença de saírem da cama? Vamos, vamos, toda a gente a dormir! Tudo para a cama!

O Fanico do cinzeiro, cheio de importância e falando de papo — Não esqueça, Dona Maluka, que nós somos os Fanicos da cabeça de Dona Redonda! Veja lá como nos fala!

Chico, impaciente — Se são os Fanicos da cabeça de Dona Redonda, porque não governam os outros? porque não se metem na ordem?

O Fanico do cinzeiro — Ora aí está! Não os podemos governar porque quando Dona Redonda se fez em Fanicos, os Fanicos que desempenhavam certas funções muito bem sob as nossas ordens, julgaram que podiam desempenhar outras e que eram todos iguais.

Os outros Fanicos — Uma desgraça, Chico. Uma grande desgraça!

Dragão, espreitando pela janela — Uma grande desgraça! Ú... gú... rú... ú...

Mal o Dragão soltou aquele suspiro, ouviu-se uma restolhada de passinhos e uns cem Fanicos entraram de roldão pela porta dentro e uns começaram a cantar:

Meninas, vamos ao vira

Que o Vira é coisa boa.

E outros que gritavam:

Qual Vira nem meio Vira!

Toca a trabalhar!

E estes, traziam umas vassourinhas feitas com caruma de pinheiro. e os baldezinhos do seu quarto, e trapinhos; e

desataram a varrer e a limpar o pó e a esfregar a casa com escovas de dentes, muito ativos e desembaraçados.

Entretanto os outros, não contentes de cantar, puseram-se a dançar e a fazer corridas, a ver quem chegava primeiro ao outro lado da casa. Os que dançavam, dançavam muito bem. Voltas e mais voltas e reviravoltas, e bater de pés, e saltinhos para aqui e pulinhos para acolá, leves que nem penas, e tudo a compasso, tão engraçado que Dona Maluka e os rapazes riram às gargalhadas.

E os das corridas gritavam:

— Um! Dois! Três!

E partiram à desfilada.

E os das limpezas, não paravam: a varrer, a esfregar, a limpar o pó, trepando para as cadeiras, limpando e esfregando tudo.

E a dança continuava sempre no meio de tudo isto, passinho para aqui, saltinho para ali, bracinhos no ar, estalinhos com os dedos.

Coisa mais engraçada nunca fora vista. A Zipriti descendo da mesa, toda entusiasmada, a dançar com os Fanicos e a

cantar, muito desafinada:

Vai de lado, de lado, o que é?

Vai de lado ó Mané Chiné

— Ah! Ah! Ah! — riem os rapazes e Dona Maluka às gargalhadas.

E o Bonda que viera à porta ver, segurava a pança a rir, a rir.

— Hi! Hi! Hi!

E os Fanicos da cabeça, cheios de assombro e de admiração, tinham-se chegado para a beirinha da mesa e olhavam aquilo tudo com muita atenção, todos de óculos no nariz para não perderem nada do que se passava.

— São os Fanicos dos braços e das pernas, diziam eles. Tem graça, mas... que desordem, que confusão!

O mostrengo, a espreitar pela janela, ria tanto que até chorava:

— Hu! Hu! Hu!...

Mas tudo isto foi interrompido pela chegada de mais de cinquenta Fanicos que se precipitaram sobre Dona Maluka e sobre os rapazes trepando por eles acima fazendo-lhes muitas festinhas, encarrapitando-se-lhes nos ombros e dando-lhes beijos. E falavam todos ao mesmo tempo com as suas vozinhas de grilos:

— Querida Dona Maluka! Queridos rapazes! Que trabalhos e preocupações nós lhes estamos dando! Que havemos de fazer... que havemos nós de fazer para os ajudar?

E Dona Maluka e os rapazes, todos enternecidos e com as lágrimas nos olhos, não se cansavam de lhes fazer festas e de os consolar. Zipriti cobria-os de beijos molhados. O Bonda pegou em dois ou três e instalou — os em cima da pança:

— Hi! Hi! Hi! Tão lindos! Tão lindos!

O Dragão entrou pela casa dentro e começou a lambê-los e a dizer:

— Coitadinhos!... Ó... gó... ró... ó... ó...

Toda a gente estava muito comovida; e os Fanicos recém-chegados (que eram os Fanicos do coração de Dona Redonda) iam dizendo:

— Isto não pode continuar. Nós vamos desaparecer; é o melhor. Não nos guardem mais. Deixem-nos sumir no pinhal de uma vez para sempre. Vocês têm a sua vida. Não devem gastar o seu tempo e as suas forças connosco...

Dona Maluka, sufocada de comoção — Nunca, nunca vos abandonarei!

Os rapazes, enxugando disfarçadamente as lágrimas — Nem eu! Nem eu! Nem eu! Nunca!

Bonda, rindo e chorando ao mesmo tempo — Hi! Hi! Hi! Bonda não pode viver sem Dona Redonda! Hi! Hi! Hi! Mesma em Fanicos... Hi! Hi! Hi!

Zipriti, no seu desejo de abraçar e beijar os Fanicos do coração, confundia tudo; agarrava nos Fanicos da cabeça que se debatiam cheios de indignação, com os óculos a escorregar dos narizes; e agarrava nos Fanicos das pernas e dos braços que esperneavam como danados e enfurecidos davam murros, pontapés e dentadas.

Ouviu-se então uma grande gritaria do Tritão e dos Pikis.

— Béu! Béu! Não há maneira de guardar estes Fanicos! Se a gente pudesse dar-lhes uma dentada!... Báu! Báu!...

No meio de galopadas e latidos do Tritão e dos Pikis, entraram então na sala dos Fanicos do estômago de Dona Redonda.

Tinham encontrado uma tesoura e uma saia encarnada de Dona Maluka; tinham recortado bandeirinhas encarnadas que traziam e agitavam com ares de quero, posso e mando. Marchavam em fileiras, como soldados, cheios de importância, cantando em altos berros:

Liberdade, liberdade,

Cada um chama-lhe sua!...

— Fora! Fora! — gritaram os Fanicos das pernas e dos braços.

E atiraram-se aos do estômago à pancadaria; tudo se envolveu em desordem. Ouviam-se gritinhos agudos e o ruidozito que faziam os corpos dos Fanicos trambolhando; e correrias... Entravam na lareira apagada e atiravam uns aos outros com pedacitos de lenha queimada e mãos-cheias de

cinza. Andavam todos enfarruscados e esgatanhados. Já ninguém se entendia.

A um lado da mesa os Fanicos do coração choravam e arrancavam os cabelos com desespero e, do outro lado, os Fanicos da cabeça tinham-se reunido com muita solenidade e, sentados em volta de um livro grande que lhes servia de mesa, faziam discursos, estudando e discutindo a melhor maneira de governar os Fanicos.

Dona Maluka e os rapazes não se atreviam a mexer-se com medo de pisar os Fanicos que enchiam a casa e andavam num tal rebuliço que qualquer passo das pessoas grandes os podia magoar.

— Meu Deus! Meu Deus! — dizia Dona Maluka aterrada. — Que havemos de fazer?

— São capazes de se aleijar... — diziam os rapazes todos aflitos.

A Zipriti não parava. Como era pequenina andava no meio deles, mas só servia para aumentar a confusão. Cheia de importância e divertidíssima, apanhava ora um ora outro, fazia festinhas a uns, dava açoites noutros...

O Bonda foi à cozinha buscar um saco e dispunha-se a apanhar os Fanicos como se fossem azeitonas e a metê-los todos no saco. Mas Dona Maluka não deixou.

Foi então que o Dragão começou a inchar.

Inchou, inchou... Depois deu um encontrão na janela, meteu por ela a cabeça para dentro de casa e, abrindo as goelas, soltou um grande suspiro: Ú... gú...

rú... ú... ú... e começou a vomitar uma fumarada verde sobre os Fanicos.

Dona Maluka, assustada — Que é isto? Que é isto?

Dragão — Sai para o alpendre com os rapazes. Depressa!

Dona Maluka e os rapazes saíram para o alpendre; e o Dragão foi fechar a porta e, metendo outra vez a cabeça pela janela, continuou a vomitar o tal fumo verde para dentro de casa.

Franz, muito aflito — Dragão! Dragão! Não os mates!

Chico, muito assustado — Lembre-se que eles são Dona Redonda!

Dick, furioso e fingindo-se muito sereno — Dragão! Se continua a deitar esse fumo verde sobre os Fanicos... eu... eu... faço queixa ao Governo Britânico!...

Mas o Dragão não fazia caso nenhum. Das suas goelas escancaradas continuava a jorrar fumo e mais fumo sobre os Fanicos. E os Fanicos iam-se calando, sentavam-se com um ar espantado; depois tombavam para o lado e não se mexiam mais. Tudo estava agora cheio de Fanicos imóveis. Havia Fanicos estendidos no chão, por cima das cadeiras e da mesa.

Dona Maluka e os rapazes, aterrados, abriram a porta da casa, quiseram pegar nos Fanicos. Mas o Dragão não deixou:

— Ú... gú... rú... ú... Não lhes toquem! Crescera, estava cor de fogo, acendera os olhos e tinha as garras abertas. Estava zangado, e ninguém se atreveu a contrariá-lo.

Com duas sapatadas, empurrou a Dona Maluka e os rapazes da porta para fora, fechou a porta à chave e estirou-se no alpendre a descansar.

A Dona Maluka e os rapazes foram em bicos de pés espreitar lá para dentro, pela janela. Viram todos os Fanicos caídos por aqui e por ali, sem se mexerem; e o Bonda, a Zipriti, o Tritão e os Pikis, na mesma.

— Estão todos mortos. — disse Dona Maluka baixinho. E torcia as mãos de desespero.

Chico, cheio de fúria — O Dragão matou-os... matou — os... Mas isto não fica assim!

Dick — Nós sós não podemos nada. É preciso chamar alguém.

Franz — Quem diz que não podemos nada sozinhos?

O Dragão ouviu aquilo tudo calado. De repente desatou a rir.

— G... gó... ró... ó... ó... Oh! Oh! Oh!... Ninguém está morto, seus grandessíssimos patetas! Então eu havia de matar a minha Dona Redonda? Sempre é preciso um dragão ter muita paciência para aturar a parvalheira dos homens!... Gú... rú. ú. Ora ouçam. Está tudo a dormir.

Puseram-se à escuta. Pela janela vinha-lhes o ruído de toda aquela gente a ressonar: roncos enormes do Bonda, e gritinhos dos Pikis a sonhar, e um barulhinho de ralos que era a respiração dos Fanicos.

A Dona Maluka deu um grande suspiro de alívio e voltando-se para o Dragão, disse-lhe:

— Perdoa-me. Perdi a cabeça.

Os três rapazes, envergonhados, chegaram-se ao Dragão e pediram-lhe também perdão.

— Estávamos tão tristes, tão desesperados. — disse o Chico.

O Dragão respondeu:

— Estar triste e desesperado não é razão para um homem desconfiar daquilo em que deve ter fé. Vocês têm muito que aprender.

E nisto levantou devagar a cabeça e olhou para o outro lado do alpendre. Pôs-se em pé. Encheram-se-lhe os olhos de doçura. Arreganhou-se-lhe a bocarra num sorriso.

Dona Maluka e os rapazes seguiram a direção daquele olhar do Dragão e viram em cima do murozito baixo do alpendre, uma figurinha de mulher que não teria mais de três palmos de altura. Estava vestida como Dona Redonda com uma blusa até aos pés, mas era esguia, esbelta, airosa. Tinha os cabelos castanhos e uma cara muito nova.

Metade dessa figurinha era vermelha e a outra metade era azul-claro; e tinha duas grandes asas douradas.

Dona Maluka e os rapazes ficaram pasmados a olhar para ela, porque era uma Dona Redonda nova e esbelta e resplandecente; e era Dona Redonda e não era Dona Redonda.

Dona Maluka, a medo — Quem é a senhora, ainda que eu mal pergunte?

A figurinha, sorrindo — Sou a alma de Dona Redonda. Estou separada do seu corpo que se fez em... fanicos.

— Ah!... disseram os rapazes e Dona Maluka. E não puderam dizer mais nada. Ficaram tolhidos de respeito e de admiração a olhar para a alma.

Franz, ganhando ânimo — Senhora Dona Alma, a senhora deve saber muito. O que poderemos nós fazer para juntar outra vez os Fanicos.

A Alma de Dona Redonda — Pois é... Juntar todos os Fanicos e refazer a Dona Redonda para eu tornar a tomar conta dela.

Dona Maluka — Pode ser? Pode ser?

A Alma — Depende de vocês Dona Maluka — Se há um remédio e depende de nós, eu pela minha parte, estou pronta

a tudo!

Os rapazes, entusiasmados — E nós também! E nós também!

A Alma — Há noutro mundo um filtro encantado que fará voltar Dona Redonda ao seu antigo estado. Mas não se pode lá chegar senão depois de grandes provações... pois o filtro é fabricado com as virtudes de quem o vai buscar.

Dragão — Eu sei onde é. Sei o caminho.

Dona Maluka e os rapazes — Iremos seja onde for, e faremos tudo, tudo que for preciso!

Dragão — U... gú... rú... ú... Palavras, palavras. Também vocês diziam que tinham muita fé em mim... E bastou bem pouco para a perderem. Se nesta empresa não tiverem mais força de ânimo e uma fé mais firme, nem vale apena lá irmos. gú. rú. ú!. pois ficaremos a meio caminho.

Dona Maluka — Não me faltará a fé nem a força de ânimo.

Os rapazes — Nem a nós! Vamos! Vamos!

Então a alma de Dona Redonda sorriu para eles e chamou o Dragão. Esteve que tempos a falar-lhe ao ouvido. E o Dragão muito sério ia ouvindo, ouvindo, e dizia:

— Sim senhora... sim senhora... gú... rú... ú... Bem entendo.

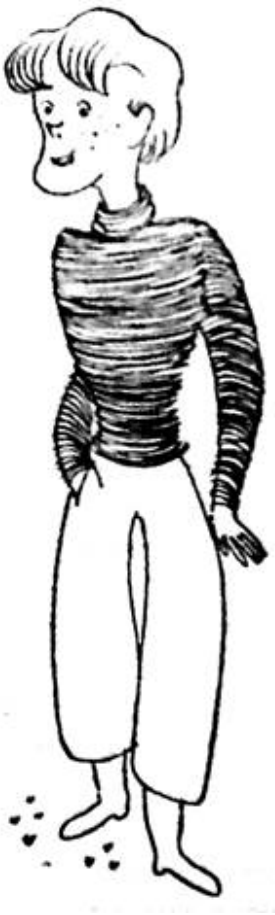
E por fim a alma de Dona Redonda fez uma festinha na cabeça do Dragão, sorriu outra vez, acenou à Dona Maluka e aos rapazes e, abrindo as asas douradas, levantou voo e sumiu-se entre a ramaria alta dos pinheiros, na claridade do luar.

Ficaram a olhar para ela. Ao princípio viam-lhe as asas a brilhar, depois já não sabiam se eram as asas ou as estrelas... e não olharam mais.

Dragão, espreguiçou-se e disse:

— Sou eu que os levo ao tal outro mundo onde está o filtro para consertar Dona Redonda. E vamos já, que não há tempo a perder.

Dick — Mas a gente não sabe quanto se demora. Não seria bom deixar qualquer coisa para os Fanicos comerem quando acordarem?



Franz — Não te importes com isso. O Dragão sabe o que é preciso.

O Dragão estendeu uma pata para o Franz e fez-lhe uma festa nas costas, já se vê, com as unhas encolhidas. E disse-lhe:

— Isso, isso. Começas bem.

Saiu do alpendre para a clareira em frente da casa e começou a crescer, a crescer. Ficou muito grande e todo

dourado, a luzir, asas e tudo. Era a coisa mais linda e maravilhosa que se podia ver.

— Estão prontos.

— Todos prontos.

Dragão — Dona Maluka!

Dona Maluka — Presente!

Dragão — Chico!

Chico — Presente!

Dragão — Dick!

Dick — Presente O Dragão — Franz!

Franz — Presente!

Estavam todos enfileirados em frente do Dragão que os passou em revista com muita atenção.

O Dick teve vontade de perguntar se não levavam farnel, mas lembrou-se do que o Franz dissera e do que o Dragão respondera a respeito do comer para os Fanicos, e calou-se.

O Dragão tinha crescido ainda mais. Todo ele resplandecia como uma joia, à luz da lua. Ajoelhou e disse:

— Subam para as minhas costas. Agarrem-se bem à crista da minha espinha. Assim. Estão bem? Sentem-se seguros? A viagem será longa e é preciso muita valentia e firmeza de ânimo. Temos que atravessar vitoriosamente muitos perigos para conquistarmos o filtro que há de consertar Dona Redonda.

Dona Maluka — Confiámo-nos em ti. Quanto ao resto, Deus nos ajudará.

Os rapazes estavam entusiasmados.

— Viva Dona Redonda! — gritaram eles.

O Dragão abriu as asas devagar e elevou-se no ar. E à medida que voava mais alto, as asas cresciam e resplandeciam e tornaram-se tão grandes que Dona Maluka e os rapazes não lhes viam o fim.

Toda aquela noite o Dragão voou sobre cidades, aldeias, campos e mares.

Ninguém falava. Todos percebiam que aquela viagem era muito séria e pensavam, e pensavam e tratavam de fortalecer a alma para o que os esperava, fosse o que fosse.

Por fim viram que o céu em frente deles começava a clarear, Cinzento, claro, mais claro, esverdeado, cor — de-rosa. Era o alvorecer.

Por debaixo deles só viam o mar. Um mar sem-fim. Lá no horizonte, lá adiante, o céu tornou-se escarlate e surgiram os primeiros raios de sol; raios de ouro, abertos como as varetas de um leque imenso.

O Dragão começou a voar mais depressa. Voava direito ao Sol que agora começava a aparecer como um grande incêndio sobre o mar. E disse assim:

— Gú... rú... O Sol é a porta do outro mundo. A porta por onde vamos entrar.

E voou ainda mais depressa, direito ao Sol.

CAPÍTULO 8

O PALÁCIO DO SENHOR DO MEDO E A CIDADE DA RAINHA PRESUNÇÃO

À medida que se aproximavam do Sol, o Sol crescia. E crescia tanto que por fim não viam mais nada senão o Sol. Era um brasido imenso, sem — fim. Tomava conta do céu inteiro e de todo o mar. E ouviam um barulho de chamas, de fogo bravio como fazem as fogueiras grandes de S. João, mas trinta mil vezes maior. Tudo era chamas e fagulhas em redemoinho. Metia muito medo.

Dona Maluka e os rapazes diziam de si para si:

— Isto é o fim da nossa vida.

E apertavam os dentes para não gritar e falavam a si próprios no segredo dos seus corações:

— É preciso ter fé no Dragão e na alma de Dona Redonda. Nós dissemos que se fosse preciso morrer para salvar Dona Redonda, morreríamos. Para diante!

E, de repente, entraram pelo Sol dentro. Taparam a cara com as mãos e encomendaram a alma a Deus. Mas, passada aquela grande comoção, admiraram-se de não sentir queimaduras nem sequer o calor de um tal braseiro. E deixaram de ouvir aquele grande roncar do fogo.

Devagarinho, a medo, tiraram as mãos da cara.

O que viram não se pode contar. Tudo era fogo. Mas um fogo esquisito. Mais parecia ouro derretido. O céu, as nuvens, o chão, os rochedos, as árvores enormes, um rio muito largo... tudo era de fogo, tudo mexia com movimentos de labaredas, mas muito devagar.

O Dragão pousara sobre um alto rochedo em brasa; mas não se queimava.

E viram então uma coisa extraordinária, de pé, em cima de um carro de fogo puxado por quatro cavalos de ouro a galopar sobre nuvens feitas de labaredas, vinha um homem muito maior que os homens e de uma beleza tão perfeita como se não vê na Terra.

O Dragão disse baixinho com muito respeito:

— É Apolo, rei do Sol, rei das Artes. É o teu rei, Dona Maluka. Sem licença dele, não poderemos continuar a nossa jornada.

Apolo segurava numa das mãos as rédeas de ouro, na outra erguia um facho de onde saíam grandes chamas douradas e vermelhas. E, na carreira, o vento sacudia-lhe o manto curto, escarlate, como se fosse uma bandeira.

Parou em frente do Dragão e olhou para ele; e o Dragão abriu as asas enormes e levantou a cabeça. Mas Dona Maluka e os rapazes tornaram a tapar a cara com as mãos porque não puderam suportar o resplandecente olhar de Apolo.

— Vamos, — disse o Dragão. — Apolo já me deu licença.

Dona Maluka e os rapazes destaparam a cara. O rei do Sol desaparecera. Tudo tinha desaparecido.

O Dragão fechara as asas e ia a galope por uma planície imensa toda coberta de relva cinzenta. Já não havia fogo nem ouro. O ar era cinzento, e estendia-se por toda a parte um nevoeiro sombrio.

O cinzento da relva e do ar era triste e feio, e a luz era turva e mentirosa porque não deixava calcular as distâncias. Assim, surgiu de repente do nevoeiro um palácio que parecia estar ali em frente deles, a dois passos, mas fartaram-se de andar antes de lá chegar.

Quando lá chegaram, a luz era ainda meio turva. Havia um grande silêncio. Fazia tanto frio que todos batiam o queixo.

O Dragão agachou-se e disse:

— Apeiem-se e vão bater àquela porta. Eu tenho de ficar aqui. Não posso entrar. Este é o palácio do Senhor do Medo e se pelo menos um de vocês o não vencer, teremos de voltar para trás.

Não disse ú-gúrú, nem nada. Estava todo sorumbático e ninguém se atreveu a fazer-lhe perguntas.

Dirigiram-se os quatro para o portão enorme todo cravejado de pregos e metido na parede grossíssima. A aldrava era tão pesada que tiveram de reunir as forças de todos para a levantar; e quando caiu parecia um trovão e

essa pancada ressoou dentro de casa acordando muitos ecos: Pum! Brrrrrum... um...

Esperaram muito tempo; o ar escurecia e arrefecia. À roda do palácio não havia sinal de vida.

Dona Maluka e os rapazes estavam a tremer.

Não percebiam se era de frio ou de uns arrepios esquisitos que sentiam pela espinha acima, lhes apertavam o coração e começava a pôr-lhes os cabelos em pé. O Franz perguntou a si mesmo:

— Será medo?

E zangou-se e ralhou consigo mesmo:

— Pois não te ensinaram que, quando a gente decide fazer uma coisa, tem de ir para diante custe lá o que custar? Que importa sofrer ou morrer? Só importa ir para diante.

Depois de dizer estas coisas a si mesmo, deixou de ter os tais arrepios.

Ouviram então do outro lado da porta um grande barulho de correntes, de trancas e de chaves girando em enormes

fechaduras. A porta começou a abrir-se muito devagar.

Não apareceu ninguém.

A porta continuou a abrir-se, primeiro um batente, depois o outro. Lá dentro estava tudo escuro. Só se via, muito ao longe, uma luzinha verde.

— Será preciso entrar? — disse Dona Maluka com voz pouco segura.

Dick, desconfiado — Como havemos de entrar?

Chico, disfarçando o medo — Não aparece ninguém.

O Franz não disse nada em voz alta mas disse baixinho a si mesmo:

— Para diante. É preciso salvar Dona Redonda. E entrou por ali dentro.

E foi andando no escuro, direito à luzinha verde. Os outros seguiram-no.

À medida que se aproximavam da luzinha verde, perceberam que eram duas. E cresciam. Por fim viram que eram os olhos de um bicho. Um bicho extraordinário. Era uma louva-a-deus do tamanho de um cavalo.

A louva-a-deus inclinou a cabeça para o lado e disse com uma voz doce:

— Boas-noites. E o que desejam os meus meninos?

Franz, muito senhor de si — Disseram-me que é aqui o palácio do Senhor do Medo. Queremos falar com ele.

A louva-a-Deus ergueu os braços com as mãos juntas.

— Não pensem em tal — disse ela. — Só de olhar para ele todos morrem ou perdem os sentidos.

Franz, começando a zangar — se — E o que tem você com isso? É porteira ou não é? Se é, vá dizer ao seu patrão que está aqui gente que lhe quer falar.

A louva-a-deus — Pois vou, meu menino... Tenho todo o interesse... Quando as pessoas perdem os sentidos eu como-as... e justamente hoje ainda não jantei...

E sorria amavelmente. Aquela louva-a-deus do tamanho de um cavalo era horrível e muito antipática. Mas o Franz olhou para ela todo resoluto; e ela estendeu um braço enorme e puxou uma corda pendurada da parede. A casa iluminou-se. Viram , que era uma sala cheia de armas.

A louva-a-deus disse:

— O Senhor do Medo gosta que todos os seus visitantes vão armados... para não se poder dizer que ele abusa da força que tem...

A Dona Maluka, o Dick e o Chico tinham ganho algum ânimo ao ver a firmeza e a serenidade do Franz. Começaram a escolher as armas.

O Chico que aprendera esgrima, escolheu uma espada. O Dick que era um bom jogador de boxe, escolheu umas luvas de boxe. A Dona Maluka, que era excelente atiradora, escolheu uma pistola.

A louva-a-deus, de cabeça inclinada para o lado, sorria com um arzinho de troça e lambia os beiços com a língua verde. Fazia arrepios olhar para ela. Mas quando os seus olhos enormes se pousaram no Franz, deixou de sorrir.

O Franz não escolheu arma nenhuma. Estava encostado a uma parede com ar muito sossegado, à espera. Falava consigo mesmo no segredo do seu coração:

— Uma arma para quê? Nenhuma arma é bastante forte para vencer o Medo. Pois não aprendestes que o Medo só

se vence pela força de vontade? Vence-te a ti mesmo e aos teus nervos, e vencerás o Medo.

Quanto mais pensava nestas coisas, mais calmo e seguro se sentia. Os outros olhavam para ele, pasmados. Não lhes parecia o mesmo Franz.

— Então já escolheram? perguntou — a louva-a-deus com voz muito doce.

— Estamos prontos.

A louva-a-deus olhou de revés para o Franz:

— E tu?

Franz — Eu trouxe as minhas armas!

A louva-a-deus — Hum! Não as vejo.

Franz — Nem admira. Os teus olhos parecem duas abóboras verdes; mas não são capazes de ver as minhas armas.

A louva-a-deus estava cada vez mais desconfiada, mas lá recebera as suas ordens e não teve remédio senão ensinar-lhes o caminho. Levou-os por muitos corredores, escadas e salas, tudo quase às escuras. Viam luzir pelos cantos olhos de bichos medonhos: aranhas, formigas, centopeias, baratas, grilos, tudo maior que cavalos. Alguns destes bichos vinham até ao pé deles e eram tão horríveis que o sangue lhes gelava nas veias. Mas quando se chegavam de mais, o Franz virava-se para trás de repente e gritava-lhes:

— Que é lá isso? Arreda! Arreda.

E toda a bicheza recuava e sumia-se no escuro com uns gemidos metálicos e um ranger de gonzos que era o barulho dos élitros e das antenas a estremecerem.

Por fim chegaram em frente de um grande portão aberto. Havia lá dentro uma claridade turva e esverdeada. A louva-a-deus começou a bater o queixo; parecia que estava a tocar castanholas; e de repente abriu as asas com um grande barulho: Brrrrrrrrrr... Tudo aquilo era terror. Disse com voz quebrada:

— É... aqui... En... trem...

E desapareceu.

Então viram o Senhor do Medo que vinha lá do fundo a caminhar para eles.

Não se pode descrever o Senhor do Medo. Não há palavras capazes de explicar um tal horror, uma tão nojenta fealdade.

Dona Maluka desmaiou; tombou para o lado como se estivesse morta. O Chico tornou-se branco como a cal e

encostou-se a uma parede com os cabelos em pé; a espada caiu-lhe da mão. O Dick tapou a cara com as mãos, perdeu a cabeça e fugiu pela porta fora espavorido.

O Senhor do Medo desatou a rir. Aquele riso era o pior de tudo. Parecia uma panela de lata cheia de pedras, que alguém de repente sacudisse.

O Franz sentiu um enjoo tão grande que um momento se pensou perdido, mas disse a si mesmo:

— Nada importa senão ir para a frente. O Medo vence-se com a força de vontade.

O enjoo passou-lhe. Avançou para o Senhor do Medo e gritou-lhe:

— Para trás, seu estúpido!

O Senhor do Medo parou, começou a piscar os olhos e sentou-se no chão.

— Para trás! — berrou o Franz. — Não ouviu?

E continuou a avançar para ele com os dentes cerrados, fazendo um esforço enorme de vontade para se dominar.

O Senhor do Medo levantou-se e começou a recuar. Estava tão pasmado que tinha a bocarra escancarada e babava-se todo.

O Franz foi caminhando para ele, e ele recuando sempre até que deu com as costas na parede e não pôde recuar mais.

Então o Franz, cada vez mais senhor de si, fez uma coisa extraordinária. Tinha percebido que o Senhor do Medo, à medida que recuava, amolecia todo como se fosse de gelatina. Quando o Franz o viu espalmado contra a parede, estendeu o braço, meteu-lhe a mão na horrível bocarra e, filando-lhe um dente, arrancou-lho.

— Ai! Ai! — gemeu o Senhor do Medo — , lá se me vai o meu melhor dente!

Caiu no chão, a chorar, e ali ficou em monte, como um enorme pudim esborrachado, muito nojento e malcheiroso, a derreter-se todo...

O Franz começou a rir. Afinal dera cabo do Senhor do Medo e sabia que nunca mais, nunca mais o Senhor do Medo poderia mandar nele. Dera cabo do Senhor do Medo

sem espada, sem luva de boxe, sem pistola, só pela força da sua Vontade e da sua Fé que são as melhores armas que a gente tem neste mundo. Nunca na sua vida o Franz se sentira mais feliz.

O Chico voltara a si. Retomara as suas cores; mas não se sentia contente.

— Fiz figura de urso, disse ele ao Franz.

— Qual história! — respondeu o Franz. — És tão valente como eu. Mas não te ensinaram o que me ensinaram a mim: que a verdadeira força é a gente saber mandar em si mesmo. Para a outra vez, já sabes. Agora vamos acudir a Dona Maluka.

Dona Maluka estava sentada no chão a esfregar os olhos. Ajudaram-na a levantar-se.

— O que foi? O que aconteceu? — perguntou ela. Depois reparou na pistola que estava no chão, enfureceu-se e deu-lhe um pontapé. A pistola foi pelo ar e caiu em cima daquele monte de lama fedorenta a que o Senhor do Medo estava reduzido.

Saíram os três para o corredor e foram andando. Encontraram a louva-a-deus, toda seca, encarquilhada, no chão, a chorar.

Não fizeram caso e seguiram o seu caminho. Mais adiante encontraram o Dick sentado num banco de pedra e rodeado de aranhas, de centopeias, de formigas e outros bichos que tinham diminuído de tamanho e não metiam pavor nenhum.

— Onde está o Senhor do Medo? — perguntou o Dick, todo enfiado. — Quero lá voltar.

— Não penses mais no Senhor do Medo — disse Dona Maluka. — O Franz transformou-o num pudim esborrachado. Cheira que é uma peste.

O Dick abaixou a cabeça, tristonho. Mas de repente endireitou-se, deu uma palmada no ombro de Franz e disse:

— És de uma cana!

Quando chegaram cá fora o Dragão apareceu-lhe logo. Deu uma lambedela na cabeça do Franz e disse:

— Esta ganhamos nós. Vamos ao resto. Saltaram-lhe todos para as costas e ele abalou a galope.

À medida que se afastavam do triste e medonho palácio, o nevoeiro dissipava-se, a relva tornava-se de um verde brilhante e a claridade era tamanha que tudo resplandecia. Andaram, andaram...

Por fim viram ao longe uma grande cidade e começaram a ouvir música.

A pouco e pouco divisaram uma enorme procissão que avançava para eles.

O Dragão parou; apearam — se e treparam todos para cima de um talude a fim de verem melhor a passagem daquele brilhantíssimo cortejo.

— Esta é a cidade da rainha Presunção, disse o Dragão. E ela vem aí em procissão seguida por todos aqueles que a servem. Não há realeza no mundo que tenha mais vassalos.

Começaram então a distinguir as primeiras figuras do cortejo: muitos homens com librés de cores vistosas e muitas bandeiras emblemas; grandes bandas de música atroando os ares; muitos carros enfeitados, e, atrás deles, um carro maior, aos degraus, em forma de trono altíssimo. Os degraus iam cobertos de tecidos de seda e ouro, e de

flores, e de homens e de mulheres todos tafulos e cheios de si olhando cá para baixo com muito desprezo. No cimo deste trono ia sentada uma mulher gordíssima, monstruosa, com cabeça de sapo, coroada de rainha, e com um grande manto de arminho. Abria e fechava a bocarra enorme, como os sapos costumam fazer, mas os olhos não eram lindos como os dos sapos, mas redondos, imóveis, frios e tão desdenhosos que apetecia dar-se um bofetão àquele estafermo e atirá-la do trono abaixo.

Atrás deste carro ia uma enorme multidão de gente; tão grande que parecia cobrir o mundo inteiro. Iam compositores de música, e músicos, e escritores, pintores, escultores, arquitetos, poetas, professores de todas as faculdades, sem conta, e sábios; e muitos atores, e inúmeros funcionários públicos aos encontrões uns aos outros, e ministros com fardas vistosas, e reis e rainhas, e comerciantes mascarados de fidalgos, e operários mascarados de comerciantes... era um nunca acabar.

Todos levavam correntes de ferro chumbadas em argolas nos tornozelos; e era tamanho o barulho das correntes a

arrastar, que até se ouvia por cima dos trombones, bombos e pratos das músicas.

Esta gente avançava com ares importantes, empurrando os vizinhos quanto mais podia para chegar aos lugares mais em vista; todos levavam coleiras de guizos, trelerim, trelerim, trelerim, e uns liam discursos enormes, sempre os mesmos, com palavras diferentes, outros cantavam, ou tocavam, ou mostravam quadros, e agitavam turíbulos de onde saía muito fumo de incenso...

Dona Maluka fartou-se depressa de ver aquilo. Começou com abrimentos de boca.

— Mas que gente é esta? — perguntou ela ao Dragão.

Dragão — É gente que sacrifica a sua vida à rainha Presunção, que só faz o que ela manda, que só trabalha em obras que ela premeia, que inventa talentos que não tem ou trai os que Deus lhe deu.

Dona Maluka — Mas que prémios dá esta ridícula rainha inchada, para que toda esta desgraçada gente a siga com tanto esforço e entusiasmo?

Dragão — O prémio é a licença de ir na procissão.

Dona Maluka — E é o bastante para fazer desta multidão um estúpido rebanho de escravos?

Dragão — Escolheram isto. Não tem outro fim na vida senão ir na procissão.

Nisto parou o cortejo. Viram avançar para eles quatro oficiais de fardas resplandecentes e com o peito coberto de condecorações. O primeiro dirigiu-se ao Franz, pôs-lhe na cabeça uma coroa de louros e disse assim com voz de papo:

— Homenagem ao vencedor do Senhor do Medo! A rainha Presunção convida-te a entrares no seu cortejo.

Os olhos de Franz começaram a brilhar. Corou de orgulho. Deu a mão ao oficial e entrou no cortejo.

O segundo oficial dirigiu-se ao Chico:

— Em nome da rainha Presunção, tenho a honra de te convidar para tomares o teu lugar no cortejo magnífico! Em ti brilham as qualidades dos teus antepassados descobridores de mundos. Os homens da tua terra trabalham pouco e falam muito. Mas são grandes homens cheios de importância; enchem as ruas da cidade de dia e

de noite, e sabem tudo, e explicam tudo, e estão sempre bem informados. O teu lugar... já está reservado.

O Chico inchou como um peru e entrou na procissão.

O terceiro oficial fez uma grande vénia ao Dick e disse-lhe assim:

— O teu lugar é dos primeiros no cortejo. Não há terra que dê mais vassalos do que a tua, à rainha Presunção.

O Dick empertigou-se todo e foi logo a correr. O quarto oficial encaminhou-se para Dona Maluka. Mas Dona Maluka desaparecera.

Enfastiara-se tanto daqueles discursos e de tudo que via e ouvia que se fora embora à procura de qualquer coisa mais divertida. Andara pelas ruas da cidade e vira um homem a trabalhar numa estátua de pedra.

— Por que não vai você no cortejo da rainha? — perguntou-lhe Dona Maluka.

— Quero cá saber de cortejos! — respondeu o homem. — Estou a contas com as pregas deste manto de pedra e não sou capaz de acertar.

— Deixe cá ver o escopro e o martelo, disse Dona Maluka.

E começou a trabalhar. O homem olhava com muita atenção para o que ela ia fazendo. Por fim foi buscar uma goiva e um martelo mais pequeno. E ali estavam os dois a batucar sem pensarem em mais nada. Eram dois artistas verdadeiros. Presunção não tinham nenhuma. A sua obra, o desejo imenso de conseguirem fazê-la conforme a tinham na ideia, a ânsia de perfeição, o amor da beleza, eram as coisas que contavam para eles. Importavam-se tanto com a procissão da rainha Presunção como um carreiro de formigas. Se pensavam na rainha Presunção, inchada como um odre e com a sua cara de sapo, era só para rirem dela às gargalhadas.

Passou-se muito tempo; ninguém sabe quanto tempo, porque naquele mundo não há relógios nem calendários.

Afinal Dona Maluka, empoeirada do pó da pedra que nem uma moleira, alagada em suor, com os braços e as mãos a doer, sentou-se num banco a descansar.

Nem ela nem o homem tiravam os olhos da estátua. O homem disse:

— Agora, sim... Agora o manto cai como deve cair.

— Aquela prega ainda não está ao meu gosto, respondeu Dona Maluka.

Nisto ouviram o grande suspiro do Dragão:

— Ú... gú... rú... ú... ú...

E ouviram-no chegar a trote com os três rapazes às costas.

O Dick, o Franz e o Chico vinham radiantes, muito empertigados, com as cabeças coroadas de louros e de flores, e no peito, grandes e vistosas condecorações que a rainha Presunção lhes tinha dado.

Atrás vinham os oficiais da rainha, de chapéus armados cheios de plumas, e muitos galões dourados nas costuras das fardas. Seguia-os muito povo estarrecido de admiração e uma banda de música fazendo barulho por três.

Um dos oficiais pegou num rolo de papel e começou a ler um discurso onde dizia, com muitos floreados e palavras difíceis, que a rainha Presunção se dignava convidar a grande artista de fama internacional, Dona Maluka.

Mas Dona Maluka interrompeu a leitura do discurso e disse ao oficial:

— Olhe, não esteja a perder tempo. Eu não quero saber dessas asneiras para nada. Vá bugiar!

Isto causou um grande escândalo. O Chico veio ao pé dela e disse-lhe ao ouvido:

— Não faça isso, Dona Maluka. Não imagina as atenções que eles tiveram connosco.

Franz, todo importante — Reconhecem o nosso merecimento.

Dick — São muito civilizados; sabem que os ingleses são superiores...

À medida que os ouvia, o fastio de Dona Maluka ia-se transformando em fúria. Interrompeu o Discurso:

— Seus grandessíssimos pedaços de asnos! — gritou ela fora de si. — Nunca ouvi tantas tolices em dias da minha vida. O que vocês precisavam era que eu lhes tirasse os calções e os desancasse a açoites! Aposto que já nem pensam em Dona Redonda, seus idiotas!

De repente calou-se, apontou para as coroas de louros e para as condecorações e desatou a rir com tanta vontade que o Dragão abriu as goelas e começou às gargalhadas.

E o artista da estátua ainda ria mais do que eles dois.

E o povo, que muda de opinião com muita rapidez, percebeu o ridículo de tudo aquilo e escangalhou-se a rir

também.

— Que espantalhos! — gritou Dona Maluka no meio das suas gargalhadas apontando para os rapazes.

Depois ficou séria e triste.

— Mal empregados! O que aquele estafermo da rainha Sapo fez dos meus queridos rapazes!

Os oficiais, indignados e corridos, viraram costas e foram-se embora seguidos pela banda de música a tocar como se nada fosse.

Mas o povo que tomara o partido de Dona Maluka, foi atrás deles a apupá-los e a atirar-lhes pedras, fazendo tal gritaria que até abafavam o barulho dos trombones, dos bombos e dos pratos. E como a procissão viesse a chegar àquela rua, o povo atirou-se ao carro da rainha e despedaçou-o; e a rainha caiu feita num feixe em cima de um carro de estrume que ia a passar. Toda a gente do acompanhamento deitou a fugir cada qual para seu lado e o povo em cima deles à pancadaria...

O Dragão ria que se fartava, todo contente e triunfante.

— Vencemos a rainha Presunção como vencemos o Senhor do Medo, disse ele. Infelizmente ninguém pode dar cabo deles de vez.

Os três rapazes tinham caído em si. Estavam tão envergonhados que nem se atreviam a levantar as cabeças. Tinham atirado ao chão com as coroas e as condecorações.

— Que estúpidos que nós fomos! — exclamou o Chico.

— Foi como se estivéssemos piteireiros, disse o Dick.

O Franz não disse nada, mas estava vermelho até à raiz dos cabelos.

Dragão — Reconhecermos que fizemos asneira, já é grande coisa. E agora vamo-nos embora, que ainda temos muito que andar.

Quando Dona Maluka ia a trepar para as costas do Dragão, o artista da estátua veio ao pé dela e dando-lhe o martelo, disse-lhe:

— Não sei quem você é, mas sei que é uma artista a valer. Pegue lá o martelo em lembrança deste bom trabalho que fizemos juntos.

A Dona Maluka, toda contente, agradeceu-lhe muito e meteu o martelo no cinto.

— Adeus! Adeus! — gritou ela ao artista. E o Dragão abalou a galope com tal rapidez que, em pouco tempo, perderam de vista a ridícula cidade da rainha Presunção.

CAPÍTULO 9

O FILTRO DA VIDA

Durante muito, muito tempo, o Dragão voou por cima das planícies e florestas, e sobre um grande mar, e sobre cidades e aldeias e desertos, sem nunca parar.

Por fim pousou num campo e largou a trote por uma estrada fóra, direito a um largo portão de ferro forjado lindíssimo. Para lá do portão estendia-se um parque enorme; fetos arbóreos, palmeiras de várias qualidades, castanheiros frondosos, alamedas de cedros imensos, a perder de vista.

Apareceu um porteiro fardado todo bem-falante cheio de cortesias.

— É aqui a casa de campo do duque do Luxo? perguntou-lhe o Dragão.

— Saberão V. Exa. que sim, senhor, respondeu o porteiro de boné na mão. — E o senhor duque espera V. Exa.. Façam

o favor de entrar.

No mesmo instante o Dragão transformou-se num automóvel de grande luxo; e Dona Maluka e os rapazes viram-se vestidos com elegantíssimos fatos de viagem.

O Chico ia a guiar.

Antes de entrarem para o automóvel, repararam que o porta-bagagem levava umas poucas de malas de pele de porco e de pergaminho com os seus fechos cromados.

— Que é isto agora? — perguntou Dona Maluka. Mas ia contente. Tirou de uma malinha de chagrin um pequeno estojo de ouro e começou a dar rouge nos beiços. Depois abriu uma carteirinha de tartaruga, escolheu um cigarro Abdullah de ponta carmesim e começou a fumar toda consolada.

— Que boas molas tem este carro! — disse o Franz já esquecido de que o automóvel era o Dragão.

Chico — Que marca é?

Dick — Ora essa! Não vês que é um Rolls?

Nunca tinham visto parque nem jardins mais lindos nem mais bem tratados em dias das suas vidas. Flores por toda a parte, buxos talhados de várias formas, estátuas de mármore, fontes de jaspe, riachos correndo sobre cascalhos de diferentes cores, estufas enormes cheias de orquídeas maravilhosas e de toda a espécie de flores e de frutos raros. O ar coado pelo arvoredo e todo salpicado de sol, era morno e perfumado.

— Estaremos no céu? — perguntou o Franz, encantado.

Dragão, transformado em Rolls, soltou um suspiro desesperado:

— Ú... gú... rú... ú... ú...

Ao fundo de uma larga e comprida alameda de enormes abetos, viram por fim o esplêndido solar... Uma fachada majestosa como de um palácio real; subindo até ao andar nobre uma imponente escadaria em dois lances, toda de mármore polido cor-de-rosa, ladeada de balaústres e de estátuas.

Apenas o Rolls parou, vieram dois lacaios pela escada abaixo, de calção, meias de seda, cordões brancos no peito

e cabeleiras empoadas. Um abriu a portinhola, outro estendeu o braço para Dona Maluka se apoiar ao descer. E apareceram criados fardados para tomarem conta das malas; e um chauffeur que levou o carro.

No alto da escadaria estavam outros lacaios e um respeitável mordomo que lhes fez os seus cumprimentos e os conduziu aos aposentos que lhes eram destinados. Atravessaram a casa de entrada, enorme: colunas, balaústres, tapeçarias lindas, troféus de caça, móveis de madeira preciosa. Foram por uma galeria muito larga e comprida de mármore e madeiras raras, cheia de quadros de grandíssimo valor e beleza. E outras salas tão esplêndidas e ricas que nem se podem descrever. Os tapetes eram de tal espessura que nem se ouviam os passos.

Cada aposento compunha-se de um grande quarto de cama, um quarto de banho, um quarto de toilette cheio de espelhos, e uma sala muito bem mobilada e confortável com a sua estante de livros, secretária, e tudo que era preciso, muito rico e de muito bom gosto. À porta de cada

aposento estava um criado para os servir, e uma criada para Dona Maluka.

Quando entraram, viram que as malas já estavam abertas e que os fatos que tinham de vestir para o jantar, já estavam preparados. Eram fatos esplêndidos e não faltava nada. E nos quartos de banho os banhos encontravam-se prontos com sais perfumados...

A Dona Maluka, o Franz e o Chico, julgavam-se no Paraíso. Gozavam de tudo aquilo com delícia. Parecia-lhes que não havia felicidade maior no mundo do que a doçura daquele luxo perfeito. Mas o Dick não estava contente. Todas aquelas comodidades maçavam-no. Gostava de fazer qualquer coisa. O gozo de tantas delícias, a moleza de uma vida onde ninguém se agitava nem tinha de fazer o menor esforço, enfastiava-o. Não dizia nada para não desconsolar os outros, mas pensava:

— Quando será que a gente se vê de aqui para fora?

Apenas acabaram de se vestir, tocaram a campainha, como o mordomo lhes recomendara. E ele apareceu logo e levou-os através de outras galerias e salas lindíssimas até

um salão do qual abriu a porta com muita solenidade, gritando o nome de cada um.

O duque do Luxo veio então ao seu encontro. Era um lindo homem admiravelmente vestido e de maneiras tão finas e perfeitas que parecia uma realeza.

Havia no salão muitas outras pessoas, todas muito elegantes e distintas, tão agradáveis que Dona Maluka e os rapazes se sentiram logo à vontade com eles. Eram também hóspedes do duque.

Daí a pouco, a Dona Maluka, o Franz e o Chico estavam conversando e rindo com eles, tomando maravilhosos cocktails, satisfeitíssimos da sua vida.

Mas o Dick dizia de si para si:

— Para que serve tudo isto? Grande estopada!

Porque o Dick não sabia conversar e só se divertia a jogar jogos de bolas ou fazer qualquer exercício.

O jantar foi uma delícia. Depois foram tomar café e licores num maravilhoso jardim de inverno. E todos, tendo comido e bebido muito bem, enterravam-se nas fofas

poltronas, recostavam-se nos cómodos divãs, regalados, conversando de coisas agradáveis, fumando preciosos charutos e cigarros, sem pensar em mais nada senão no gozo daquelas ricas e deliciosas comodidades.

O Dick andou por ali por um lado e pelo outro, muito aborrecido. Por fim encontrou a saída do jardim de inverno para o parque e esgueirou-se para fora.

Era sol-posto, mas havia ainda muita claridade. O parque também aborreceu o Dick com as suas alamedas muito bem tratadas e limpas, como os seus caminhos lajeados ou empedrados de cores diferentes, com os seus tanques de mármore onde nadavam peixes raros, e jardins cheios de plantas esquisitas.

— Que maçada! — pensava ele. — Estou farto de luxo até às pontas dos cabelos. Por mais que os homens façam, o que Deus faz é sempre mais bonito.

Tanto andou até que saiu do parque. Foi indo através de campos e entrou num bosque bravio e esgrouviado onde as árvores, os arbustos, as trepadeiras e as flores selvagens cresciam como queriam.

O Dick soltou um suspiro de alívio e foi andando, contente de pisar chão rude onde não havia senão carreiritos feitos pela passagem de coelhos e raposas. Atravessou aquele bosque e entrou noutros campos onde alguns pobres lavradores ainda andavam a lavrar a terra com arados de madeira e cantavam, muito satisfeitos, pensando no pãozinho que ali iam semear. E viu uma grande charneca, e casitas espalhadas por aqui e por acolá; casitas pobres das quais subia para o céu o fumo das lareiras onde se cozinhavam as ceias dos trabalhadores. Cheirava bem a lenha verde queimada, a currais e às sopas de couves e batatas.

O Dick começou a pensar em Dona Redonda. Como gostaria de a ter agora ao pé de si! Quanto tempo teriam de se demorar naquele maçador solar do duque? porque não continuavam depressa a sua jornada para salvarem Dona Redonda?...

Assim, sempre andando por ali fora ao acaso, sentindo-se feliz e livre, mas um pouco zangado com a moleza dos seus companheiros, o Dick meteu-se por um caminho trilhado pelos carros de bois. Foi dar a uma aldeiazita e parou à

porta de uma oficina de serralheiro. Lá dentro estava um homem a trabalhar:

— Ke-su-ka. Ke-su-ka a limar um ferro.

— Quer que eu o ajude? — perguntou o Dick muito interessado e vendo que o homem não tinha ajudante.

O homem levantou a cabeça, riu-se para ele e respondeu:

— Pois se queres, entra. O meu aprendiz está doente, e eu preciso de aquecer um ferro e não tenho quem dê ao fole da forja.

O Dick entrou todo contente. Despiu o casaco e toca a acender a forja e a dar ao fole:

— Tumba. Tumba. Catatumba.

Caía-lhe o suor pela cara abaixo e todo ele estava enfarruscado, mas contente que nem um pardal.

— Tumba. Tumba. Catatumba.

E o ferro começou a fazer-se encarnado e o serralheiro às marteladas nele, vira daqui, vira dali, muito habilidoso.

— Trás! Trás! Trás!

Assim trabalhara muito tempo. Era noite fechada quando o ferreiro acabou a obra.

O Dick estava preto do pó do carvão. Suava em bica, tinha os braços e as costas a doer e a camisa de seda toda cheia de buracos, queimada pelas fagulhas da forja. Mas sentia-se alegre que era um regalo.

O serralheiro disse-lhe:

— Deus te pague a ajuda que me deste. Pega lá isto em lembrança deste trabalho que fizemos juntos.

E deu-lhe uma chave muito linda e bem acabada.

O Dick agradeceu-lhe, meteu a chave no bolso e foi-se embora.

Andou, andou sem nunca achar o solar do duque. Por fim, cansado e cheio de sono, deitou-se debaixo de uma árvore e adormeceu à luz das estrelas, todo consolado da sua vida.

Acordou de manhã com um sopro quente na cara. Abriu os olhos e viu a cabeçorra do Dragão que se debruçava sobre ele, todo risonho. As suas costas levava Dona Maluka, Chico e Franz; nenhum deles disse nada e o Dick achou-

lhes umas caras esquisitas, mas estava tão satisfeito que não fez caso.

Saltou para as costas do Dragão e fez-lhe festas. Só quando já iam a caminho, se voltou para os companheiros e lhes disse:

— Então que é isso? Estão tristes? Têm saudades do duque e do seu luxo? Peço desculpa de os ter deixado, mas não gosto de tal vida.

Franz — E tu é que tens razão. Tenho bastante pena de me não ter safado contigo. Mas não sei o que me deu. Aquilo sabia tão bem!...

Dona Maluka — A gente gostou tanto... que até perdeu as forças para de lá se arrancar. Foi uma vergonha.

Chico — Só ao cabo de um mês.

Dick, espantado — Um mês?...

Franz — Um mês... ou um ano... ou mais. Nem sei. Foi preciso todo esse tempo para a gente perceber que aquilo não servia de nada.

Chico — Era como andar a puxar à nora, à roda, à roda, sempre no mesmo sítio.

Dona Maluka — Não é para gente como nós. Tu é que andaste com juízo, Dick.

Dragão — O Senhor do Medo, a rainha Presunção, o duque do Luxo... tudo isso já nos ficou para trás. Tudo vai bem. Já falta pouco.

Nisto entraram numa nuvem negra onde havia tanto vento e chuva que nem podiam conversar.

Assim foram voando, voando.

Por fim o Dragão começou a descer e viram uma grande cidade. O Dragão pousou num largo e transformou-se logo numa carroça com o seu cavalicoque. O Dick ia a guiar e todos os outros dentro. E assim foram avançando a passo sobre as pedras desiguais das ruas daquela cidade feia, cheia do fumo das fábricas e da miséria dos homens.

Era de noite e as ruas estavam mal iluminadas a petróleo, um candeeiro aqui outro acolá.

Iam a passar em frente de um portão muito velho e escalavrado, quando ouviram gritos:

— Ai! que me querem matar! Acudam! Acudam!

O Dick puxou as rédeas e saltaram todos da carrinhola. O portão estava entreaberto. O Chico empurrou-o e entraram num pátio escuro, atravancado com ferros-velhos, pipas e caixotes esbarrondados, latas ferrugentas, montes de trapos e de papéis sujos. Pelo meio de todo esse lixo, lobrigaram duas sombras que se esgueiravam, a fugir. Foram atrás delas e viram que eram dois homens.

O Chico e o Dick ainda deitaram mão a um mas ele sacudiu-os com tanta força que foram ambos ao chão. O Franz deu um salto para as costas do outro homem, mas o primeiro foi por trás, arrancou o Franz e atirou-o também de cangalhas. A Dona Maluka começou a atirar com mão certeira à cabeça dos dois malandrins, com tudo que encontrou: latas velhas, arcos de pipas ferrugentas, mãos-cheias de trapos.

Mas os dois figurões saltaram o muro e desapareceram.

Lá no fundo do pátio continuavam os gritos e os gemidos:

— Ai! que me mataram! Ai, que me roubaram! Quem acode! Ó da guarda!

Dona Maluka e os rapazes correram para o sítio donde partiam estas queixas. Viram uma portinha aberta que dava para uma escada estreita. A escada rangia e abalava sob o peso de Dona Maluka e dos rapazes como se estivesse quase a cair. E chegaram a um quarto muito miserável e sujo, onde viram um velho todo esfarrapado sentado no chão a chorar e a gemer. Tinha o nariz adunco como o de um papagaio, uma grande barba sujíssima e canudos de cabelo encaracolado que lhe desciam dos dois lados da cara. Os olhos eram duas gretinhas, muito pretos e brilhantes, carregados de desconfiança e de manha.

Dona Maluka, ajudando-o a levantar-se do chão e a sentar-se num banco — Então que é isso? Que aconteceu?

O velho — Dois malditos ladrões vieram para me roubar... Felizmente ouviram gente que vinha acudir-me, e safaram-se.

Franz — Fizeram-lhe mal?

O velho, a tremer de medo — Não me tocaram. Mas eu pensei que me iam roubar.

Dick — Mas você gritava que o estavam a matar.

O velho, cheio de raiva — Pois antes queria que me matassem do que me roubassem... Roubarem-me! A mim! Tirarem-me o que juntei com tanto trabalho e amor durante a vida toda!

Chico — Mas roubaram o quê? Que tinham eles de roubar?

O Chico e os seus companheiros olhavam em volta de si espantados. Era só aquele quarto, não viam outra porta senão aquela por onde tinham entrado. E no quarto só havia um miserável catre, uma enxerga esfarrapada, uma velha manta nojenta; e, a um canto, um fogareiro de barro com um tacho contendo restos de comida que nem um cão aceitaria. E o quarto cheirava tão mal que enjoava.

— Este pobre velho está doido, disse Dona Maluka baixinho.

— Mas a gente viu os dois ladrões, disse o Franz.

Dick — E ainda me dói este braço do safanão que apanhei.

Chico, rindo — Talvez fossem ladrões, mas com certeza não vinham roubar neste quarto.

Ainda que falassem baixo, o velho que era espertíssimo, ouviu a conversa. Pôs-se em pé, todo a tremer de paixão. Subiu-lhe uma onda de sangue ao rosto e ficou todo

vermelho, nariz e tudo. Era pequenito e magríssimo. Levantou os braços agitando no ar os punhos fechados.

— Nada que roubar! Essa é boa! Que criancice! Oh venham ver se há que roubar ou não em casa do grande Isaac, rei dos Avarentos!

Caminhou para um canto do quarto e afastando uma manta esfarrapada pendurada em dois pregos, descobriu uma porta estreita e abriu-a com uma chave de segredo que trazia escondida no peito. Entrou primeiro, e disse-lhes que o seguissem.

Dona Maluka e os rapazes apenas passaram a porta, estacaram, tão sufocados de espanto que nem podiam falar.

O velho tocara num botão elétrico e a sala enorme onde estavam, iluminara-se toda. Ninguém imaginaria que tanta riqueza se pudesse amontoar em tão pouco espaço. Eram sacos de seis alqueires a transbordar de moedas de ouro e de prata; eram montes de barras de ouro; eram grandes arcas e baús abertos cheios de diamantes, rubis, esmeraldas e outras pedras preciosas; tabuleiros carregados de pérolas; cofres e mais cofres atafulhados de

joias montadas, broches, pulseiras, diademas, colares, anéis. E montes de tecidos de ouro e prata, de brocados e veludos antigos, de sedas e rendas e bordados riquíssimos. E prateleiras a vergarem ao peso de baixelas de ouro e prata, e lâmpadas de ouro e prata, e taças enormes cravejadas de pedrarias, e armas de preço incalculável, e cofres de marfim e outros de madeiras preciosas. Um nunca acabar!

Tudo aquilo luzia como milhões de estrelas de todas as cores.

O velho ia de uma coisa para a outra, pegava num objeto, fazia-lhe festas, ia beijar outro, enterrava os braços nos sacos de ouro e nas arcas de diamantes, todo a tremer, a rir e a chorar de comoção. E dizia assim:

— Então há ou não há que roubar em casa do velho Isaac, rei dos Avarentos? Aqui está, aqui está o trabalho da minha vida toda! E não há amor na terra que se compare ao que eu tenho pelos meus tesouros! Ganhei-o a emprestar a juros altíssimos, ganhei-o a roubar... Por todas as partes do mundo onde há gente aflita, lá apareço eu a comprar por cinco réis o que vale milhões! Lá aparece o velho Isaac a

dar um pedaço de pão duro por um diadema de brilhantes, a intrujar, a enganar, a roubar, a roubar... a juntar cada vez mais, sem-fim. Sou o rei dos Avarentos! Dizem que não tenho coração... Hé! Hé! Hé! Que importa? Se tenho isto? Sou o rei mais rico da terra! E o que vocês estão a ver é só uma parte. Por debaixo desta casa tenho subterrâneos cheios, cheios, cheios.

Chico, enjoado — Mas de que lhe serve isso? Você vive na miséria e não faz bem a ninguém.

O Rei dos Avarentos — Hé! Hé! Hé! És um idiota! E o gozo de contar o dinheiro, de apalpar os tecidos, de ver, de mexer em todas estas coisas que são minhas, só minhas, muito minhas, e de mais ninguém...

E o horrível velho com os olhos a brilhar como dois carvões acesos e o grande nariz todo curvo sobre a boca desdentada, continuava a acariciar as suas riquezas.

— É doido... e é nojento, disse o Chico, encolhendo os ombros.

Mas os outros não lhe responderam. O Franz estava embasbacado em frente de uma mesa carregada de armas:

espadas, punhais com punhos de ouro e esmaltes e pedras preciosas.

— Que lindo! Que riqueza! — dizia ele com os olhos a brilhar.

Dona Maluka ajoelhara em frente de um banco onde pousava uma taça enorme de ouro cinzelado e enfeitada com esmeraldas e rubis muito grandes.

— Que maravilha! — exclamava ela. — Que fortuna possuir uma tal obra de arte!

O Dick não dizia nada, mas não tirava os olhos de um cofre cheio de brilhantes. Pensava:

— Duas ou três destas pedras maiores seria o suficiente para se começar um grande negócio...

O Chico olhava para eles espantado e triste de os ver tão presos àquelas riquezas, quando ouviu a voz do velho a rir o seu riso horrível de cegarrega:

— Hé! Hé! Hé! Já que vocês espantaram os ladrões que me vinham roubar, quero que levem daqui uma lembrança.

Deu a taça a Dona Maluka, um riquíssimo punhal ao Franz e um punhado de brilhantes ao Dick. E eles sentaram-se no chão, cada qual em frente do seu tesouro, a olhar para ele como se nada mais existisse no mundo.

O Chico soltou um grande suspiro: fazia-lhe pena ver os seus amigos tão enfeitiçados pela riqueza. Deu um encontrão ao rei dos Avarentos que lhe oferecia um maravilhoso colar de pérolas. O velho caiu e o Chico atirou-lhe com o colar à cara e saiu daquela casa malcheirosa onde lhe faltava o ar. Aquelas riquezas não o interessavam. Não tinha vontade de possuir tesouros.

Em frente do portão não viu a carroça que era o Dragão. Meteu as mãos nos bolsos e foi andando pelas ruas ao acaso, pensando em Dona Redonda.

A cidade era uma cidade como outra qualquer. Ruas estreitas, ruas largas, pobreza, automóveis, trâmueis, polícias, sinaleiros, gente a circular, lojas, cafés, cinemas, teatros.

Como já era tarde os cafés começavam a fechar. Ia o Chico a passar em frente de um deles, quando viu qualquer

coisa a mexer no passeio em frente desse café onde os criados tinham arrumado as mesas e as cadeiras. Aproximou-se para ver o que era.

Era um homem esfarrapado, todo enrolado debaixo de uma mesa como um cão. Ficou muito assustado a olhar para o Chico:

— Ó meu senhor, disse ele. — não chame o polícia. Eu não faço mal a ninguém. Meti-me aqui debaixo desta mesa porque faz menos frio e estou mais abrigado da chuva. Mas vou-me já embora.

Estava muito magro e tinha cara de fome. O Chico disse-lhe:

— Não tenhas medo de mim, irmão. Desconfio que estás com fome. Vem daí comigo.

O Chico meteu disfarçadamente a mão no bolso e viu que ainda lá tinha um dinheirozito que trazia sempre consigo e que era toda a sua fortuna. Levou o homem a uma tasca, sentou — se a uma mesa com ele e encomendou uma boa porção de iscas com batatas, pão e uma garrafa de vinho. Não tinha fome nenhuma e fingia que comia para pôr o

outro à vontade. O homem devorava; comeu a sua porção e a do Chico, um pão inteiro e bebeu dois copos de vinho. Parecia outro. Até sorria.

— Não podes trabalhar? — perguntou o Chico.

— Posso, sim, senhor, respondeu o homem. E não é para me gabar, mas sou um bom trabalhador. O que é, é que estive muito tempo sem poder mexer este braço e caí na miséria; e agora ando tão maltrapilho que todos desconfiam de mim e não me querem dar trabalho.

O Chico pagou a ceia com os últimos vinténs que tinha e levou o homem para debaixo do arco de uma ponte que ali havia perto. Aí, despiu o casaco, uma camisola grossa de lã e a camisa. Disse ao homem que tirasse os farrapos que o cobriam e se vestisse com o fato que ele acabava de despir. O homem estava tão pasmado e tão contente que nem se lembrava de agradecer. Lavou-se no rio e vestiu-se com o fato do Chico.

— Agora já não sou um pedinte, dizia ele. Amanhã já me vão dar trabalho.

Não pensava em agradecer, tal era a sua alegria. Nem o Chico esperava agradecimentos, nem de tal se lembrava.

Estava ainda mais feliz do que o homem. Nu em pêlo da cintura para cima, só com os calções, a tiritar de frio, ia-se já embora satisfeito da sua vida, quando o homem chamou por ele:

— Espere lá. Vou-lhe dar a única coisa que tenho neste mundo.

Meteu a mão num saco todo roto e tirou de lá um naco de pão duro como uma pedra e todo bolorento.

O Chico pôs-se a rir. Agradeceu-lhe, e metendo o naco de pão num dos bolsos dos calções, abalou.

Subiu a ribanceira e encontrou-se numa rua deserta. Soprava uma nortada rija.

— Apre! — disse o Chico consigo. — Sempre está um frio!

No mesmo instante ouviu atrás de si uma galopada e, voltando-se, viu chegar o Dragão com Dona Maluka, o Dick e o Franz, às costas.

Dona Maluka — Então que é isto? O que aconteceu, Chico? porque estás assim nu?

Chico, todo contente — Não foi nada. Perdi o casaco e a camisa.

O Dragão piscou-lhe o olho e desatou a rir. Adivinhou tudo. Pôs-se a lamber o Chico; depois de todo lambido, o Chico não sentiu mais frio nenhum.

Ia romper o dia e o Chico reparou que nenhum deles trazia os presentes que o rei dos Avarentos lhes dera. Ia a

perguntar porquê, mas o Dragão disse-lhe ao ouvido:

— Quando iam a sair, o rei dos Avarentos convidou-os a jogar as cartas com ele, dizendo-lhes que naquele jogo podiam ganhar muitas riquezas. Jogaram e o mariola fez batota e eles perderam as prendas e ainda por cima o Dick perdeu o relógio, Dona Maluka a pulseira que tinha e o Franz o seu anel. Ficaram sem nada. Mas é melhor não falar nisso porque eles estão envergonhados da figura que fizeram com as riquezas, e furiosos contra o rei dos Avarentos.

O Chico calou-se muito bem calado e saltando todos para as costas do Dragão, abalaram pelos ares fora.

O Dragão voou, voou... Parecia que nunca mais acabava de voar.

Por fim muito ao longe, sobre uma montanha altíssima, viram uma grande fortaleza. As suas grossas muralhas formavam um triângulo; em cada ângulo erguia-se uma torre quadrada; ao centro estava o castelo com a sua torre de menagem, redonda, que tocava nas nuvens.

Quando já ia perto do castelo, o Dragão pousou e continuou o caminho a galope. Daí a pouco chegaram à porta da primeira torre. Não havia sentinela. Não havia viva alma. Perceberam logo que era uma fortaleza encantada.

A porta da torre de ferro estava fechada com um cadeado tão grande e forte que não havia esperança nenhuma de o poderem quebrar. Todos experimentaram e atiraram-lhe pedregulhos e fizeram tudo que puderam, mas não conseguiram nada. Então o Dragão disse ao Franz:

— Porque não experimentas quebrar o cadeado com o dente que arrancaste ao Senhor do Medo?

O Franz tirou o dente do bolso. Era um dente enorme, do feitio de um dente de elefante e, de um lado, era dentado como uma serra.

O Franz começou a limar o cadeado com o dente, muito certo de conseguir o que queria; e daí a pouco com grande admiração de todos, o cadeado caiu no chão.

Entraram. Mas a torre tinha só uma saída que dava para um corredor aberto na espessura da muralha. Meteram por

esse corredor fora e daí a pouco chegaram à porta da segunda torre.

A porta era de ferro e estava fechada com uma grossíssima tranca. Quiseram levantar a tranca, com jeito e à força, de todas as maneiras, mas não conseguiram.

Então o Dragão disse à Dona Maluka:

— De que serve esse martelo que tens aí à cinta? Dona Maluka percebeu logo e pegando no martelo e dando com ele uma grande pancada na tranca, partiu-a em mil pedaços como se ela fosse de vidro.

Entraram na segunda torre, mas só encontraram uma saída; e era para o corredor aberto na espessura da muralha. Seguiam por esse corredor fora e chegaram em frente da porta da terceira torre. A porta era de ferro, fechada com uma fortíssima fechadura.

Ficaram a olhar para ela sem saber como tinham de a arrombar.

— Dick, disse o Dragão.

Não foi preciso mais nada porque o Dick já tinha percebido. Tirou do bolso a chave que o serralheiro lhe dera, e abriu a porta.

Entraram na terceira torre e viram que numa das paredes havia um arco que dava sobre um enorme terreiro, no meio do qual se erguia o castelo.

Mas iam tão cansados e deu-lhes de repente uma fome tamanha e uma tal fraqueza que tiveram de se sentar no chão; e nem se podiam mexer. O Dragão deitou-se e ficou tão quieto que parecia morto; mas pelo canto do olho, não perdia o Chico de vista.

— Ó meu Deus! — disse Dona Maluka. — Pois iremos todos morrer aqui de fome e de cansaço, depois de termos vencido tantos perigos?

Nisto o Chico, quase sem sentidos, tombou para o lado; e, ao cair, sentiu uma coisa dura a magoá-lo numa coxa. Levou a mão ao bolso e encontrou lá o naco de pão bolorento que lhe dera o homem debaixo da ponte.

— Tenho aqui este pedacito de pão. — disse ele aos seus companheiros.

No mesmo instante o naco de pão duro e bolorento transformou-se num merendeiro todo lourinho e ainda quente do forno.

Cada um deu a sua dentada no merendeiro e logo se sentiram fartos e cheios de vida. Levantaram-se do chão e correram para o castelo.

— O filtro encantado que há de salvar Dona Redonda, disse o Dragão todo radiante, está no alto da torre de menagem.

Subiram a escada de caracol pela torre acima. A escada parecia não ter fim. Quando começavam a cansar-se davam uma dentada no merendeiro do Chico e logo lhes voltavam as forças.

Ao chegarem lá acima, viram-se numa grande sala redonda. Ao meio estava uma enorme mesa de bronze; em cima dela, uma mais pequena, de prata; em cima desta, uma ainda mais pequena de ouro; e em cima desta última mesa estava um frasco de cristal com uma estrela dentro.

A estrela brilhava como um sol e era a coisa mais linda que se podia ver.

Dona Maluka encostou os braços à mesa de bronze que lhe dava pelo pescoço; o Franz trepou-lhe para os ombros, o Dick para os ombros do Franz, o Chico para os ombros do Dick. Assim o Chico chegava ao frasco. Estendeu o braço, pegou com muito jeito naquela coisa preciosa que ia salvar Dona Redonda. Apertou o frasco contra o peito.

Neste mesmo instante, sem ninguém saber como, desapareceram as mesas, e o castelo, e as torres e a muralha. Tudo desapareceu.

Dona Maluka e os três rapazes viram-se no meio do seu querido pinhal, na Encruzilhada dos Cedros.

O Dragão que se tornara do tamanho de um burro e estava todo azul com as asas douradas, olhava para eles com a bocarra escancarada num grande sorriso. E o Chico tinha o frasco de cristal apertado com toda a força contra o coração.

Estamos na Encruzilhada dos Cedros, disse Dona Maluka escusadamente, pois todos sabiam muito bem onde estavam.

E o Dick acrescentou, radiante:

— Ali. muito perto... está a casa branca e verde!

— Gúrú... Hú! Hú! Hú!... — riu o Dragão.

E apontou para o alto de um penedo que ali havia. E viram a alma de Dona Redonda toda risonha e a brilhar, a brilhar ao sol.

— Dá-me o filtro, disse ela ao Chico.

O Chico deu-lho logo e ela abriu as asas e voou direita à casa branca e verde.

Ficaram um momento atordoados. Tinham-se passado tantas coisas em tão pouco tempo, que as ideias se lhes embrulhavam. Mas o Dragão, que sabia sempre muito bem o que havia de fazer, meteu-se pelo mato seguindo o carreiro que todos conheciam, e gritou aos companheiros:

— Venham daí. Venham depressa!

E foram todos atrás dele com os corações a bater, a bater.

Ouviram o vozeirão do Tritão:

— Báu! Báu! Dona Redonda!

E o ladrar esganiçado dos Pikis:

— Béu! Béu! Dona Redonda!...

E a voz aguda da Zipriti:

— Ai! Ai! Dona Redonda! Zipriti não pode correr, não! Ai! Ai!

E o chilrear do Bonda e o seu riso fininho:

— Hil Hi! Hi! Dona Redonda! Tch... Tch... Tch.

Dona Maluka encostou-se aos rapazes; tinha as pernas a tremer de comoção.

E então viram Dona Redonda a correr para eles de braços abertos. A verdadeira Dona Redonda, inteira como dantes, toda radiante.

Atrás dela vinha a Zipriti aos berros com medo de ficar para trás; e o Bonda, a trote, com a boca escancarada de riso até às orelhas e os dentes muito brancos a luzir; e o Tritão e os Pikis a galope e aos saltos, a ladrar e a rir.

— Dona Redonda! Dona Redonda! Dona Redonda.

Ninguém podia dizer mais nada.

Dona Maluka e os rapazes atiraram-se ao pescoço de Dona Redonda aos abraços com tal ímpeto que por pouco não foram todos ao chão; e o Mos trengo lambia-os a todos, a torto e a direito com tal entusiasmo que andou para lhes rasgar os fatos.

E o Tritão, os Pikis e a Zipriti faziam tal barulho que já ninguém se entendia. E o Bonda ria e chorava ao mesmo tempo.

Quando toda aquela barafunda serenou, foram todos para a casa branca e verde.

A mesa estava posta no alpendre com um almoço... que almoço!

E todo aquele santo dia não fizeram mais nada senão contar a Dona Redonda o que se tinha passado, e comer, e beber, e dançar, e divertir-se.

FIM